

**EDUARDO T. R. AMARAL
JÂNIA M. RAMOS**

**NOMES
GERAIS
NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Faculdade de Letras da UFMG

**NOMES GERAIS
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

EDUARDO TADEU ROQUE AMARAL

JÂNIA MARTINS RAMOS

NOMES GERAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

BELO HORIZONTE

FALE/UFMG

2014

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

DIRETORA: Graciela Inés Ravetti de Gómez
VICE-DIRETOR: Rui Rothe-Neves

Comissão Editorial da Câmara de Pesquisa

Marcos Rogério Cordeiro Fernandes (Presidente)
Aléxia Teles Duchowny
Eduardo Tadeu Roque Amaral
Luiz Fernando Ferreira Sá
Matheus Trevizam
Silvana Maria Pessoa de Oliveira

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A485n Amaral, Eduardo Tadeu Roque,
Nomes gerais no português brasileiro / Eduardo Tadeu Roque
Amaral, Jânia Martins Ramos. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras
da UFMG, 2014.

151 p. : il.
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7758-247-1

1. Língua portuguesa – Etimologia – Nomes. 2. Língua portuguesa
– Variação – Brasil. 3. Mudanças linguísticas. 4. Língua portuguesa –
Lexicografia. 5. Língua portuguesa – Português falado – Brasil. I. Ramos,
Jânia Martins. II. Título.

CDD : 469.798

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Significados da palavra <i>trem</i> em três séculos de história da língua portuguesa	28
FIGURA 2 - Conjunto dos itens identificados como nomes gerais	31
FIGURA 3 - Gráfico com a frequência do item por milhão de palavras no Corpus Brasileiro.....	34
FIGURA 4 - Conjunto dos nomes gerais no Português Brasileiro.....	38
FIGURA 5 - Gráfico com a distribuição da variante <i>trem</i> conforme a faixa etária dos informantes.....	108
FIGURA 6 - Quadro comparativo das propriedades de nomes e pronomes.....	135
FIGURA 7 - Quadro com a síntese das propriedades semânticas, fonológicas e morfológicas apresentadas nos capítulos 1-6.....	136
FIGURA 8 - Quadro com as propriedades discursivas dos nomes gerais no Português Brasileiro	137

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Distribuição do corpus por localidade e por número de palavras.....	39
TABELA 2 - Distribuição das variantes <i>trem</i> e <i>coisa</i> , conforme o gênero do informante.....	106
TABELA 3 - Distribuição das variantes conforme a faixa etária do informante.....	107
TABELA 4 - Distribuição das variantes <i>trem</i> e <i>coisa</i> , conforme a presença do determinante.....	109
TABELA 5 - Distribuição das variantes <i>negócio</i> e <i>coisa</i> , conforme a faixa etária do informante.....	110
TABELA 6 - Distribuição das variantes <i>negócio</i> e <i>coisa</i> , conforme o a função sintática na sentença.....	111

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO 1	
OS NOMES GERAIS: CONCEITUAÇÕES E PROPRIEDADES	19
INTRODUÇÃO	19
1.1 PROPRIEDADES ESTRUTURAIS	22
1.2 PROPRIEDADES DISCURSIVAS	24
1.3 OUTRAS FUNÇÕES	26
1.4 ORIGEM.....	27
CONCLUSÕES.....	30
CAPÍTULO 2	
REFERÊNCIAS A NOMES GERAIS EM ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO	33
INTRODUÇÃO	33
2.1 FREQUÊNCIAS.....	33
2.2 NOMES GERAIS NA BIBLIOGRAFIA RECENTE.....	36
2.3 DIRETRIZES DOS NOVOS CAPÍTULOS	37
CONCLUSÕES.....	40

CAPÍTULO 3

O ITEM COISA	41
INTRODUÇÃO	41
3.1 O ITEM <i>COISA</i> NA LINGUAGEM JURÍDICA	42
3.2 OCORRÊNCIAS DO NOME GERAL <i>COISA</i> NO <i>CORPUS</i> ANALISADO	44
3.2.1 As realizações morfológicas	44
3.2.1.1 Número	44
3.2.1.2 Gênero	46
3.2.1.3 Grau.....	47
3.2.2 A distribuição na sentença	47
3.2.2.1 Material à esquerda	48
3.2.2.2 Material à direita.....	49
3.2.2.3 Outros comportamentos sintáticos	50
3.2.2.3.1 <i>Adjetivo</i>	50
3.2.2.3.2 <i>Advérbio</i>	51
3.2.3 Descrição semântica	51
3.2.3.1 A referência a entidades inanimadas e animadas	51
3.2.3.1.1 <i>A referência a pessoas</i>	52
3.2.4 Expressões fixas.....	55
3.2.5 Aspectos textuais: o nome geral <i>coisa</i> e a <i>foricidade</i>	56
CONCLUSÕES.....	58

CAPÍTULO 4

O ITEM <i>NEGÓCIO</i>	61
INTRODUÇÃO	61
4.1 O ITEM <i>NEGÓCIO</i> NA LINGUAGEM	63
4.2 OCORRÊNCIAS DO NOME GERAL <i>NEGÓCIO</i> NO CORPUS ANALISADO	64
4.2.1 As realizações morfológicas	64
4.2.2.1 Número	65
4.2.2 A distribuição na sentença	66
4.2.2.1 Material à esquerda	66
4.2.2.2 Material à direita.....	67
4.2.2.3 Comportamento sintático	68
4.2.2.3.1 <i>Verbo</i>	69
4.2.3 Descrição semântica	69
4.2.3.1 A referência a entidades inanimadas.....	70
4.2.3.2 A referência a pessoas.....	71
4.2.4 Expressões fixas.....	71
4.2.5 Aspectos textuais: o nome geral <i>negócio</i> e a <i>foricidade</i>	71
CONCLUSÕES.....	74

CAPÍTULO 5

O ITEM <i>TREM</i>	75
5.1 OCORRÊNCIAS DO NOME GERAL <i>TREM</i> NO CORPUS ANALISADO.....	76
5.1.1 As realizações morfológicas	76
5.1.2 As realizações sonoras.....	77
5.1.3 A distribuição na sentença	77

5.1.4	Descrição semântica	78
5.2	ASPECTOS TEXTUAIS.....	79
5.2.1	O nome geral <i>trem</i> e a <i>foricidade</i>	79
	CONCLUSÕES.....	81

CAPÍTULO 6

0 ITEM PESSOA	83
INTRODUÇÃO	83
6.1 O ITEM <i>PESSOA</i> NA LINGUAGEM JURÍDICA	84
6.2 OCORRÊNCIAS DO NOME GERAL <i>PESSOA</i> NO CORPUS ANALISADO	86
6.2.1 As realizações morfológicas	86
6.2.2.1 Número.....	87
6.2.2 A distribuição na sentença	88
6.2.2.1 Material à esquerda.....	89
6.2.2.2 Material à direita.....	90
6.2.2.3 Comportamento sintático	90
6.2.3 Descrição semântica	90
6.2.3.1 A especificidade.....	92
6.2.3.2 As construções copulativas	94
6.2.4 Expressões fixas	94
6.2.5 Aspectos textuais: o nome geral <i>pessoa</i> e a <i>foricidade</i>	95
CONCLUSÕES.....	99

CAPÍTULO 7

NOMES GERAIS EM VARIAÇÃO	101
INTRODUÇÃO	101
7.1 O MODELO VARIACIONISTA	102
7.2 AS VARIANTES <i>COISA</i> E <i>TREM</i>	105
7.3 AS VARIANTES <i>COISA</i> E <i>NEGÓCIO</i>	109
7.4 REVISITANDO NOSSA AMOSTRA	112
7.4.1 Contextos em que o nome geral <i>coisa</i> não entra em competição com os itens <i>trem</i> e <i>negócio</i>	112
7.4.1.1 Grupo de <i>coisa</i> como um item lexical <i>coringa</i>	113
7.4.1.2 Grupo das construções comparativas com <i>de</i>	113
7.4.1.3 Grupo das construções comparativas	114
7.4.1.4 Grupo das construções com verbo de alçamento	115
7.4.1.5 Grupo com a presença de modificador à esquerda	116
CONCLUSÕES.....	117

CAPÍTULO 8

EVOLUÇÃO DIACRÔNICA DOS NOMES GERAIS	119
INTRODUÇÃO	119
8.1 TREM	120
8.2 COISA.....	121
8.3 NEGÓCIO.....	123
8.4 PESSOA	124
8.5 COMPARANDO OS VERBETES	125
CONCLUSÕES.....	127

CAPÍTULO 9

EM BUSCA DE UMA SÍNTESE	129
9.1 FREQUÊNCIA E DIFUSÃO	129
9.2 TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO.....	130
9.3 PROPRIEDADES MORFOLÓGICAS.....	130
9.4 PROPRIEDADES SEMÂNTICAS.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
 REFERÊNCIAS	 141
 OS AUTORES	 153

Apresentação

Este livro trata dos nomes gerais. Esse tema não tem sido objeto de estudos sistemáticos no Brasil. Há referências em trabalhos sobre coesão textual, mas, nessas obras, os nomes gerais recebem tratamento superficial, acompanhados de brevíssima exemplificação. Há ainda referências sucintas em livros de semântica, identificando-os como nomes genéricos. Neste livro, temos o propósito de apresentar uma síntese do tema e propor análises para dados do português brasileiro, extraídos de corpora de língua falada.

Do ponto de vista teórico, as seguintes indagações foram formuladas: Se nomes gerais dão origem a pronomes (Egerland, 2003), que processos ou operações atuam? Supondo-se que nomes gerais são reanalisados como pronomes, que traços estariam envolvidos nesta operação?¹ Do ponto de vista diacrônico, o que a trajetória *nome* > *nome geral* > *pronome* informa sobre a origem e desenvolvimento de mudanças linguísticas? Qual o gatilho dessa mudança? Por que, em algumas línguas, alguns nomes gerais se tornam pronomes, ao passo que outros ou se mantêm como tal ou entram em desuso? O que dizer das mudanças semânticas operadas na trajetória *nome* > *nome geral*?²

¹ Estudos formais de gramaticalização, embora não tomem nomes gerais como objeto, argumentam a favor de que o processo de pronominalização conteria as seguintes reanálises: DP > N° > D° (GELDEREN, 2004). Conforme veremos, nomes gerais se realizam como sintagmas (DP) e núcleos nominais (N°).

² Estudos sobre mudança semântica mostram que nomes gerais se distinguem dos demais nomes por serem esvaziados de conteúdo descritivo (EGERLAND, 2003). E apontam uma semelhança: nomes gerais adquirem referência no contexto, semelhantemente ao que se verifica aos pronomes, embora os primeiros sejam menos esvaziados que os últimos (GIACALONE e SANSÒ, 2007, p. 101). Focalizando mudanças semânticas, os estudos de gramaticalização argumentam que haveria um percurso que exemplificaria o processo de desbotamento semântico (*bleaching*).

No sentido de avançar no debate teórico a respeito destas e de outras questões, este livro foi dividido em nove capítulos. O capítulo 1 apresenta as conceituações dos nomes gerais e são arroladas suas principais propriedades estruturais e discursivas. O capítulo 2 fornece um balanço das contribuições ao tema em pesquisas sobre constituição do léxico e sua frequência, anáforas e seus subtipos e processo de gramaticalização, que tomam o português brasileiro como objeto. Ainda nesse capítulo, descrevemos os *corpora* dos quais foram extraídos os dados analisados.

Os quatro capítulos seguintes tomam como objeto, respectivamente, quatro nomes gerais: *coisa*, *negócio*, *trem* e *pessoa*. Descrevem-se suas realizações morfológicas, distribuição na sentença e traços semânticos. Investiga-se sua presença na linguagem jurídica, a participação em expressões fixas, e seu comportamento discursivo.

O capítulo 7 apresenta uma análise variacionista dos nomes gerais. Inicialmente, são discutidas questões teóricas e metodológicas relacionadas ao modelo de análise adotado e, em seguida, são interpretados os resultados quantitativos obtidos a partir das variantes *coisa* e *trem* e também de *coisa* e *negócio*. Partindo da noção de variantes como formas funcionalmente comparáveis, são apontados os fatores linguísticos ou extralinguísticos que condicionam a variação.

O capítulo 8 discute aspectos relacionados à evolução diacrônica dos nomes gerais. São analisados verbetes de dicionários antigos e contemporâneos, com o propósito de verificar possíveis mudanças semânticas na história dos quatro nomes gerais descritos nos capítulos precedentes. Apresenta-se também uma discussão a respeito da origem dos nomes gerais na língua portuguesa e da presença ou não de conotação pejorativa no uso de tais nomes.

O último capítulo apresenta uma síntese sobre as propriedades dos nomes gerais no português brasileiro, o que nos permite discutir o estatuto categorial dessas unidades linguísticas. Essa discussão é desenvolvida a partir do contraste entre os traços dos nomes típicos (substantivos com conteúdo lexical), os traços dos pronomes e os dos nomes gerais descritos no livro. Uma das questões centrais é observar se a categoria dos nomes gerais formaria uma classe homogênea no português brasileiro.

Como se pode ver, são várias as indagações e as justificativas para

investigar esse tema. Neste volume, buscamos fornecer algumas respostas, tomando como objeto de análise o português brasileiro. Buscamos fazer uma descrição detalhada dos itens e apontar caminhos para o aprofundamento desse objeto de estudo. É nossa expectativa que esse livro seja a semente de novos trabalhos que explorem o tema em toda sua potencialidade.

Por último, mas não menos importante, cabe sublinhar que esta pesquisa contou com apoio da FAPEMIG (Processos APQ-00012-11; SHA 16411, APQ-01482-08); do CNPq (Processo 304719/2010-2) e da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG, a quem agradecemos. Também gostaríamos de agradecer aos alunos da Faculdade de Letras da UFMG que contribuíram para a coleta e organização dos dados, entre os quais estão Fernanda Carla de Oliveira, Josimeire Lourdes de Souza, Luana Moreira Galvão e Marcos Paulo Santos.

SINAIS GRÁFICOS DA TRANSCRIÇÃO

- :: alongamento vocálico
- (...) corte na transcrição
- ((ruídos)) comentários do transcritor
- (tem) hipótese do que foi falado
- () incompreensão de unidades lexicais ou segmentos
- ... qualquer pausa
- [de] reconstituição de segmentos sonoros
- / truncamento

ABREVIATURAS DOS CAMPOS DE COLETA DE DADOS

- ARC Arceburgo
- BHZ Belo Horizonte
- CTE Caeté
- CMP Campanha
- MNV Minas Novas
- OPR Ouro Preto
- PRG Piranga
- PRC Paracatu
- SJP São João da Ponte

ABREVIATURAS DAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS

- AD Aulete Digital
- DEHLP Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa
- DLB Dicionario da língua brasileira
- DLP Diccionario da lingua portugueza
- DMA Diccionario de Marinha que aos Officiaes da Armada Nacional Portugueza
- DMLP Dicionário-mor da Língua Português
- DSPE Diccionario dos synonymos, poético e de epithethos da língua portugueza
- DUPC Dicionário UNESP do Português Contemporâneo
- NDA Novo Dicionário Aurélio
- VPL Vocabulario Portuguez e Latino

OS NOMES GERAIS: CONCEITUAÇÕES E PROPRIEDADES

‘Référer à une chose à l’aide de chose ou la qualifier de chose n’est à l’évidence pas très utile, si l’on sait par avance que toutes les choses sont des choses.’

(KLEIBER, 1987b, p. 109).

INTRODUÇÃO

Halliday e Hasan (1995 [1976], cf. p. 274) definem nomes gerais (‘general nouns’) como uma classe especial de nomes, que está no limite entre classes abertas e fechadas, por desempenharem função coesiva nos textos e por conterem um conjunto mínimo de significado substantivo³. Estes autores os descrevem como proformas de nomes, na medida em que têm um comportamento que se aproxima ao de pronomes e os distancia dos nomes típicos.

Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 274) enumeram um conjunto de nomes gerais na língua inglesa:

(1) *people, person, man, woman, child, boy, girl, creature, thing, object, stuff, business, affair, matter, move, place, question, idea, idiot, fool, devil e dear.*

³ Por *significado substantivo*, entenda-se um mínimo de conteúdo semântico-referencial (LYONS, 1977).

Mahlberg (2003), sob a perspectiva da Linguística de Corpus, aponta o seguinte conjunto de nomes gerais:

(2) *time, year, people, years, world, way, day, life, man, part, end, women, place, things, men, business, family, thing, times, woman.*

Os itens exemplificados em (1-2) podem também receber outras denominações, além de *nome geral*. Na literatura linguística, registram-se os termos *palavra coringa*, *palavra ônibus*, *falso nome contável*, *palavra camaleão* (KLEIBER, 1987b), *palavra funcional*, *palavra passe-partout* (MIHATSCH, 2006b), *nomes nucleares de rótulos retrospectivos* (FRANCIS, 2003 [1994]), *termos ou nomes genéricos* (HASPELMATH, 1997), *substantivo-suporte* (OLIVEIRA, 2006) e *concha nominal* (SCHMID, 2000)⁴.

Nomes gerais são substantivos frequentes, bem genéricos e em geral contáveis, que se afastam da hiperonímia, por se encontrarem em um nível de generalização extremamente alto, ou seja, a relação que estabelecem com outros itens lexicais é muito menos estreita que a de um hiperônimo/hipônimo convencional, como *móvel/cadeira* (MIHATSCH, 2006b). Seus significados, entretanto, não podem ser descritos sem o contexto em que ocorrem; as ocorrências repetidas de palavras formariam a base da descrição de seus significados (MAHLBERG, 2005, p. 37). Vejamos um exemplo:

- (3a) Eu comprei **uma cadeira**.
- (3b) Eu comprei **um móvel**.
- (4a) Eu comprei **uma cadeira**.
- (4b) Eu comprei **uma coisa**.

Embora haja acarretamento entre as sentenças (a) e (b) de (3) e (4), há uma diferença entre o hiperônimo *móvel* e o nome geral *coisa*. A sentença (3b) é muito mais informativa que (4b). Quando o falante diz (3b), um campo semântico é identificado; mas, quando diz (4b), não: a informação é muito mais vaga.

⁴ As traduções de exemplos em língua estrangeira em todo este livro são de inteira responsabilidade dos autores.

Ao analisar dados do espanhol, Hoz Hernández (2005) chama a atenção para a presença, na oralidade, de ‘palavras curinga’ (*palabras comodín*). O conteúdo semântico de itens como *cosa*, *cacharro*, *chisme* e *cachivache* encontra-se em um âmbito próximo, familiar, no qual essas palavras “servem para muitas coisas e (...) muitas vezes têm um alto conteúdo emocional” (HOZ HERNÁNDEZ, 2005, p. 399)⁵.

Schmid (2000, p. 3) analisa o comportamento semântico de um subconjunto de nomes, aqueles que podem ocorrer em dois tipos de construções: “(i) The (deplorable) **fact** that I have no money; (ii) The (big) **problem** was that I had no money”. Em (i) e (ii), o item *that* não aceita paráfrase com *which*. O autor reconhece que a aplicação desse critério sintático leva a separar **thing** e **idea**, de um lado, e **people**, **person**, **creature**, de outro. O autor denomina o primeiro grupo de ‘concha nominal’⁶ (*shell noun*) porque estes nomes são “usados pelos falantes para criar conchas conceituais para fatias de informação complexas e elaboradas, que podem ser expressas em sentenças e, algumas vezes, em longas passagens do discurso imediato” (SCHMID, 2000, p. 6)⁷. A conceituação de nomes-concha engloba o primeiro grupo e também alguns do segundo grupo, na medida em que são nomes abstratos “que se referem, de modo amplo, ao que foi dito”, permitindo retomadas não só de nomes como também de porções maiores do texto (SINCLAIR, 1990, p. 389-391)⁸; a principal noção [que os define] é a generalidade semântica ou sua não especificidade. Schmid assinala pertencerem ao conjunto dos nomes mais frequentemente usados na língua: “em 225 milhões de palavras do inglês britânico, os lexemas **thing**, **idea** estão entre os 100 nomes mais frequentes; **thing** apresenta 356 ocorrências por milhão” (SCHMID, 2000, p. 6)⁹.

Francis (1986, p. 36) descreve nomes que contribuem para a coesão de textos como itens que possuem potencial para encapsular passagens do dis-

⁵ No original: “sirven para muchas cosas y (...) muchas veces tienen un alto contenido emocional”.

⁶ A tradução ‘concha nominal’ para o termo *shell noun* foi feita por Oliveira (2006, p. 50).

⁷ No original: “shell nouns are used by speakers to create conceptual shells for complex and elaborate chunks of information. These are expressed in clauses, or sometimes in longer stretches of the neighbouring discourse”.

⁸ No original: “nouns which are used to refer back in a general way to what has already been said”.

⁹ No original: “in a corpus of 225 million running words of British English, the singular forms of the lexemes *case*, *fact*, *idea*, *news*, *point*, *problem*, *report* and *thing* are among the one hundred most frequent nouns, with frequencies of occurrence ranging from 80,013 (or 356 occurrences per million) for *thing* to 46,654 (207 occurrences per million)”.

curso. Essa ideia de encapsulamento foi inicialmente formulada por Sinclair (1981, p. 76).

Autores que tomam os nomes gerais como tema específico de livros são raros. Podemos citar Mahlberg (2003) e Mihatsch (2006b). São, entretanto, vários os estudos que analisam ou um ou outro nome geral, tomado individualmente. Nestes, são apresentadas propriedades de várias naturezas. Nas três próximas subseções, nós nos dedicaremos a enumerar tais propriedades.

1.1 PROPRIEDADES ESTRUTURAIS

Os nomes gerais podem vir precedidos por determinantes ou não.

(5a) It seems to have made very little impression on **the man** (Halliday e Hasan, 1995, [1976], p. 275).

(5b) ‘Parece ter causado muito pouca impressão **no homem**’

(6a) **Things** took me by surprise. (FRONEK, 1982, p. 643)

(6b) ‘**Coisas** me pegaram de surpresa’

Se precedidos por determinantes, são geralmente referenciais e definidos, assemelhando-se a substantivos comuns (HALLIDAY e HASAN, 1995 [1976]).

Mas, diferentemente dos substantivos comuns, não exibem flexões morfológicas típicas, como gênero e número. O gênero feminino é geralmente não marcado (MIHATSCH, 2006b, p. 222). Veja-se o uso de *chose* e *cosa*, respectivamente, no francês e italiano. Em (7) e (8), não há marcas de concordância do feminino:

(7) fr. Quelque **chose** a été fait.

(8) it. È successo qualcosa? (MIHATSCH, 2006b, p. 222)

Quando nomes gerais ocorrem precedidos de determinante, são elementos ou dêiticos ou anafóricos. Uma evidência disso é que podem ser parafraseados por pronomes.

- (9a) (=5) It seems to have made very little impression on **the man** (HALLIDAY; HASAN (1995 [1976], p. 275).
- (9b) ‘Parece ter causado muito pouca impressão **no homem**’
- (10a) It seems to have made very little impression on **him** (HALLIDAY; HASAN (1995 [1976], p. 275).
- (10b) ‘Parece ter causado muito pouca impressão **nele**’

As sentenças (9b) e (10b) são paráfrases aceitáveis, na medida em que tanto *o homem* e *ele* tal como *the man* e *him* recuperam um referente identificado no contexto.

Note-se, entretanto, que há uma diferença entre a retomada por meio de um pronome e a retomada por meio de um nome geral. Nesta última, há um acréscimo de um elemento interpessoal ao significado. No caso, esse elemento interpessoal seria uma atitude particular do falante, ausente no caso do pronome pessoal. Sinclair (1990, p. 172) descreve esse elemento interpessoal como algo que permite enfatizar a entidade identificada. Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 276) argumentam que apenas alguns nomes gerais possuem esse elemento interpessoal como parte inerente do seu significado, especialmente os que se referem a seres humanos, tais como *idiot*, *fool*, *devil* e *dear*.

A comparação entre (9b) e (10b) leva a supor que sempre haveria algum elemento interpessoal e, por isso, os nomes gerais parecem ser sempre menos subespecificados que os pronomes. Voltaremos a essa questão nos capítulos seguintes.

Em algumas línguas, nomes gerais foram a fonte de formação de pronomes. Em duas línguas de Uganda, o nome para ‘pessoas’ se desenvolveu para pronome pessoal anafórico de terceira pessoa ‘eles’ (HEINE; SONG, 2011, p. 597, apud HEUSING, 2004, p. 218). Na língua asiática Khmer, a forma *kee*: serviria tanto para um substantivo como ‘pessoa’, mas também como pronome de terceira pessoa de status social neutro e também como pronome indefinido (HEINE; SONG, 2011, p. 596-598).

Há nomes gerais que podem ser descritos como núcleos vazios, tal como em (10), no francês.

- (11a) Paul gifla Berthe. La **chose** ne plut guère à la jeune fille. (KLEIBER, 1987b, p. 116).
- (11b) ‘Paulo bateu na Berthe. A **coisa** não agradou à menina.’
- (12a) Paul gifla Berthe. **Cela** ne plut guère à la jeune fille. (KLEIBER, 1987b, p. 116).
- (12b) ‘Paul bateu na Berthe. **Isso** não agradou à menina.’

O uso de *chose* (‘coisa’) é recuperado por demonstrativos em (12a), porque tem um caráter de falso nome contável, podendo servir fundamentalmente para referir ou qualificar as entidades desprovidas de nome ou apreendidas como tal (KLEIBER, 1987). A mesma propriedade se manifesta no português brasileiro, conforme se vê, ao se compararem (11b) e (12b).

O estatuto de núcleo vazio parece também se verificar, no inglês, quando ao nome geral somam-se quantificadores como em *anything*, *something*, *everything* (FRONEK, 1982, p. 637; KLEIBER, 1987b).

O estatuto expletivo, como *there* e *it*, no inglês, é verificado em construções em que *things* aparece na posição de sujeito sentencial (FRONEK, 1982). A paráfrase por um expletivo em (12b) reforça essa hipótese.

- (12a) (= 6) **Things** took me by surprise. (FRONEK, 1982, p. 643). (12b) ‘**It** took me by surprise’.
- (13) **Things** could get to a pretty pass. (FRONEK, 1982, p. 643).

A descrição do comportamento morfossintático, tal como acima descrita, mostra que os nomes gerais não formam uma classe homogênea. Tal fato convida a uma investigação aprofundada da correlação entre nomes gerais e pronomes, sugerida por Halliday e Hasan (1995 [1976]). No último capítulo deste volume, retomaremos essa questão.

1.2 PROPRIEDADES DISCURSIVAS

A propriedade mais evidente dos nomes gerais é funcionarem como elemento coesivo, como em (14a-b) e (15a-b). Conforme Halliday e Hasan. (1995 [1976], p. 275), trata-se de um tipo de coesão lexical. Para Francis (2003 [1994],

cf. p. 196-7), é o uso de *um grupo nominal para conectar e organizar o discurso* e têm sempre o estatuto de *informação dada*.

- (14a) Didn't everyone make it clear they expected the minister to resign?
– They did. But it seems to have made no impression on the **man**. (HALLIDAY; HASAN, 1995 [1976], p. 275),
- (14b) 'Todos não deixaram claro que esperavam que o ministro renunciasse?
– Deixaram. Mas isso parece ter causado muito pouca impressão no **homem**'.
- (15a) What shall I do with all this crockery?
– Leave the **stuff** there; someone'll come and put it away. (HALLIDAY; HASAN, 1995 [1976], p. 275),
- (15b) 'O que eu devo fazer com toda esta louça?
– Deixa essa **coisa** lá; alguém vai vir e colocá-la para fora.'

Nesse par, os nomes *man* e *stuff* retomam os antecedentes expressos por *the minister* e por *this crockery*, respectivamente.

Outra propriedade discursiva é servir como suporte de um modificador (MAHLBERG, 2003).

- (16a) [...] her husband is a good-tempered **man** who cared for their children (MAHLBERG, 2003, p.113).
- (16b) [...] 'seu marido é um **homem** de bom temperamento que cuida de suas crianças'
- (17a) It's the same **thing**. (THOMPSON, 1988).
- (17b) 'É a mesma coisa' ou 'a coisa é igual'
- (18a) You **hen duo dongxi** Taiguo baocun de vi women hão. (BIQ, 2004, p. 46)
- (18b) 'Há muitas **coisas** que a Tailândia preserva melhor do que nós'

Em (16a), o modificador recebe ênfase. Em (17a), *thing* é um “nome vazio”; e outras palavras, tais como adjetivos atributivos, funcionam predicativamente (THOMPSON, 1988). Em (18a), a identificação do referente é

expressa pelo modificador e o núcleo nominal serve somente para viabilizar sintaticamente a identificação (BIQ, 2004, p. 44).

Na conversação, nomes gerais podem prover uma introdução ao turno (2003 [1994]; BIBER et al. (1999), como em (19a), ou retomar um discurso prévio (FRANCIS, 2003 [1994]), como em (20).

- (19a) As there was only one gold medal, the tie was split in favour of Bruce Birchall because of his perfect 25/25 score on round two. A **man** who can state with conviction that 179084 is the number of cheese-graters in Swindon deserves the title of World Creativity Champion (MAHLBERG, 2003, p. 102).
- (19b) ‘Como havia apenas uma medalha de ouro, o empate foi resolvido em favor de Bruce Birchall por causa de sua pontuação perfeita 25/25 no segundo round. Um **homem** que pode afirmar com convicção que 179.084 é o número de raladores de queijo em Swindon merece o título de Campeão Mundial da Criatividade’
- (20a) He has the charisma of a wet fish. This is probably **the most memorable thing** anyone has said about Graham Gooch, the England cricket captain, and it was, of course, said by Ted Dexter, now chairman of the selectors... (FRANCIS, 2003 [1994], p.94.)
- (20b) ‘Ele tem o carisma de um peixe molhado. Esta é provavelmente **a coisa mais memorável** que alguém já disse sobre Graham Gooch, o capitão de críquete da Inglaterra, e foi, é claro, dita por Ted Dexter, agora presidente dos selecionadores...’

As retomadas podem ser de um nome, uma sentença ou ainda porções maiores do texto. Embora já haja uma informação dada, *o falante, ao usar um nome geral, provê uma concha conceptual diferente e, desse modo, alcança acarretamentos de forma correta e detalhada* (cf. SCHMID, 2000, p. 7).

1.3 OUTRAS FUNÇÕES

No que diz respeito a seu papel no processamento, um nome geral ocorre quando uma designação adequada não está acessível para o falante.

O nome geral serviria, de certa maneira, para o falante se “proteger” do seu esquecimento, o que seria de fundamental importância na linguagem coloquial, permitindo-lhe disfarçar a falta de conhecimento a respeito do nome de algo (MIHATSCH, 2006b, p. 194).

Outra função de um nome geral é evitar que um referente de significado incômodo seja verbalizado. São casos em que o locutor usa lexemas pejorativos com alto grau de generalização, como *trasto* (‘traste’) em (21) (MIHATSCH, 2006b, p. 194):

- (21) Que no, es mucho mejor poner ducha. Quitar la bañera que es un **trasto** y poner el cuadradito de la ducha (ORAL (1991): Domicilio particular, conversación familiar, Segovia, España, CREA)

Uma terceira função é permitir ao falante não especificar parte do conteúdo da frase. São casos em que a vagueza do enunciado é intencional. No chinês, o nome geral *dongxi* ‘coisa’ coocorre com a expressão *zhilei* (‘um tipo de’) nestes contextos (BIQ, 2004, p. 45).

- (22a) Erqie ziji ye man shao mai na zhong daidai **zhilei de dongxi** ‘Além disso eu mesmo também quase nunca compro esse ZHONG tipo de sacola NOM DONGXI
- (22b) ‘Além disso, eu mesmo raramente compro coisas como esse tipo de sacola’

1.4 ORIGEM

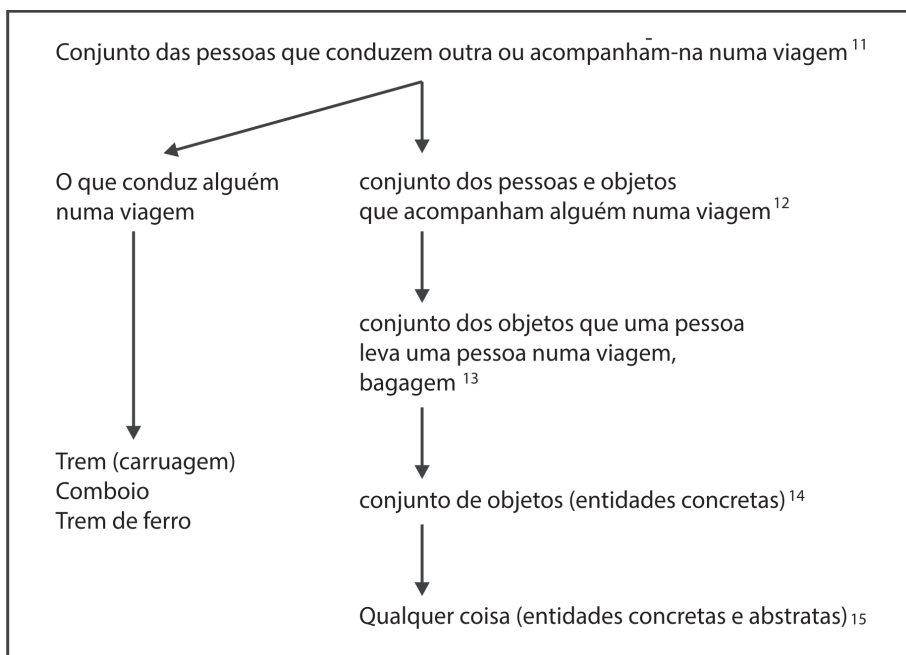
Nomes gerais geralmente provêm de substantivos comuns. É comum que se formem a partir de “objetos pequenos, sem importância, volumosos, quebrados, caóticos ou complexos; os objetos assim nomeados recebem conotação pejorativa” (MIHATSCH, 2006b, p.197)¹⁰.

¹⁰ No original: “kleine, unwichtige, sperrige, kaputte, chaotische oder komplexe Gegenstände → pejorative Bezeichnung eines Gegenstands”.

Algumas questões suscitadas imediatamente por estas observações são: (i) todos os nomes originam-se de nomes que designam objetos pequenos, sem importância, emperrados? (ii) todos os nomes gerais possuem conotação pejorativa? (iii) existiria um padrão quanto aos significados que os nomes gerais adquirem no eixo temporal?

Ramos (2013) descreve as diferentes acepções de trem durante três séculos, a partir de verbetes de dicionários.

FIGURA 1 - Significados da palavra *trem* em três séculos de história da língua portuguesa



Fonte: RAMOS, 2013: p143, Quadro 1

¹¹ BLUTEAU, R. (1712).

¹² SILVA, A. (1789).

¹³ PINTO, M (1832).

¹⁴ ROQUETTE, J.I. (1861).

¹⁵ FERREIRA, A.B.H. (2009).

Essa figura mostra a evolução semântica do item, podendo-se identificar um processo de extensão metafórica, em que o significado é mapeado a partir de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato (Hopper e Traugott, 1993), como em [*trem* (entidades concretas) → *trem* (entidades abstratas)]. E há ainda um processo de a subespecificação referencial, que se manifesta na extensão de sentido [*trem de viagem* (conjunto de certos objetos) → *trem* (conjunto de objetos em geral)] (Ramos, 2011; 2013). Um detalhamento do conteúdo dos verbetes aparece no capítulo 8 neste volume, seção 8.1.

Barbosa et al. (2012) descrevem o processo de perda semântica de *negócio* como “*um processo de abstração* (...) [em que] atuaram os seguintes mecanismos: inferência¹⁶, generalização¹⁷, metonímia¹⁸ e metáfora” (BARBOSA, 2012, p. 188)¹⁹. Teria havido inferência porque, conforme a frase, esse item pode adquirir vários significados, conforme o contexto em que se encontra. A generalização, por sua vez, se manifesta na “perda de seu significado etimológico – transação comercial – para adquirir acepções abstratas e mais generalizadoras” (BARBOSA, 2012, p. 190). A metonímia se evidencia no momento em que o item é associado a elementos de referentes ao domínio gramatical que conduzem a um tipo de inferência pragmática, que, por sua vez, “permite ser utilizado em vários contextos discursivos, dependendo da intenção comunicativa do falante” (BARBOSA, 2012, p. 190). A metáfora, por sua vez, se evidencia na perda do significado etimológico – transação comercial- para adquirir acepções mais abstratas (BARBOSA, 2012, p. 190).

¹⁶ A inferência “consiste na interpretação que podemos fazer acerca de uma determinada frase, um nome ou uma expressão inserida em um contexto específico”. (BYBEE et al., 1994, apud BARBOSA et al., 2012, p. 187).

¹⁷ A generalização “consiste na perda de traços específicos de significado, devido à expansão de contextos apropriados para o uso de determinado item gramatical”. (BYBEE et al. 1994, apud BARBOSA et al., 2012, p. 187).

¹⁸ “Este mecanismo da metonímia está associado às intenções do falante, de acordo com os significados produzidos por fatores contextuais pragmáticos” (BARBOSA et al., 2012, p. 190).

¹⁹ “A metáfora é um mecanismo associado à abstratização de significados, em que há movimento de um domínio mais concreto para o mais abstrato, ocasionando um esvaimento semântico do item lexical.” (HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991).

O seguinte processo é assim descrito:

Negócio > negoço > negós[s] > negó

[...] no continuum acima, podemos dizer que a estratificação se faz presente em *negócio*, pois a forma primeira coexiste com a forma mais abstrata. A divergência ocorre porque até mesmo a forma sem perda fonológica pode atuar como generalizador, não somente as formas reduzidas, ou seja, a forma gramaticalizada mantém alguns traços da forma original. A especialização acontece porque a forma gramaticalizada é mais frequente do que a forma etimológica. (BARBOSA et al., 2012, p. 196).

As informações contidas nesse texto buscam analisar as realizações do item *negócio* como evidências da atuação de um processo de gramaticalização. Nos capítulos a seguir, não trataremos do fenômeno da gramaticalização, entretanto uma análise nesta perspectiva certamente constitui um desdobramento importante a partir da descrição estrutural dos itens apresentados nesta obra.

CONCLUSÕES

Neste capítulo, foram feitas considerações sobre conceituações e propriedades dos nomes gerais.

Viu-se que os nomes gerais formam uma classe (HALLIDAY; HASAN, 1995 [1976]), mas não uma classe homogênea, pois apresentam especificidades em relação a propriedades morfossintáticas, semânticas, discursivas, pragmáticas e de processamento. Viu-se também que esta classe se manifesta em diferentes línguas. O quadro da Figura 2 reúne o conjunto dos itens referidos como nomes gerais.

FIGURA 2 - Conjunto dos itens identificados como nomes gerais

Espanhol	<i>cachivache, chismes, cosa, trasto, persona</i>
Francês	<i>bidule, chose, truc, machine, personne</i>
Inglês	<i>thing, stuff, object, business, affair, matter, move, place, question, idea, life, time, year, day, end, part, way, world, person, people, man, woman, child, boy, girl, creature, family</i>
Alemão	<i>Dinge, Sache, Person</i>
Chinês	Dongxi
Italiano	<i>affare, argomento, bene, caso, circostanza, cosa, dato, faccenda, fatto, fenômeno, gente, idea, motivo, opera, problema. questione, situazione, vicenda</i>

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

Além dos itens que compõem a Figura 2, Halliday e Hasan ainda sustentam que o conjunto dado dos nomes gerais pode ser ampliado por um grupo de gírias que se diferem de um grupo social a outro, ou de uma geração a outra (HALLIDAY e HASAN, 1995 [1976], p. 276).

Do ponto de vista pragmático, os nomes gerais parecem incluir em seu conteúdo um elemento interpessoal (HALLIDAY e HASAN, 1995 [1976]). Para os autores, alguns nomes gerais possuem esse elemento interpessoal como parte inerente do seu significado, especialmente os que se referem a seres humanos, tais como *idiot, fool, devile* e *dear*. Essa especificidade, que também é destacada por outros autores (MIHATSCH, 2006b), não será, entretanto, objeto de análise nos capítulos que se seguem.

Passemos, então, ao próximo capítulo, em que analisaremos nomes gerais presentes no Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS A NOMES GERAIS EM ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO

INTRODUÇÃO

Sobre nomes gerais no Português Brasileiro, encontram-se breves referências em estudos sobre outros tópicos. Neste capítulo, vamos fazer uma reunião dessas informações, de modo a fornecer uma fotografia do estado da arte sobre o tema deste volume.

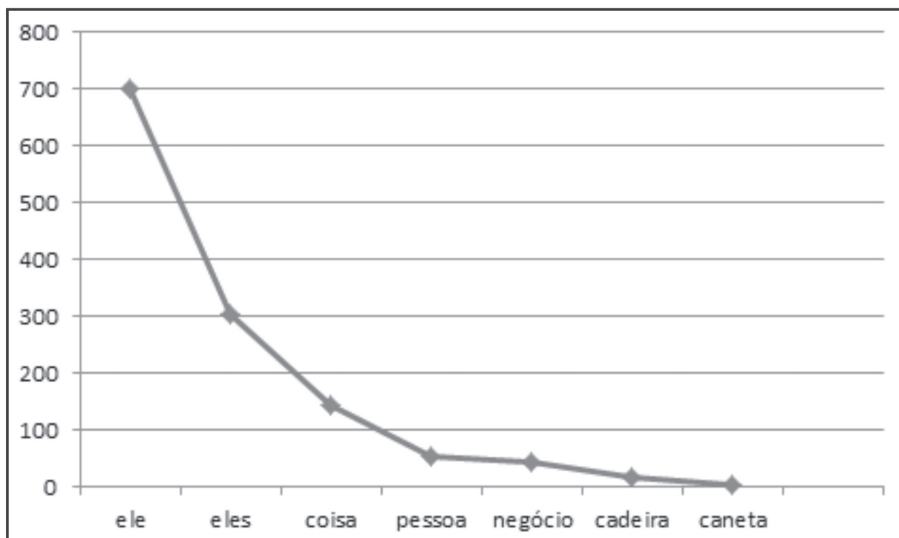
Inicialmente, vamos relatar resultados de estudos sobre linguística de corpora em que aparecem dados sobre frequência de alguns nomes gerais. Na seção seguinte, reuniremos informações inseridas em estudos sobre anáfora, sobre substantivo-suporte e sobre análise textual. Por fim, apresentaremos, em linhas gerais, as diretrizes assumidas neste volume para o desenvolvimento dos próximos capítulos.

2.1 FREQUÊNCIAS

Nomes gerais, conforme vimos no capítulo 1, definem-se como uma subclasse de nomes que se situam na fronteira entre nomes e pronomes. Se, de fato, nomes gerais aí se situam, é esperado que sua frequência seja superior à de outros nomes. E parece que essa expectativa se confirma. Estudos do léxico a partir de grandes corpora, mostram que, no inglês, a frequência média de nomes é 20 por milhão; já a frequência de *thing* é 356 por milhão (cf. CLEAR, 1993).

Em relação ao Português Brasileiro, a investigação da frequência de nomes gerais num corpus de 651.7 milhões de palavras mostrou a mesma tendência verificada no inglês. O corpus analisado reúne dados de língua falada e denomina-se Corpus Brasileiro²⁰. Os resultados aparecem no gráfico da Figura 3, em que se comparam as frequências de dois pronomes, três nomes gerais e dois nomes escolhidos ao acaso.

FIGURA 3 - Gráfico com a frequência do item por milhão de palavras no Corpus Brasileiro



Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

O gráfico mostra que a frequência maior é de pronomes: *ele* (700,50 ocorrências por milhão de palavras) e *eles* (303,55). Em seguida, vêm os nomes gerais: *coisa* (143,2); *pessoa* (55,9); *negócio* (44,06). Por fim, vêm os nomes: *cadeira* (1,8) e *caneta* (0,3).

Os dados do gráfico representado na Figura 3 permitem visualizar a superioridade numérica dos pronomes em relação aos demais itens analisados e a

²⁰ Este corpus está disponível no site www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS.

superioridade dos nomes gerais em relação aos demais nomes. Parece termos aqui uma evidência de que a proximidade entre nomes gerais e pronomes se manifesta não só através das propriedades elencadas no Capítulo 1, mas, também, através da frequência.

Focalizando a frequência lexical, Oliveira (2012, p. 208) analisa três realizações fonológicas dos itens: forma plena, queda de vogal final ou queda de sílaba final. Dos 1377 itens analisados, dentre os 10 mais frequentes, encontra-se o item *coisa*, cuja frequência é de 1,62%. Esse percentual está próximo ao dos pronomes *ela* (2,6%) e *isso* (1,55%), enquanto os demais nomes apresentam um percentual médio de 0,4%. A frequência de *coisa* mostra-se, como se pode ver, mais próxima à de pronomes do que à dos demais itens. Outro percentual confirma a aproximação de *coisa* aos pronomes: o apagamento da sílaba final no item *ela* é de 46,2%, de *coisa* é de 16,7%, enquanto o apagamento de sílaba nos demais itens é de 10,2%. Em outras palavras, *coisa* ocupa uma posição intermediária entre pronomes e os demais itens.

Marques (1995) analisa o léxico de um corpus de entrevistas gravadas, pertencente ao Projeto de Estudo Conjunto e Coordenado da Norma Urbana Oral e Culta. Quantifica 506.108 palavras, sendo 370.777 (39%) da classe dos substantivos. Os substantivos de alta frequência (até 100 ocorrências) totalizam 488 lexemas. Marques constata que 75 deles são de *sentido geral*, ou seja, não dependem de contexto temático: “âmbito, cunho, matéria, perspectiva, área, dimensão, modo, plano, aspecto, elemento, natureza, ponto, base, esfera, nível, quadro, campo, fator, ordem, questão, caráter, forma, panorama, sentido, **coisa**, lado, papel, tipo, componente, maneira, parte, tom” (grifo nosso).

O que chama nossa atenção na pesquisa de Marques é que a propriedade que identifica os itens mais frequentes é a de possuírem *sentido geral*. É, exatamente essa, uma das propriedades definidoras dos nomes gerais e não é sem razão que o item *coisa* está no conjunto dos itens arrolados por Marques. Tais resultados levam, entretanto, à seguinte questão: ter sentido geral é uma propriedade dependente do contexto e disponível a todos os nomes? Ou *ter sentido geral* é uma especificidade dos nomes gerais? Mais adiante retomaremos essas questões.

2.2 NOMES GERAIS NA BIBLIOGRAFIA RECENTE

Listas e conceituações de nomes gerais são encontradas em estudos sobre coesão textual, modalidade oral, morfossintaxe e gramaticalização.

Ao tratar de itens anafóricos, Fulgêncio (1983, p. 24-25) agrupa os itens *coisa, trem, negócio, troço* e os descreve “palavras [...] que não têm sentido próprio, mas que são, como os demais tipos de anáforas, semanticamente polivalentes, com uma matriz semântica pouco especificada, e inseridas no texto em substituição a um determinado segmento”.

Ao elencar propriedades definidoras de textos falados, Vitral (2013, p.124) identifica um conjunto de “itens que podem se referir a qualquer coisa”. Os exemplos citados são *trem, troço, treco, truc (fr.) e stuff (ing.)*.

Uma lista de potenciais fatores que parecem condicionar nomes gerais é sugerida por Koch (2004, p. 250). Essa autora formula as seguintes hipóteses sobre nome gerais: (i) sua seleção pode estar ligada à variedade regional ou social dos interlocutores; e (ii) seu conteúdo discursivo apresenta conotações variadas. Embora não seja nossa intenção avaliar condicionamentos sociais de nomes gerais neste volume, ainda assim as informações fornecidas por Koch são relevantes, pois constituem hipóteses interessantes para novas pesquisas.

Um paralelo entre nomes gerais e substantivos-suporte é apresentado por Oliveira (2006). Os substantivos-suporte formam com o adjetivo que os segue “um padrão composicional Subst-Adj, no qual a contribuição semântica do substantivo é muito pequena em comparação com a contribuição do adjetivo”; o substantivo é um nome derivado de ato de fala, de outras ações verbais ou nomes metalinguísticos e é um núcleo nominal que toma sentenças como complemento (BIBER et al., 1999, p. 648-656). Apenas um subconjunto dos nomes gerais pode exibir esse comportamento sintático. Por esta razão, Oliveira (2006) afirma que os nomes gerais e os substantivos-suporte formam duas classes, embora alguns itens participem de ambas. Essa sobreposição pode ser observada, ao compararmos os exemplos apontados, no item (ii), pela autora:

- a. nomes gerais: coisa, negócio, treco, lance, trem, sujeito, elemento, indivíduo, fulano, sicrano e beltrano; as gírias cara e parada (p.15).

- b. substantivos-suporte: âmbito, área, aspecto, base, campo, caráter, cunho, dimensão, elemento, esfera, fator, forma, lado, maneira, modo, natureza, panorama, parte, perspectiva, plano, ponto, questão, sentido, tom, coisa, componente, etc. (OLIVEIRA, 2006, p.75).

A diferença entre as classes seria, portanto, de natureza sintática. O que há de comum é a generalidade semântica, ou não especificidade dos itens.

Sobre o item *coisa*, Melo (1999, p. 2 apud SANTOS et al., 2006, p.16) assinala que funciona, “em princípio, como palavra vicária no evento de fala de alguns informantes, e, num segundo momento, como elemento aglutinante em expressões enumerativas (...)”. E argumenta que *coisa* passa por um processo de gramaticalização” (cf. SANTOS et al. 2006). Rocha (2008), por sua vez, discute e documenta o uso de *coisa* como raiz verbal, apontando ocorrências do verbo *coisar*. No capítulo 3, retomaremos e detalharemos outros usos desse item.

Embora os estudos citados neste capítulo façam breves e parciais referências ao conjunto de propriedades enumerado no capítulo 1, têm o mérito de contextualizar e fornecer testemunhos da presença e do comportamento dos nomes gerais.

2.3 DIRETRIZES DOS NOVOS CAPÍTULOS

Nas subseções anteriores, questões de âmbito mais abrangente sobre os nomes gerais foram formuladas. Pretendemos aqui retomá-las e equacioná-las, de modo que, nos próximos capítulos, possamos buscar respostas ou, pelo menos, delinear caminhos para respondê-las. É também nosso propósito indicar os procedimentos metodológicos a serem adotados para alcançarmos esses objetivos.

Vimos, até aqui, que a subclasse dos nomes gerais inclui um conjunto de itens relativamente amplo no Português Brasileiro. Um quadro contendo os itens citados aparece a seguir.

FIGURA 4 - Conjunto dos nomes gerais no Português Brasileiro

Português	<i>povo, pessoa, pessoal, homem, mulher, criança, menino, menina, criatura, coisa, objeto, negócio, problema, lugar, questão, ideia, indivíduo, gente, idiota, tolo, demônio, caso, âmbito, área, aspecto, base, campo, caráter, componente, trem, troço, treco, lance, sujeito, elemento, indivíduo, fulano, sicrano, beltrano, cara, parada, caso</i>
------------------	---

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

Dentre os itens que compõem a Figura 4, é importante salientar a presença de duas gírias: *cara* e *parada*, citadas por Oliveira (2006). Conforme Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 276), o conjunto dos nomes gerais pode ser ampliado por um grupo de gírias, que diferem de um grupo social a outro e de uma geração a outra, conforme já mencionamos. Ainda em relação à Figura 4, pode-se perguntar: todos os itens ali arrolados exibem as mesmas propriedades, ou não?

O paralelo apresentado entre substantivos-suporte, concha nominal e nomes gerais leva a formular outra questão: nome geral identifica uma subclasse de nomes ou identifica funções que os nomes podem desempenhar no discurso?

Para buscar respostas, optamos por analisar ocorrências extraídas de amostras de entrevistas, pois assim seria possível contextualizar cada uma, não só linguisticamente, como também socialmente. Optamos por textos falados, por serem mais espontâneos e, por isso, oportunizarem situações em que o falante muitas vezes não usa o termo mais preciso quer porque não se lembrou, naquele momento, quer porque deseja evitá-lo²¹.

Nossa amostra, composta de transcrições de entrevistas sociolinguísticas, retrata a fala do Estado de Minas Gerais (Brasil). Essa é uma região colonizada no século XVII. Os dados que compõem o corpus foram coletados em oito cidades. Estas aparecem enumeradas na Tabela 1. Ao lado do nome de cada uma, é indicado o número de entrevistas e o de palavras de cada amostra. O *corpus* de análise totaliza 580 mil palavras. Os dados de Piranga

²¹ Ver Capítulo 1.

foram extraídos de Alkmim, M. A. e Chaves, E. (orgs.) *Corpus Piranga*. Universidade Federal de Ouro Preto. 2011²². Os dados de Ouro Preto, Belo Horizonte e Arceburgo foram extraídos de Ramos, J. (org.) *Corpus Mineirês*. Universidade Federal de Minas Gerais²³. Os dados de Caeté, Campanha, Minas Novas e Paracatu encontram-se no site da pesquisa: “O uso de nomes gerais nos falares mineiros”²⁴.

TABELA 1 - Distribuição do corpus por localidade e por número de palavras

Município	Número de Entrevistas	Número de palavras (aprox.)
Arceburgo	14	84.000
Belo Horizonte	29	130.000
Caeté	12	93.000
Campanha	5	17.000
Minas Novas	5	18.000
Ouro Preto	15	80.000
Paracatu	7	21.000
Piranga	24	137.000
Total	111	580.000

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

As entrevistas foram feitas em forma de diálogo entre pesquisador e informante, buscando, na medida do possível, elicitare narrativas de experiência pessoal. A duração das entrevistas foi, em média, 30 minutos. Estas foram gravadas digitalmente e transcritas em ortografia usual, conforme as normas elencadas no início desta obra.

²² Disponível em: www.letras.ufmg.br/mineires.

²³ Disponível em: www.letras.ufmg.br/mineires.

²⁴ Disponível em: www.letras.ufmg.br/nomesgerais.

Os procedimentos adotados nas entrevistas, assim como na coleta e codificação dos dados, foram os da Teoria da Variação (LABOV, 1972; 1994; 2011). Foi formado um corpus reunindo ocorrências de *pessoa*, *coisa*, *trem*, *negócio*. Para efeito de análise quantitativa, apenas uma subparte da amostra global foi considerada, mais exatamente, a amostra do município de Piranga. Nessa etapa foi utilizado o pacote GOLDVARB 2001 (ROBINSON, J.S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S.A., 2001).

CONCLUSÕES

Neste capítulo recolhemos, em estudos descritivos do Português Brasileiro, observações sobre propriedades de algum(ns) item(ns) pertencente(s) à classe dos nomes gerais, além de conceituações e exemplos. Foram formuladas questões sobre a natureza desta categoria. Foram também indicados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa cujos resultados serão descritos nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 3

O ITEM COISA

“Esse papo já tá qualquer coisa”

(VELOSO, 1975)

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, analisaremos a presença do item *coisa* no corpus. Etimologicamente, *coisa* provém da forma latina *causa*, cujo uso será comentado na próxima seção.

Pelas propriedades que serão vistas ao longo do capítulo, a palavra *coisa* pode ser considerada o nome geral mais prototípico. Com exceção dos seres com traço [+humano], é o nome que mais oferece a possibilidade de ser usado para uma referência a entidades com diferentes traços. E, por isso, *coisa* não descreve, isto é, não diz nada sobre as entidades a que se aplica. Kleiber (1995), a propósito de *chose*, recorda que, seguindo a linha de lógicos e filósofos, esse nome pode ser aplicado a tudo sobre o qual se possa falar ou tudo que pode ser mencionado. Nesse sentido, *coisa* pode ser considerada o nome geral por excelência, ou, nos termos de uma teoria de protótipos (KLEIBER, 1995), o melhor representante para o conjunto de nomes gerais de propriedade [-humano].

Uma característica dos nomes gerais tem a ver com o fato de que aparecem em várias locuções ou fraseologias na língua. Com o item *coisa*, os dicionários registram, por exemplo: *coisa-à-toa*; *coisica de nada*; *coisa do arco-da-velha*; *coisa nenbuma*; *coisa-ruim*; *não dizer/fazer coisa com*

coisa; *não ser grande coisa*. Na análise que será apresentada, veremos que o item *coisa* está presente em locuções do português de Minas que ainda não estão dicionarizadas.

Este capítulo vai se desenvolver em duas seções. Na primeira, será descrita a presença de *coisa* na linguagem jurídica; na segunda, serão discutidas as ocorrências desse item no *corpus* do português falado. A presença de uma seção contendo a descrição de *coisa* na linguagem jurídica se justifica pelo vínculo existente entre certos nomes gerais e termos da área do Direito (MIHATSCH, 2006b). Por esse motivo, tanto este quanto os capítulos dedicados a *negócio* e *pessoa* dedicarão uma seção ao tema.

3.1 O ITEM COISA NA LINGUAGEM JURÍDICA

Sabe-se que o item *coisa* apresenta correspondentes em outras línguas românicas: *chose* (francês); *cosa* (espanhol); *cosa* (italiano). Conforme aponta Mihatsch (2006b, p. 200), no latim, *rēs* se evoluiu da noção de ‘posse’, ‘riqueza’, passando por ‘assunto’, ‘coisa jurídica’ ou ‘negócio’, para ‘coisa’ (concreto e abstrato). Com o significado de ‘coisa’, deixou de ser usado na evolução do francês, do espanhol e também do português. Nestas últimas, formas derivadas de *rēs* conservam um significado relacionado a animais quadrúpedes, como o de ‘gado’: *rês* (port.) e *res* (esp.).

A forma latina *causa*, ainda conforme Mihatsch (2006b, p. 200), entrou em contato com *rēs* e passou a ser usada na linguagem jurídica com o significado de ‘caso’, ‘assunto’, ‘questão’²⁵. O item de origem latina *res*, entretanto, ainda é utilizado em expressões jurídicas, como *res communes* (coisas comuns), *res derelictae* (coisas abandonadas) e *res nullius* (coisa de ninguém), conforme F. Amaral (2008, p. 347).

No português, *coisa* é amplamente usado no Direito, conforme se observa nas palavras de Beviláquia (1975, p. 166)

²⁵ A autora também comenta a origem, na linguagem jurídica, dos nomes gerais do alemão *Ding* e *Sache*, além de *thing* do inglês.

A palavra *coisa*, ainda que, sob certas relações, corresponda, na técnica jurídica, ao termo *bem*, todavia dele se distingue. Há bens jurídicos, que não são coisas: a liberdade, a honra, a vida, por exemplo. E, embora o vocábulo *coisa* seja, no domínio do Direito, tomado em sentido mais ou menos amplo podemos afirmar que designa, mais particularmente, os bens que são, ou podem ser, objeto de direitos reais. Neste sentido dizemos *direito das coisas*. (grifos nossos)

Há, porém, uma discussão entre os teóricos da área sobre a distinção entre *coisa* e *bem*. De acordo com Fiúza (2011, p. 183), que segue o raciocínio acima de Beviláquia (1975), *coisa* seria “todo bem econômico com existência autônoma e com capacidade de ser subordinado ao domínio das pessoas”. Desse modo, apesar de esse ser um item que pode ser usado para a referência a diferentes tipos de bens, nem todo bem é coisa, como é caso da vida, da liberdade, da saúde, etc. Observamos, nesse caso, que, de acordo com esses autores, *bem* seria ainda mais genérico do que *coisa*.

Há, entretanto, autores da área que destacam o sentido estrito de *coisa*, relacionando-o à questão da materialidade. Tal concepção é encontrada no código civil alemão, no parágrafo 90, em que *coisa* (*Sache*) é empregada para designar os objetos corpóreos (*körperliche Gegenstände*): “Coisas, no sentido da lei, são somente os objetos corpóreos” (DEUTSCHLAND, 2013, § 90)²⁶. Essa noção encontra respaldo em Pereira (2012, p. 336), que também destaca o sentido material do item:

os bens, especificamente considerados, distinguem-se das *coisas*, em razão da materialidade destas: as *coisas* são materiais ou concretas, enquanto que se reserva para designar os imateriais ou abstratos o nome *bens*, em sentido estrito. Uma casa, um animal de tração são *coisas*, porque concretizado cada um em uma unidade material e objetiva, distinta de qualquer outra. Um direito de crédito, uma faculdade, embora defensável ou protegível [sic] pelos remédios jurídicos postos à disposição do sujeito em caso de lesão, diz-se, com maior precisão, ser um *bem*. (grifos no original).

²⁶ No original: “Sachen im Sinne des Gesetzes sind nur körperliche Gegenstände”.

Porém, assinala o autor que nem tudo que é corpóreo e material é coisa, como é o caso da pessoa humana.

Apesar dessa discussão teórica na área do Direito, a respeito da diferença entre *bem* e *coisa*, *coisa* é o item de maior uso, não somente na língua oral, mas também entre nomes gerais do ordenamento jurídico (AMARAL, E. 2013c). Conforme será visto adiante, essa palavra é empregada sobretudo para entidades inanimadas, sejam elas concretas ou abstratas.

3.2 OCORRÊNCIAS DO NOME GERAL *COISA* NO *CORPUS* ANALISADO

3.2.1 As realizações morfológicas

3.2.1.1 Número

O item *coisa* pode apresentar flexão de número realizada com a marca [-s]. No entanto, os dados do *corpus* seguem a tendência do português oral brasileiro, segundo a qual, “os determinantes do sintagma nominal marcam mais o plural do que o núcleo” (Castilho, 2010, p. 461). Assim, nos exemplos abaixo, observamos a marca de plural no artigo (1), no demonstrativo (2), no possessivo (3) e no indefinido (4), mas não há marca de plural no item *coisa*.

- (1) eu tô pareceno coruja gosto mais de vê **as coisa** noturna (MNV)
- (2) foi muito bom pra mim principalmente a... parte de psicologia didática **essas coisa** sabe? (CMP)
- (3) quando num puxava água... derrubava **minhas coisa** (PRC)
- (4) nunca cometi crime nunca fui chamado na delegacia nunca... **outras coisa** não... (MNV)

Na análise da concordância nominal do português, Scherre (1988) observa, como possível fator de influência na variação, o que ela denominou de “formalidade dos substantivos”. No conjunto dos itens considerados informais, a autora incluiu gírias como *besteira*, *bobagem*, *cara*, além de usos do item *coisa*. Entre os exemplos apresentados pela autora, estão: “os paraíba brabo lá; tá fritando uns troço; uns cara machão” (SCHERRE, 1988, p. 268). Como resultados encontrados, destaca-se que “os substantivos mais informais inibem o número de marcas plurais no SN, tanto no caso dos adultos quanto no das

crianças” (SCHERRE, 1988, p. 269). Para Scherre, esse resultado seria natural, considerando-se o fato de que, em situação de fala menos tensa, o número de marcas formais de plural tenderia a diminuir.

Além disso, Scherre analisa a influência dos fatores animacidade [*sic*] dos substantivos e grau dos substantivos. No primeiro caso, ela observa uma oposição entre [+humano] e [-humano], sendo [+humano] levemente favorecedor do plural. No segundo caso, observa que diminutivos/aumentativos desfavorecem o número de marcas plurais nos SNs. Esses resultados levam a autora a concluir que seria possível prever que um item lexical com os traços [+informal], [+diminutivo] e [-humano] teria muita chance de não receber marca de pluralidade (cf. SCHERRE, 1988). Destaca-se aqui que, entre os exemplos apresentados pela autora, encontram-se casos de nomes gerais, como: “travisseiro, fronha, essas *coisinha* pra boneca”; “limpa aqueles *negocinho* que tem (...) aquela pele melosa”.

Fiamengui (2011) também considera o fator formalidade léxica na análise da concordância em dados de língua escrita e língua falada de adolescentes de São José do Rio Preto. No entanto, a autora considera como informais tanto itens como *cara, coisa, capanga*, quanto itens com marcas de aumentativo e diminutivo. Na análise atomística que realiza, Fiamengui (2011, p. 101) observa que a informalidade do item é fator que tende a desfavorecer a marcação de plural na língua escrita: “arrume suas **coisa** e vem aqui em casa”. Para a língua oral, esse fator não se mostrou relevante. Porém, na análise não atomística, o mesmo fator se mostrou relevante para os dados de língua oral, só que sendo a informalidade favorecedora da marcação de plural: “no futuro... vai ter muitas **coisas** eletrônicas muito mais do que tem hoje” (FIAMENGUI, 2011, p. 128). Embora o último resultado tenha ido contra as expectativas da autora, ela mesma ressalta a importância do fator na explicação da marcação de pluralidade (FIAMENGUI, 2011, p. 128).

Tanto Scherre (1988), quanto Fiamengui (2011) incluem nomes gerais entre o conjunto de itens classificados como informais. Apesar de as autoras não terem observado a variação da marcação em nomes gerais, tal como se assume nesta obra, os resultados que apresentam são um argumento a mais para a tese de que os nomes gerais, no processo de gramaticalização, ocupam um nível intermediário entre substantivo e pronome e tendem a perder as marcas de plural.

3.2.1.2 Gênero

O item *coisa* é acompanhado de determinantes e adjetivos de gênero feminino, como se observa no exemplo abaixo:

- (5) eu tô gostano mais da/das oito por cau[sa] daqueas/antiga... antiga...
daqueas coisa antiga... (CMP)

No entanto, observe-se que, no exemplo a seguir, o informante hesita no uso dos determinantes masculino e feminino:

- (6) chega serviço lá no/na/no **coisa** dele ele telefona na mema hora quereno sabê (CMP)

Além disso, encontram-se ocorrências de *coiso*, apresentadas abaixo.

- (7) aí, eu peguei a faca enfiei assim den[tro] do fogão e tá lá... tá esquentano, tá esquentano... quando a faca tava vermelhinha, eu tirei e puis no joelho dele... nossa! aquilo até deu aqueles **coiso** assim, cherô carne queimada (ARC)
- (8) saiu uma turma aí mais quebrô tudo as lâmpada os poste... os transformador... quebraro tudo sabe? a gente olhava assim, tava aquele **coiso**... o óleo escorreno (ARC)
- (9) *Pesquisador*: E tinha muito romance nesses teatro?
Informante: nas novela? nos **coiso**? tinha... tinha... mas eu dificilmente trabalhava nesse (ARC)

Entretanto, ocorrências de *coiso* não são comuns em todas as variantes do português. Observe-se que os exemplos de (7) a (9) são de Arceburgo. Na fala de Belo Horizonte, por outro lado, parece não ser comum. Essa possível variação dialetal precisaria ser verificada posteriormente²⁷.

²⁷ Com efeito, em consulta ao *Corpus do Português* de Mark Davies (apud HEYE, J. [org], 1995), observaram-se 194 ocorrências desse item, todas de Portugal. Verifica-se que, apesar de essa forma não ser comum em todas as variantes do português, há, em outras línguas românicas, correspondentes que são mais frequentes. Assim ocorre com *coso* em italiano e *coso* em espanhol.

3.2.1.3 Grau

Há ocorrências no corpus em que o item *coisa* está acompanhado pelo sufixo *-inba*, muitas vezes associado a uma dimensão pequena. Em (10), o SN *alguma coisinba* é interpretado como uma referência a trabalhos feitos por mulheres. A forma *-inba*, porém, não expressa dimensão, mas serve para diminuir o valor ou a importância dos trabalhos referidos pela informante. Em (11), *coisinba*, que se refere a um costume dos ouropretanos, também não mantém ideia de dimensão, mas de desvalorização de tal costume. Por outro lado, em (12), além do traço de desvalorização, a forma diminutiva *coisinba* também apresenta um valor de dimensão, o qual é complementado pelo adjetivo *piquinininha* e correferente com *lebrancinha*.

- (10) olha a gente mulher sempre faz alguma **coisinha** daqui e dali... eu atualmente eu tô mexendo com bijuterias... uma coisa que eu comecei fazê e:: por fazer... nem diria que foi por hobby não... eu comecei fazê... me deu na cabeça de começá a fazê... fiz umas peças... fiz outras e daí a coisa foi crescendo... crescendo... as encomendas chegam e eu fui evoluindo cada vez mais (BHZ)
- (11) essa **coisinha** de Ouro Preto que o povo de Ouro Preto tem, cê tá entendendo? Esse costume ouropretano é uma coisa só dos ouropretanos mesmo... então assim eles infiltram e tal mas não (...) eles na deles e o povo ouropretano ainda com esse (...) éh (...) tradição né? povo tra/tradicional o povo de Ouro Preto é conservador né? o povo de Ouro Preto (OPR)
- (12) a minha vó quando tem... a minha vó quando tem alguma coisa comemorativa por exemplo... natal páscoa... ela tem 11 netos contando comigo... aí ela quase num dá pra... quando dá é uma **coisinha** piquinininha lebrancinha (MAR)

3.2.2 A distribuição na sentença

Apesar de, como nome geral, o nome geral *coisa* poder ser situado entre os substantivos e os pronomes, conforme já apontado no primeiro capítulo, sua distribuição sintática equivale à de um substantivo comum. Nesse senti-

do, diferentemente dos pronomes, pode ser antecedido por determinantes (13-15) ou ser modificado por sintagmas distintos, como sintagma adjetivo (14) e sintagma preposicionado (15):

- (13) antes era serviço de obra assim... fazeno massa [**essa [coisa]]**... (PRG)
- (14) [essas [**coisa [inlatada]]**] (PRC)
- (15) meu pai num ia fazê [ũa [**coisa [dessa]]**] (PRC)

A seguir, serão analisadas algumas propriedades de elementos que aparecem à esquerda ou à direita do item *coisa* no corpus.

3.2.2.1 Material à esquerda

Como outros substantivos, o item *coisa* aparece sem determinantes em diferentes contextos. Em (16) e (17), *coisa* é núcleo de sintagmas que são argumentos de verbos leves (*dare fazer*). Em (18), existe uma coordenação de substantivos nus e um dos sintagmas coordenados está formado por *coisa de horta*. Em (19), o constituinte que contém *coisa* também é argumento interno do verbo, tal como nos exemplos anteriores, porém se encontra topicalizado.

- (16) foi Geografia... () que a Wilsa dá mais Ø coisa atual mesmo (MNV)
- (17) ah tem o Amauri... ele faz Ø coisas com (MNV)
- (18) planta feijão... milho...Ø coisa de horta... cana (MNV)
- (19) agora Ø coisa de minimo eu cacei dimais... (PRC)

Observando agora o material fônico à esquerda do item *coisa*, os dados mostram, que, conforme comentado acima, não há restrição com respeito à classe de itens que aparecem na mesma posição diante dos substantivos. Assim, temos artigo (20), indefinido (21), demonstrativo (22) e possessivo (23).

- (20) eu tô pareceno coruja gosto mais de vê **as coisa** noturna (MNV)
- (21) muitas vezes eu tenho vonta[de] de fazê um curso assim **alguma coisa** (CMP)

- (22) foi muito bom pra mim principalmente a... parte de psicologia didática **essas coisa** sabe? (CMP)
- (23) quando num puxava água... derrubava **minhas coisa** (PRC)

Embora o *corpus* não tenha registrado, parece que *coisa* não rejeitaria a presença de expressões qualitativas (*a porcaria da coisa*) ou delimitadores (*um tipo de coisa*), construções incluídas por Castilho (2010) entre o conjunto dos especificadores do sintagma nominal.

3.2.2.2 Material à direita

Conforme apontado na análise do material à esquerda do item *coisa*, esse nome, apesar de ser situado entre um item lexical substantivo e um pronome, aceita, diferentemente dos itens pronominais, quaisquer constituintes à sua direita. Assim, se um pronome pessoal não aceita constituinte restritivo de caráter adjetivo, preposicional ou oracional (**ela antiga; *ela da Campanha; *ela que tem aqui*), essas restrições não se aplicam ao nome geral *coisa*, conforme atestam os exemplos abaixo:

- (24) eu tô gostano mais da das oito por cau[sa] daqueas/antiga... antiga... daqueas **coisa antiga** (CMP)
- (25) ele trabalha muito faz muita questão **das coisas da Campanha** (CMP)
- (26) tem a faculdade mas nem todos querem fazê a faculdade... né?... **as coisas que tem aqui** (CMP)

Além disso, convém observar as ocorrências abaixo, em que estão pospostos ao nome *coisa* os itens *toda* e *tudo*. Note-se, mais uma vez, a ausência de concordância.

- (27) ocês tá com vontade de/de agravá essas **coisa toda** heim? (PRC)
- (28) rumava as **coisa tudo** e rachava fora (PRC)

A análise das ocorrências do material à esquerda e do material à direita de *coisa* comprova que seu status de item que se situa entre um substantivo, de caráter lexical, e um pronome não pode se basear apenas em aspectos sintáticos. Em outras palavras, embora os nomes gerais possam ser situados entre um nome e um pronome, sua caracterização deverá considerar também aspectos semântico-pragmáticos.

3.2.2.3 Outros comportamentos sintáticos

Além de núcleo de um sintagma nominal, o item *coisa* apresenta outros comportamentos sintáticos que serão vistos a seguir. Convém destacar que essa diversidade de usos não é tão comum com outros nomes gerais, conforme veremos nos próximos capítulos, o que torna *coisa* ainda mais diferenciado dos demais.

3.2.2.3.1 Adjetivo

Inicialmente, vale ressaltar a ocorrência em que *coisa* aparece após um verbo de cópula, em posição própria de um sintagma adjetivo:

(29) é na Igreja do... São Francisco que acontece essa festa... festa (fica) boa pa caramba... agora a do Rusário é mais **coisa** né? (MNV)

Em (30), *coisa*, que também aparece em posição de sintagma adjetivo, é usado para generalizar as propriedades de quem mora na cidade e conhece bem a região.

(30) *Informante 2*: fala fala...fala
Pesquisador 2: que absurdo né gente
Informante: ocês é porque assim é mais nova
Pesquisador 1: é
Informante: -- ma[s] a gente que é mais **coisa** que anda muito a gente escuta
muito isso intão essas minina mais... (CTE)

3.2.2.3.2 Advérbio

No exemplo abaixo, *coisa* não está mais após um verbo de cópula, mas numa posição comum a sintagmas adverbiais e expressaria o modo como o indivíduo saiu.

- (31) e[le] saiu **coisa** aí ele achô lá naquela favela Cafezal em Belo Horizonte (CTE)

3.2.3 Descrição semântica

3.2.3.1 A referência a entidades inanimadas e animadas

Como afirmado anteriormente, *coisa* é um candidato ótimo para a referência a entidades inanimadas. Na maior parte dos casos de *coisa* do corpus, têm-se referentes inanimados, que podem ser abstratos, como em (32), ou concretos, como (33).

- (32) eles fala muita **coisa** que tem a ver com a vida da gente né? (MNV)
(33) ele era carpinteiro e fabricava **coisas** maravilhosas (CMP)

Em alguns casos, não é fácil observar a distinção entre referente abstrato ou concreto. Isso é o que acontece em (34), onde, embora possa ser interpretado preferencialmente como concreto, não descartaria uma possibilidade de referente abstrato (por exemplo, ‘ajuda’, ‘favor’, etc.).

- (34) que talvez ele pode tê murrido deveno alguma **coisa**... (PRC)

Com respeito a seres animados, *coisa* é usado para a referência a animais (35).

- (35) agora **coisa** de minimo eu cacei demais... passarim que a gente caçava sabe?... perdizes (PRC)

Também se faz uso desse item para seres imaginários, como (36) e (37). Em ambas as ocorrências, retiradas de um contexto em que se contavam casos de assombração, *coisa* é empregado para entidades imaginárias.

- (36) mas o pé perdia no vazio... num tinha nada... quanto mais nós curria mais aquilo curria pariava assim [om] a gente... a (gente fundava) o pé na **coisa** mais... parece que o pé entrava/no ar... num tinha nada (PRC)
- (37) depois que... eu casei... ta[va] fazeno... sete... uns oito dia de casado mais ô menos... a gen[te] deitano apagano a luz... uma **coisa** acendeu a luz (PRC)

Essa ampla possibilidade de referência de *coisa* ou, nos termos de Koch e Oesterreicher (2007) essa extensão máxima acompanhada de uma intensão mínima, se alinha com as propriedades de *choses* destacadas por Kleiber (1995), segundo o qual este seria um nome que pode ser aplicado a tudo sobre o qual se possa falar ou tudo que pode ser mencionado. Restrições, contudo, precisam ser feitas com relação à referência a seres humanos, conforme comentamos abaixo.

3.2.3.1.1 A referência a pessoas

Embora Fronek (1982) apresente usos de *thing* para pessoas, o item *coisa* do português não é um bom candidato para a referência a pessoas. Isso fica claro com o exemplo abaixo, em que se faz referência a Bárbara Heliodora, mas não é possível retomá-la com o item *coisa*:

- (38) **Bárbara Heliodora**... morô aqui... nessa rua... (*essa **coisa** escrevia muito bem) (CMP)

Da mesma forma, não é possível o uso de *coisa* como predicativo de referente [+humano], como ocorre no exemplo abaixo. No entanto, seria possível *Que coisa linda essa menina*, embora o *corpus* não tenha registrado ocorrência como essa.

(39) *Ela [+humano] é uma **coisa** muito linda²⁸.

Apesar de o nome *coisa* não ser um nome geral comumente usado para a referência a indivíduos, há ocorrências no *corpus* em que a entidade referida inclui não só seres não humanos como também humanos. Isso pode ser observado em (40), em que *as coisa* teria como referente fatos, objetos e inclusive pessoas. Neste exemplo, a interpretação seria: “algo ou alguém de que se pode temer”.

(40) que toda vida eu fui assim meia... meia levantada sabe? eu nunca...
tive medo das **coisa** (PRC)

Castilho (2010), ao analisar propriedades dos demonstrativos, afirma que esses itens atuam como operadores de verificação (CASTILHO, 2010, p. 499), os quais são divididos segundo três estratégias: verificação de identidade (itens que indicam que as entidades comparadas são idênticas); verificação de semelhança (marcam a identidade de forma imprecisa); e verificação de alteridade (apresentam novos referentes). Entre os primeiros, o autor inclui os demonstrativos *este, esse, aquele, mesmo* e *próprio*. Entre os segundos, é incluído o demonstrativo *semelhante* e, e, entre os terceiros, *outro* e *tal*.

Com base no exposto, é possível verificar, nos dados do corpus, uma situação interessante: um demonstrativo de identidade como *esse*, acompanhando um nome como *coisa*, pode ter uma interpretação de *semelhança*.

No exemplo (41), o sintagma *essas coisa* não é correferente com o sintagma anterior. Ele tem um referente mais amplo, uma vez que pode ser interpretado como outros estudos de nível secundário²⁹. Nesse sentido, a interpretação seria algo como *estudos semelhantes a esses*. Da mesma forma, em (42), o SN *essas coisa* tem como referente não somente as disciplinas Psicologia e Didática, mas também outras matérias que tenham sido estudadas pelo informante e que estão relacionadas a essas. Pode-se interpretar como *disciplinas (ou matérias) semelhantes a essas*.

²⁸ O símbolo * [asterisco], no início da sentença, indica uma construção agramatical.

²⁹ Tenha-se em conta que o Decreto-Lei 4244, de 09/04/42, estabelecia os cursos, ciclos e conteúdos do ensino secundário da época.

- (41) no meu tempo a mulher fazia clássico... ou era normalista ou ia fazê o clássico essas **coisa** (CMP)
- (42a) foi muito bom pra mim principalmente a... parte de psicologia didática essas **coisa** sabe? (CMP)

O mesmo efeito pode ser observado nos exemplos abaixo, em que se encontra o demonstrativo *aquela/s* antecedendo *coisa*.

- (43) achô ela morta... e saiu aí ispalhano “a (fulana de tal) tá morta” aquela **coisa** e acharo que era até ele e foi imbora... matô ela né? (MNV)
- (44) a gente ouviu vozes... meus fio mesmo ali embaixo... de vez em quando (...) iscuta vozes sabe?... chamando eles sabe? até hoje... ouviu vozes chamando... aquelas **coisa** (PRC)

Nos exemplos acima, parece haver uma perda da propriedade de determinação do demonstrativo, prevalecendo seu traço dêitico. Isso seria explicado pelo potencial de genericidade do nome *coisa*, que não permite estabelecer uma relação direta de hierarquia semântico-lexical entre as entidades nomeadas no contexto e aquelas interpretadas a partir do sintagma com *coisa*. Observe-se que, para o caso de (42a), se substituíssemos *coisa* por uma palavra lexical como *disciplinas* em (42b), a relação hierárquica é bem direta e diminui a possibilidade de interpretação de outras disciplinas diferentes daquelas citadas.

- (42b) foi muito bom pra mim principalmente a... parte de psicologia didática essas **disciplinas** sabe?...

No exemplo seguinte, o SN *essas coisa enlatada* não é correferente com outros e nem seria possível identificar o referente na situação comunicativa. A interpretação depende de conhecimento ainda mais amplo, pois o informante quer fazer referência aos produtos enlatados consumidos hoje em dia. São esses produtos que, segundo sua fala, causariam uma menstruação (regra) precoce nas adolescentes.

- (45) que eu li num livro diz que... num livro natural/de produtos naturais que... frango de granja essas **coisa** inlatada faz as mocinha tê... assim regra... é... muito precoce né? e nascê o seio também muito precoce (PRC)

Os exemplos acima possibilitam-nos ver como as propriedades semânticas do nome geral afetam a interpretação do demonstrativo que o antecede.

3.2.4 Expressões fixas

Observa-se no corpus a ocorrência de *coisa de louco*, locução que ainda não se encontra dicionarizada nas obras DEHLP (2009), NDA (2009), DUPC (2004):

- (46) intão tinha uma cadeia... diz que era uma **coisa de loco** a cadeia... (CMP)

Também não se encontra dicionarizada a construção *com coisa que*. Ela é usada como equivalente a *como se*, classificada tradicionalmente como conjunção comparativa hipotética ou subjetiva. Ao contrário de *como se*, parece que *com coisa que* é empregada com verbo no indicativo. Compare (47a) e sua paráfrase em (47b)³⁰.

- (47a) parô assim oiô bem **com coisa que** ia pegá correu foi pegô ele ali modeu modeu té que mato (PRG)
- (47b) ‘parô assim oiô bem **como se** fosse pegá correu foi pegô ele ali modeu modeu té que mato’

Outra locução com *coisa* e que também não se encontra dicionarizada é *o tipo da coisa*. Nos contextos em que ocorre, toda a locução poderia ser substituída pelo indefinido *algo*. Verifica-se, novamente, como o esvaziamento semântico aproxima uma locução formada por um nome geral a um item pronominal.

³⁰ No capítulo 7, retomaremos essa questão.

- (48) e também não gostaria de criar animais pra matar como porcos por exemplo, é **o tipo da coisa** que eu acho que pra mim num [te], num seria interessante (BHZ)
- (49) Ah não porque é **o tipo da coisa** né que eu tenho pra falar com você é sobre o carnaval a gente pode falar, mas o festival de inverno eu não, eu vi muito pouco entendeu? (OPR)

3.2.5 Aspectos textuais: o nome geral *coisa* e a *foricidade*

Em relação à **foricidade**, o nome geral *coisa* participa tanto de rótulos catafóricos quanto anafóricos, conforme é possível observar nos exemplos abaixo (veja-se também FARIA, 2012). Em (50), o sintagma ãa coisa refere-se à promessa que a informante fez ao pai e que é detalhada no discurso subsequente. O mesmo procedimento acontece em (51), em que *a tal coisa* tem como referente os fatos que explicam o motivo de a informante se engravidar várias vezes:

- (50) eu prometi a ele ãa **coisa**... “sabe pai... o que o senhor não pôde fazê em vida... eu Vô tentá fazer... eles mandaram o sinhô pra longe pra não ser diretor... mas o senhor antes de morrer ainda vai me ver... no cargo maior que diretor... ele me viu como inspetora seccional de ensino”... (PRC)
- (51) é pur isso que eu ten[ho] esse tan[to] de minino... desde esse aqui que eu tava com os papel arrumado... mas era a tal **coisa**... “ah depois que cê ganhá o neném daí seis mese cê vem cá”... aí eu ía lá... eu num podia... ivitá... num posso tomá comprimido... aí eu ia lá podê arrumá ês ficava me enrolano... quando eu ia terminá fazê os izame pré-operatório eu tava cheia de novo (PRC)

No exemplo abaixo, o sintagma cujo núcleo é *coisa* rotula o conteúdo precedente.

(52) ele chegô aqui no lugar e... encontrô um/ele mandô um na frente e eles... pra avisá o lugar eles tocaro todos os sinos das igrejas porque o Nosso Senhor dos Passos tava chegano... e as pessoas levantaro todas e pusero lamparins e velas nas janelas... intão ele intrô festivamente aqui às onze horas da noite naquele tempo já era tarde né?... e/e intão... é uma **coisa** muito importante que aconteceu nessa época também (CMP)

Em (53), o sintagma que tem como núcleo *coisa* estabelece uma relação coesiva catafórica e também anafórica. Ao mesmo tempo em que *coisa* rotula fatos anteriormente relatados, também rotula informações sobre o roubo que será contado. Essa coesão entre o discurso precedente e o subsequente é favorecida pelo item *ota* (< *outra*), classificado, segundo Francis (2003 [1994], p. 221), como um modificador textual, ou seja, um elemento que contribui para o papel organizacional dos rótulos.

(53) ah é pois é... lembrei veio ladrão aqui [...] veio ladrão aqui no mel né?... pra robá mel... ó pro cê vê... pois é... até isso... acontece por aqui... ai meu deus do céu... na fazenda mesmo já entrô ladrão treis veiz... na fazenda aqui [...] ah e ota **coisa** que acontece aqui também... ês roba... já robô num sei se é três vaca ô quatro (CMP)

Além da anáfora rotuladora, outros tipos de anáforas não correferenciais estabelecidas por *coisa* podem ser vistas nos exemplos abaixo. Em (54), o item *coisas* possibilita uma anáfora associativa, uma vez que, a partir da informação do falante sobre o ofício da pessoa citada (*era carpinteiro*), o interlocutor pode interpretar o complemento de *fabricava* (*coisas maravilhosas*), que tem como referente o conjunto de peças e obras criadas pelo carpinteiro.

(54) o senhor NP... ele era carpintero e fabricava **coisas** maravilhosas... ele montô por exemplo a iscadaria do Sion... (CMP)

Essa estratégia de associação também acontece no exemplo seguinte. Em (55), o informante usa “as coisas que tem aqui” para se referir aos cursos que são oferecidos pela faculdade. Caso houvesse utilizado o item *curros*

no lugar de *coisas*, veríamos uma relação semântica de *parte de*, ou seja, os cursos como sendo um componente de faculdade. No entanto, ao usar *coisas*, o falante não só desfaz uma associação estrita com *faculdade*, como parece também ampliar a referência do sintagma. Nesse sentido, o informante consegue ainda desqualificar os cursos que são oferecidos pela faculdade da cidade.

(55) quando já vai ficano adulto... que ês vão istudá fora... (quer dizer) tem a faculdade mas nem todos querem fazê a faculdade... né?... as **coisas** que tem aqui... intão sai muito... muitos voltam depois otros () só voltam depois de velho... (CMP)

CONCLUSÕES

A análise realizada neste capítulo possibilitou demonstrar diferentes propriedades do item *coisa*, em diferentes contextos e tipos de discurso. No discurso jurídico, é relevante distinguir *coisa* de *bem*, seja para relacionar ou não *coisa* à questão da materialidade. De qualquer forma, o fato é que, tanto no ordenamento jurídico quanto nas teorias da área, é fundamental o uso do nome *coisa*.

A análise morfológica demonstrou que o item *coisa* ocorre preferencialmente na forma singular, o que vai ao encontro da tese de formação de um nome geral proposta nesta obra. Além disso, registraram-se também ocorrências da forma *coiso* e de *coisinha*, esta última atribuindo um desvalor ao referente.

Embora *coisa*, como nome geral, esteja em um nível intermediário entre um item lexical e um pronome, observou-se que seu comportamento sintático se equipara mais ao de um substantivo. Além disso, pode aparecer como núcleo de um sintagma adjetivo ou mesmo de um sintagma adverbial, embora o número de ocorrências nesse caso seja pequeno.

A análise semântica revelou que o item *coisa* é usado principalmente para entidades inanimadas, sejam elas concretas ou abstratas. Não é um bom candidato para a referência a pessoas, embora não seja estranha uma sentença como *Que coisa linda essa menina*. O corpus, no entanto, não registrou nenhuma ocorrência como essa.

A análise revelou locuções com *coisa* que não estão dicionarizadas. Esse é o caso de *coisa de louco*, *com coisa que*, esta última equivalente a *como se* e *o tipo de coisa*, construção que equivale a um indefinido como *algo*.

Com respeito ao uso textual, o item *coisa* aparece em diferentes usos fóricos, sejam eles anafóricos ou catafóricos. Tais usos possibilitaram comprovar que o nome *coisa* não permite estabelecer nenhuma relação direta de hierarquia semântico-lexical, ou seja, o nível de generalidade de *coisa* é tão alto, que não é possível identificar traços desse item que possibilitem uma relação direta com uma classe determinada de entidades.

O ITEM *NEGÓCIO*

*Que é pra acabar
com esse negócio
de viver longe de mim,
Não quero mais esse negócio
De você viver assim,
Vamos deixar desse negócio
De você viver sem mim,
Não quero mais esse negócio
De viver longe de mim.*
(JOBIM; MORAES, 1956)

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, analisaremos a presença no corpus do nome *negócio*, que tem sua origem na forma latina *negōŕiu*. Alguns aspectos históricos desse nome serão vistos na segunda seção deste capítulo e outros no capítulo 8.

Encontramos formas correspondentes a esse nome em línguas românicas, como *negozio* (it.) ou *negocio* (esp.). Em espanhol, por exemplo, *negocio* pode denotar uma operação econômica ou o local em que se negocia. Além disso, pode denotar um assunto ou atividade, mas que não chega a ser tão genérica como em português. No italiano, *negozio* também denota uma operação econômica ou o local onde se negocia. Por outro lado, esta língua apresenta

o item *affaire* (de origem provável do *francês*), que significa ‘negócio’ ou ‘assunto’, mas também pode denotar algo que o falante não denomina ou não pode identificar (cf. MIHATSCH, 2006, p. 200). Esses itens nessas línguas não possuem uma acepção como nome geral tal como ocorre em português.

Os dicionários contemporâneos do português apresentam acepções de *negócio* que aproximam tal item a um nome geral, mas colocam uma rubrica seja de *regionalismo*, *brasileirismo*, *popular* ou *familiar*. Comparem-se as definições abaixo:

Regionalismo: Brasil. Uso: informal: algo de que não se sabe ou não se lembra o nome; alguma coisa; Ex.: *por favor pegue esse n. aí* (DEHLP, 2009) Bras. Pop. Qualquer coisa ou objeto cujo nome não se sabe ou não se quer mencionar; TROÇO (AD, s/d) Bras. Pop. Fam. Qualquer objeto ou coisa; troço, trem. (NDA, 2009)

Observe-se ainda que o DEHLP registra 7 acepções para *negócio*; o NDA, 8; e o DUPC, 12. O fato de os dicionários apresentarem um conjunto cada vez mais amplo de significados constitui, a nosso ver, uma evidência do estatuto de nome geral atribuído ao item.

No caso de locuções, são registradas pelas obras citadas: *negócio da China*; *negócio de pai para filho*; *negócio jurídico*³¹, entre outras. A respeito da primeira, *negócio da China*, o DUPC informa que essa locução teria surgido no século XIII, durante as viagens de Marco Polo ao Oriente. Na época, a China era apresentada como uma terra maravilhosa, o que atraía o interesse dos comerciantes (DUPC, p. 962).

Este capítulo, a exemplo do anterior, vai se desenvolver em duas seções. Na primeira, será analisada a presença de *negócio* na linguagem jurídica; na segunda, serão discutidas as ocorrências de *negócio* no *corpus* do português falado.

³¹ Sobre essa locução, veja-se a seção seguinte.

4.1 O ITEM *NEGÓCIO* NA LINGUAGEM

De acordo com a seção anterior, uma das locuções encontradas no verbete *negócio* dos dicionários é *negócio jurídico*. Essa locução, da mesma maneira que *coisa*, tem amplo uso na linguagem jurídica. Francisco Amaral (2008, p. 383) assim define *negócio jurídico*: “a declaração de vontade privada destinada a produzir efeitos que o agente pretende e o direito reconhece”. Como se vê, essa locução não é empregada no sentido comum de operação ou transação comercial.

No Brasil, o Código Civil atual (Lei 10.406/2002) – diferentemente do código anterior, de 1916 – também adota o termo *negócio jurídico*. De acordo com F. Amaral (2008, p. 384), o Código registra *negócio jurídico* como “categoria que compreende as declarações de vontade destinadas à criação, modificação e extinção das relações jurídicas”. E acrescenta: “como figura **abstrata** que é, [o negócio jurídico] reúne os princípios comuns às várias espécies de manifestação de vontade com que as pessoas dispõem juridicamente de seus interesses” (AMARAL, F., 2008, p. 386) (grifo nosso).

Foi na Alemanha que se elaborou o conceito de *negócio jurídico* (*Rechtsgeschäft*). Segundo F. Amaral (2008, p. 387), o “direito romano não conheceu o negócio jurídico como categoria lógica, que seria fruto de uma abstração a que os juristas romanos, práticos e objetivos, não se dedicaram”. De acordo com o autor, o termo *negócio jurídico*,

[...] com o sentido de atividade que realize interesse de ordem patrimonial, deve-se a Nettelbladt, em 1749, mas a sua completa formulação dá-se com Savigny, que o define como ‘espécie de fatos jurídicos que não são apenas ações livres, mas em que a vontade dos sujeitos se dirige imediatamente à constituição ou extinção de uma relação jurídica’. (AMARAL F., 2008, p. 387).

Conforme o autor, durante a formação do termo, como se queria criar um direito igual para todos, os pandectistas chegaram a um grau alto de abstração, como o conceito de *negócio jurídico*, que era aplicável a todos os atos jurídicos em que o sujeito visasse certos fins (p. 388). Ainda conforme F. Amaral (2008, p. 388):

O negócio jurídico resulta, assim, de um processo de abstração, a partir da liberdade e da igualdade formal de todos perante o direito, processo que se inicia com a Revolução Francesa e que tem por objetivo estabelecer um direito **geral** e **abstrato**, aplicável a todos, sem distinções de classe. (grifos nossos)

Esse processo de criação e difusão do termo *negócio jurídico* demonstra, mais uma vez, a importância do item *negócio* para o Direito, contribuindo para diferenciá-lo do nome geral *negócio*. Além disso, semelhante ao processo em que se cunhou o termo *pessoa jurídica*, conforme será visto no próximo capítulo, foi necessária uma abstração por parte dos usuários do termo.

4.2 OCORRÊNCIAS DO NOME GERAL *NEGÓCIO* NO CORPUS ANALISADO

4.2.1 As realizações morfológicas

Mais ainda que outros nomes gerais, o item *negócio* sofre distintas reduções sonoras na língua oral³². Pode haver monotongação da última sílaba, como ocorre em (1), ou perda do ditongo, como em (2):

(1) cumé que é o nome daquele **negoço**? (PRC)

(2) ah esse **negós** aí é bestera (PRG).

Também ocorre a perda da última sílaba, especialmente quando o contexto seguinte apresenta a preposição *de*:

(3) aí saiu aque[le] **negó**[cio] da pastoral da criança (PRC)

(4) num falei com ele esse **negó**[cio] da tinta não... (CMP)

³² A redução sonora de *negócio* se deve a uma soma de fatores: além de ser um item gramaticalizado, conforme estamos argumentando, é um item proparoxítono. Agradecemos a(o) parecerista ter-nos ressaltado a importância desse fator fonológico. Sobre apócope em proparoxítonos no Português Brasileiro, ver Bisol (1994); dentre outros. Sobre análise variacionista de proparoxítonas no Português Brasileiro atual, ver Amaral, Marisa (1999; 2002).

A redução sonora³³ é um argumento a favor da gramaticalização de *negócio*. Análises de itens gramaticalizados mostram resultados semelhantes em um grande número de casos (cf. capítulo 2.).

4.2.2.1 Número

Da mesma forma que *coisa*, o item *negócio* pode apresentar flexão de número realizada com a marca [-s]. No entanto, também neste caso, os dados do corpus seguem a tendência do português oral brasileiro de realizar a marca de número apenas no determinante e não no nome. Nos exemplos abaixo, observamos a marca de plural no artigo (5) e no demonstrativo (6), mas não há marca de plural no item *negócio*.

(5) isquici cumé que é o nome da dona que faz nos **negoço**... de barro...
isquici mesmo o nome (MNV)

(6) [...] essas dona que faz aquê **negoço** de barro de madeira né? (MNV)

Essa ausência de ocorrência da forma plural *negócios* constitui uma evidência a mais para a inclusão de *negócio* no conjunto dos nomes gerais e para a sua inclusão em uma classe intermediária entre os nomes e os pronomes. Conforme adiantado no capítulo 1, pronomes indefinidos como *algo* (port.), *algo* (esp.), *something* (ing.) e *quelque chose* (fr.) são usados no singular. Observe-se que, na ocorrência abaixo, em que a acepção de *negócio* está relacionada a ‘transação comercial’ e esse item não constitui um nome geral, tem-se a forma de plural:

(7) meu irmão... que era pequeno na época e ele já era mais de idade...
guiava todos os **negócios** pra ele... fazia compras (ARC)

³³ Agradecemos ao parecerista anônimo a sugestão sobre esse termo neste contexto.

4.2.2 A distribuição na sentença

A distribuição de *negócio* na sentença é bem próxima à de *coisa*, vista no capítulo anterior. Esse item encontra-se antecedido por determinantes (8-10) ou modificado por sintagma preposicionado (9-10).

- (8) foi de dona Lica precisô de nós entra no meio e [o [negóço]] teve feio mesmo (PRG)
- (9) mãe já viu esse [negóço [da:: da mula]] né (PRG)
- (10) num tinha esse [negócio [de ficá saino muito]]...

Parece não haver restrição sintática quanto à presença de adjetivo junto ao item *negócio* (*um negócio interessante*). No entanto, o *corpus* registrou apenas uma ocorrência de adjetivo posposto a esse nome geral (11), mesmo assim, com a intercalação de *muito*. Por outro lado, há uma recorrência grande da construção *esse negócio de*, o que será comentando adiante.

- (11) passei dificuldade por isso puquê o **negócio** muito **custoso** né ... e eu pelejano pa rumá pa casá e num tinha jeito aí eu ... fui trabalhá lá imbaxo lá no/lá no Ingeim Novo (PRG)

4.2.2.1 Material à esquerda

O *corpus* registra ocorrências do item *negócio* sem determinantes em contextos como os seguintes: introduzindo argumento de um verbo leve (12-13); iniciando complemento de verbo (14) ou de preposição (15); em fragmento de sintagma (16):

- (12) e marrô tudo de cipó... num tinha... **negóço** de encaxamento assim de fura não (PRG)
- (13) tem o campo do Carioca que tem **negóço** da sociação ... sabe sociação? (PRG)
- (14) quando cumeçô **negó**[cio] de [e]leição aqui... o povo inté gostava..." (CMP).

- (15) Eles diz que iam pegá mas depois com... a... **negócio** da Festa de São João, diz que ia esperá passá a festa (ARC)
- (16) té hoje **negoço** de Carnaval confusão aqui aqui do bairro num deu pra mim lê... (MNV)

Com relação ao material fônico à esquerda do item *negócio*, os dados mostram uma variedade de determinantes, embora se destaque a presença do demonstrativo *esse*. Assim, temos artigo (17), indefinido (18) e demonstrativo (19-20). Não há ocorrência de possessivo anteposto, apenas do possessivo de terceira pessoa posposto *dele* (20).

- (17) eu só vi **o negócio** de Sebastião Leme do Prado que foi o fundadô de Minas Novas (MNV)
- (18) eu vô pa todo lado trabaiá cortá terra fazê **quarquê negoço** roçá (PRG)
- (19) a gente nunca mais saiu **nesse negócio** dos bloco (ARC)
- (20) *Pesquisador*: Shakespeare
Informante: éh::é bonito esse **esse negóci dele** (PRG)

4.2.2.2 Material à direita

De forma semelhante ao comportamento sintático de *coisa*, *negócio* é modificado por adjetivos (21), sintagmas preposicionais (22) ou orações (23):

- (21) passei dificuldade por isso puquê **o negócio mui[to] custoso** né... e eu pelejano pa rumá pa casá e num tinha jeito (PRG)
- (22) num tinha assim **esse negócio de vestido comprido**, essas coisa (ARC)
- (23) mas num é **um negócio que tem muito recurso** (ARC)

Um fato que se destaca no *corpus* é a recorrência de construções em que o item *negócio* está seguido de sintagma preposicionado, muitas delas com o nome geral antecedido por demonstrativo. Registram-se demonstrativos

como *aquela* (na forma *aquês*) (24), mas o mais comum é que apareça o demonstrativo *esse*. Nesse sentido, observa-se uma tendência à uma fixação da construção *esse negócio de*, como se observa em (25), (26) e (27):

- (24) essas dona que faz **aquês negoço de** barro de madeira né? (MNV)
(25) e num tinha **esse negócio de** bebê nos baile, num tinha (ARC)
(26) de humorismo eu num gosto mui[to] não... (humorismo não ()
esse negócio de Zorra Total... Os normais () (CMP)
(27) mãe já viu **esse negoço da::** da mula né (PRG)

Observe-se, nesses casos, a importância do conteúdo semântico do sintagma preposicionado. Como o nome geral é um item que não descreve a entidade referida, faz-se necessário que haja um complemento para a identificação do referente ou que essa identificação se dê a partir de outras informações textuais.

4.2.2.3 Comportamento sintático

O *corpus* não registra dados de *negócio* em posição de sintagma adjetivo ou de sintagma adverbial, diferentemente do que ocorreu em relação a *coisa*. Não encontramos construções como *X é mais negócio* ou *X fez Y negócio*. Porém, com relação à primeira, é relativamente comum na língua portuguesa sentenças como *Pagar o imposto à vista é mais **negócio***, que poderia ser parafraseado por *Pagar o imposto à vista é melhor*³⁴. Parece que a base dessa construção é a noção positiva de um negócio financeiro ou comercial, ou seja, o falante supõe que fazer um negócio pode trazer vantagens e, a partir dessa ideia, utiliza *ser mais negócio*. Embora qualquer negócio possa também trazer prejuízo, não é tão comum o uso de *menos* como: *Pagar o imposto parcelado é menos negócio*. Uma pesquisa posterior poderia confirmar ou não essa hipótese.

³⁴ Veja-se o exemplo abaixo, extraído de comentário de blog, em que a autora avalia um estabelecimento comercial: "PÉSSIMO atendimento, por parte de todos que nos atenderam. Atravesse a rua e coma um espetinho no tio da esquina, é mais negócio. Disponível em: < <https://pt.foursquare.com/v/suk%C3%A3o-lanchonete/4e2099ed1495f18f0345af78>>. Acesso em: 14 out. 2013.

4.2.2.3.1 Verbo

O corpus registra formas conjugadas do verbo *negociar*, mas nenhuma delas se relaciona com o item *negócio* como nome geral. Como se vê no exemplo abaixo, o verbo *negociar* está sendo usado com sua acepção dicionarizada de fazer uma transação comercial.

- (28) mas... eu mesmo... dos italiano tinha a minha bisavó... que ela **neguciava**... ela... nossa! Ela **neguciava** qualquer coisa e o forte dela era **neguciá** joias. (ARC)

Não foi encontrada nos dados nenhuma forma do verbo *negoçar*, que, ao contrário da anterior, poderia ser vinculada à interpretação genérica do nome geral *negócio*, uma vez que pode ser usado em lugar de outros verbos e em diferentes formas: *negocei*, *negoçando*, etc.

4.2.3 Descrição semântica

Uma diferença existente entre o item *coisa*, visto no capítulo anterior, e *negócio*, é que este possui, na língua, acepções específicas, relacionadas a acordos ou transações comerciais. No *corpus* analisado nesta obra, embora o item *negócio* seja utilizado majoritariamente como uma maneira de se referir a um objeto não especificado ou não denominado, nos exemplos (29) e (30), possui o sentido de ‘atividade comercial’. Essa interpretação não permite incluir casos como esses no conjunto dos usos de *negócio* como nome geral.

- (29) meu irmão... que era pequeno na época e ele já era mais de idade... guiava todos os **negócios** pra ele... fazia compras (ARC)
- (30) e... a minha mãe mesmo... teve... tinha espírito de **negócio** também... gostava muito de mexê cum coisa... comprava... vendia... esses tipo de coisa (ARC)

Por outro lado, exemplos claros de que *negócio* integra o conjunto dos nomes gerais podem ser vistos abaixo, em que os falantes usam esse item para uma referência a entidades cujos nomes eles mesmos afirmam terem esquecido.

- (31) isquici cumé que é o nome da dona que faz nos **negoço**... de barro... isquici mesmo o nome (MNV)
 (32) só que ele fugiu cua... cumé que é o nome daquele **negoço**? (PRC)

4.2.3.1 A referência a entidades inanimadas

O item *negócio* é usado preferencialmente para a referência a entidades inanimadas, a exemplo de *coisa*. Entre tais usos, observa-se referência a entidades concretas (33-34) ou abstratas (35-36).

- (33) essas dona que faz aquês **negoço** de barro de madeira né? (MNV)
 (34) as fazendas... onde tinham as antigas máquinas assim... eu acho que é um **negócio** que eles deviam preservá e hoje é tudo quebreo (ARC)
 (35) e sempre acontecia um **negócio** com ele lá (PRG)
 (36) num falei com ele esse **negó**[cio] da tinta não... (CMP)

Em (33), como referente inanimado concreto têm-se peças de artesanato e em (34), fazendas. Em (35), o sintagma com *negócio* refere-se a um fato e em (36) a uma história.

Mas se destaca no corpus o uso de *negócio* para referência a entidades inanimadas abstratas. Em muitos casos, esse item é usado para falar de um comportamento ou de um costume. Nesse sentido, (37a) pode ser parafraseado por (37b) e (38a) por (38b):

- (37a) eu gosto de Lourdinha ... ela ... ela tinha um **negoço** de:: quarqué coisa que falava com ela desmaiava nó (PRG)
 (38a) e num tinha esse **negócio** de bebê nos baile, num tinha (ARC)
 (37b) eu gosto de Lourdinha ... ela ... ela tinha um **costume** de:: quarqué coisa que falava com ela desmaiava nó
 (38b) e num tinha esse **costume** de bebê nos baile, num tinha

4.2.3.2 A referência a pessoas

Com relação à referência a pessoas, o fato em si de *negócio* ser um nome geral não constitui obstáculo para que se possa fazer referência a seres humanos. No entanto, do mesmo modo que *coisa*, não parece ser um bom candidato para esse tipo de referência. O corpus não registra nenhuma ocorrência com essa interpretação. Por outro lado, esse item é importante para a referência a costumes ou comportamentos dos indivíduos, conforme comentado acima.

4.2.4 Expressões fixas

Apesar de *negócio* fazer parte de diferentes locuções na língua, de acordo com a análise das obras lexicográficas apresentada acima, o corpus não registrou nenhum caso das locuções citadas (*negócio da China; negócio de pai para filho; negócio jurídico*). No entanto, pela recorrência da construção *esse negócio de*, mencionada anteriormente, seria possível apontar para uma possível cristalização dessa estrutura. Observe-se que, nos exemplos retomados abaixo, há ocorrências de formas de plural com o artigo definido *os* e com o demonstrativo *aqueles*, mas os dados não registram *esses negócio(s) de*. A construção *esse negócio de* foi a que mais predominou, ocorrendo em praticamente um terço dos casos.

(39) isquici cumé que é o nome da dona que faz **nos negoço**... de barro... isquici mesmo o nome (MNV)

(40) essas dona que faz **aquês negoço** de barro de madeira né? (MNV)

(41) e num tinha **esse negócio de** bebê nos baile, num tinha (ARC)

4.2.5 Aspectos textuais: o nome geral *negócio* e a *foricidade*

Considerando o aspecto coesivo do item *negócio*, observamos, inicialmente, que ele pode ser usado, como nome geral, em contextos de introdução e retomada do referente, tal como outros substantivos. No exemplo (42), o

informante introduz o referente por meio de um sintagma indefinido específico (*um negócio*) e o retoma por meio de um sintagma definido específico (*esse negócio*). Observe-se ainda que, na continuidade do texto, o falante nomeia o negócio de *solúcio* (cf. SOUZA, 2012).

(42) *Informante 3*: logo que eu casei... vô cumeçá lá de casa... lá de casa an[tes] deu casá... havia uma pantaforna muito ingraçada sabe?... lá em casa tinha um/**um negócio**... intão quand[o] a lua tava bunita era principalmente que **esse negócio** apresentava... ma[s] só que cê num via

Pesquisador 1: sei

Informante 3: presentava um solúcio... mas um solúcio... um solúcio mais ingraçado do mundo... que aquele solúcio aquela pessoa cumeça a soluçá assim... continuado sem pará... porque assoluçava... e gimia...

Em (43), existe uma anáfora também, porém, diferentemente do exemplo anterior, o antecedente dessa anáfora é o clube, que é recategorizado pelo nome geral *negócio*. Em outras palavras, a denominação do referente em (42) é posterior ao uso do nome geral, enquanto em (43) o uso de *negócio* é posterior à denominação do referente clube.

(43) tem o clube, que você vai lá pra jogá um bilhar... jogá um pingue-pongue né? se diverti assim né? vídeo game... tem musculação... tem várias coisas assim e também tem a piscina né? é um que cê vai... tem muitas coisas boas assim sabe? quadra de areia... treis piscina pro cê se divertir à beça... então é um **negócio** que é legal assim né? mas num é um **negócio** que tem muito recurso né? mas dá pro cê se destrá bem... tem o campo tamém pra jogá bola (ARC)

No caso seguinte, o item *negócio* faz parte de uma anáfora rotuladora, de forma semelhante ao item *coisa* do capítulo anterior. O informante relata um caso de um assassinato e, no final, rotula o fato como *um negócio*.

- (44) um deles... um fato muito triste... um amigo do meu pai... eu conhecia muito ele também né? o NP né? Ele... em uma briga... né? ele morreu esfaqueado... né? haviam dois rapazes né? um... o que matou ele... apelidado como NP e ele... o amigo dele entrou na briga né? e ele... ele foi pra socorrer né? então...cabou acontecendo esse incidente que magoou muita gente aqui em Arceburgo... e... onde aconteceu isso foi no jardim né? na praça da matriz... então foi um **negócio** assim, que eu fiquei muito chocado com isso (ARC)

Mas, em muitos casos, a interpretação do item depende do conteúdo subsequente. Isso é o que acontece nos exemplos abaixo, em que é o sintagma preposicionado posterior ao item *negócio* que oferece as pistas para a interpretação do nome geral. Nestes exemplos, *negócio* pode ser interpretado como ‘costume’ e, assim, em (45), o falante se refere ao costume de usar vestido comprido e, em (46), ao costume do indivíduo de dever muito. O demonstrativo, em casos como (45), possibilita uma leitura catafórica.

- (45) *Pesquisador*: e as roupas? pra ir aos bailes... como eram?
Informante: ah as ropas eram comum viu... num tinha assim esse **negócio de** vestido comprido... essas coisa (ARC)
- (46) ele pega quinhentos reais aqui hoje daqui pocas hora num tem nada mais o **negoço** dele devê muito os otro aí ele sai pagano pessoa (PRG)

Por fim, o exemplo abaixo também apresenta o item *negócio* em contexto catafórico, mas o referente é explicitado, não no sintagma que contém o nome geral, mas em outra oração. Parece que o falante, por ter esquecido o nome do referente, prossegue a sua fala e, pouco depois, recorda-o e o explicita com as informações de que dispõe: *o livrim de medicina natural*.

- (47) o minino/o minino chegava ficá roxo sabe? tanto tussi... o médi[co] passaba aquele monte de injeção... cabava aqueas injeção... o minino cumeçava tudo de novo... bastava ua nuve cubri o céu...

ele cumeçava a chiá os peito... aí eu falei [a]ssim “eu num vô mais”/aí saiu aque[le] **negócio** da pastoral da criança né... aí até tia Nilda mãe do Nei (que) comprô pra mim o livro... o livrim de medicina natural... aí eu vi lá o imbigio da banana curava... bronquite... aí eu fiz...

CONCLUSÕES

Tal como o item *coisa*, o item *negócio* possui máximo conteúdo extensional (denotacional). No discurso jurídico, sua importância é revelada, e se confirma seu conteúdo abstrato. Entre os nomes gerais desta obra, *negócio* é o que mais sofre reduções sonoras. Embora, sintaticamente, se comporte como outros substantivos da língua, registra-se uma tendência à fixação da construção *esse negócio de*. Diferentemente do item *coisa*, não foi observado um comportamento sintático diversificado para o item *negócio* – embora, conforme comentado, não seja estranha à língua a construção *ser mais negócio*.

No corpus analisado nesta obra, apesar de haver casos em que o item *negócio* é usado com o sentido de ‘atividade comercial’, é empregado majoritariamente como uma maneira de se referir a um objeto não especificado ou não denominado. Esse fato é um forte argumento a favor do seu comportamento como nome geral, já que esse sentido geral se afasta daquele exposto pelos dicionários históricos consultados.

Com respeito aos traços semânticos das entidades referidas por meio do item *negócio*, prevalece o uso para entidades inanimadas abstratas e, em muitos casos, para que o falante fale de um comportamento ou costume. Com relação ao uso textual do item *negócio*, são registrados casos de *negócio* em contextos anafóricos e catafóricos.

Entre as características do item *negócio* analisadas neste capítulo, contribuem especialmente para a inclusão no conjunto dos nomes gerais sua frequente redução sonora e a perda de traços semânticos.

CAPÍTULO 5

O ITEM *TREM*

“Mas tá um trem de doido, eta confusão

Parece natural andar na contramão.”

(PEDRO LUIS OLIVEIRA, No braseiro, [s/d])

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, analisaremos a presença do item *trem* no corpus. Esse item seria derivado do latim *trabere*, que é um verbo que significa “tirar, ou puxar alguma coisa, arrastar”. Tal como *coisa* e *negócio*, *trem* é um nome geral, embora sua distribuição seja restrita a alguns dialetos do português brasileiro.

Em dicionários de língua francesa, registra-se o item *train*, também acompanhado de diversas acepções. Citaremos aqui apenas duas: além de “ensemble constitué par une rame de wagons et la locomotive qui les tire”, há também “ensemble de voitures, de chevaux, de domestiques qui accompagnent quelqu’un; train de maison, l’ensemble des domestiques”, ressaltando que este item aparece em várias expressões idiomáticas.

Ao contrário dos itens descritos nos capítulos anteriores, *trem* não é utilizado na linguagem jurídica. Por esse motivo, neste capítulo não haverá seção específica para esse tema. Na próxima seção, serão discutidos dois conjuntos de ocorrências: um conjunto extraído de um corpus do português falado em Minas Gerais, e outro conjunto extraído de língua escrita veiculada em blogs da internet. As ocorrências extraídas de corpus falado serão

retomadas no capítulo 7, para efeito de análise quantitativa. Desde já, é importante ressaltar que a ocorrência de *trem* como nome geral é restrita a alguns dialetos brasileiros, já tendo sido documentada, até o momento, apenas nos dialetos mineiro e goiano.

5.1 OCORRÊNCIAS DO NOME GERAL *TREM* NO CORPUS ANALISADO

5.1.1 As realizações morfológicas

Inicialmente, gostaríamos de chamar a atenção para um traço morfológico: o número. Diferentemente de outros nomes gerais, o item *trem* ocorre sempre no singular, ainda que seu determinante esteja quer no singular quer no plural.

- (1) o **trem** mais mais arto deu um istalo mais arto ainda (AMN)
- (2) éh Laíde vivia brigano cueia direto e e nisso jogava os **trem** da véi tudo pô terrero (AMN)
- (3) nós arranjamó cd, eu mar Michele e Sandynha tomamo a frente de tudo, assim ó, nesses **trem**, de ligar o som dento da sala, nós mermo tomamo a frente de tudo (AMN)

Na aceção de nome comum, aparece no plural e no singular, dependendo da marca de número realizada no determinante, seja ele um artigo ou um pronome.

- (4) Quando ele chegô lá ne São Paulo... ele desceu do ônibus, já sabia o **trem** que ele ia pegar o ônibus, o metrô tudo (AMN)
- (5) Funcionários do metrô e dos **trens** suburbanos de Madri iniciaram nesta sexta-feira uma greve³⁵

³⁵ Esse dado pertence a um corpus complementar, de língua escrita. Foi extraído do jornal *Hoje em Dia*, 4/01/2013. Disponível em: <<http://www. hojeemdia.com.br/noticias/funcionarios-do-metro-de-madri-entram-em-greve-1.74965>>. Acesso em 22 mar. 2013.

Tal comportamento parece indicar que o estatuto de nome geral não permite a flexão no plural.

Tal como outros nomes gerais, admite derivações: diminutivos, como em (6), aumentativos, como em (7a) e (7b).

(6) Um **trenzinho** de nada

(7a) E veio aquele **trenção** em cima de mim (trem de ferro)

(7b) E veio aquele **trenhão** em cima de mim (objeto não especificado)

Há, na língua, palavras derivadas, mas que só aparecem como gírias: *Agora pensa numa **trenheira** que lotou o carro: carrinho, banheira, o guarda-roupa quase todo*³⁶.

5.1.2 As realizações sonoras

Do ponto de vista fonológico, registram-se queda de segmento semivocalico (8a-8b), e, quando diminutivo, queda da vogal final (9a-9b).

(8a) **trem** [treyn] >[tren]

(8b) Se está de bobeira, é um **trem à toa (PRG)**

(9a) **trenzinho** > trenzinho

(9b) **trenzinho** > trenzim

5.1.3 A distribuição na sentença

O item em análise aqui é documentado em diferentes posições sintáticas na sentença, podendo pertencer a sintagmas simples, como em (10), e a sintagmas complexos. No último caso, pode ser modificado por sintagmas adjetivos (11-12) ou sintagmas preposicionados (13). Pode ainda ocorrer como nome no (14).

³⁶ Esse enunciado também não pertence aos corpora orais analisados, mas foi extraído de blog da Internet: <<http://adoraveligor.blogspot.com.br/2010/06/primeira-viagem.html>>. Acesso em 26/11/2013.

- (10) o **trem** deu ôta risada mais arta ainda (PRG)
- (11) o **trem** mais mais arto deu um istalo mais arto ;ainda ...(PRG)
- (12) era um loBÃO danado, um **trem** BRABO (PRG)
- (13) jogava os **trem** da véia tudo pô terrero (PRG)
- (14) a pessoa num prucurava um hoter nem nada num prucurava um restorante iguale usa hoje levava **trem** pa cume (PRG)

Quanto à sua função gramatical, ocorre preferencialmente na posição de sujeito (15), embora também ocorra na posição de objeto (16) e predicativo (17).

- (15) o **trem** foi modificano (PRG)
- (16) quano intrei na moita pa vê esse **trem** (PRG)
- (17) {pó contá é **trem** de treis dia ((risos)) (PRG)

5.1.4 Descrição semântica

O item *trem*, como nome geral, tem quase sempre como referente ou um evento ou um nome [-humano].

- (18) aí no natal pá dá conta do **trem** eu no fui no PRGanga (trem = realizar construção, dar conta do serviço) mais buscá cimento (PRG)
- (19) quano intrei na moita pa vê esse **trem**/ o que que é// quando eu abri a moita assim/ ele avuo[ou] ni mim/ eu miti nele a foice// era um loBÃO danado (PRG)

Encontram-se ocorrências cujo referente é [+humano]. Mas, neste caso, há conotação pejorativa: é como se o referido perdesse a sua humanidade e se transformasse num objeto.

(20) tomara que ela não fique que nem a mãe... que **trem** feito, sô!³⁷

Uso de conotação semelhante se verifica com o termo *coisa*

(21) Por fora – viu no espelho – **ela era uma coisa** seca como um figo seco. Mas por dentro não era estorricada³⁸.

Quanto a seu conteúdo semântico, *trem* parece excluir o traço [+ coletivo]. Os coletivos apresentam algum grau de especificidade em relação aos entes agrupados. Por outro lado, o item *trem* refere-se a um conjunto de objetos que não se quer ou não se deseja especificar. Desse fato decorre a impossibilidade de paráfrase, usando-se um coletivo.

(22a) *Aí veio aqueles **trem** zoando atrás de mim

(22b) ‘Aí veio um **enxame** zoando atrás de mim’

Quando o falante não pode ou não quer explicitar um referente, esse referente é semanticamente descrito como [-definido], conforme conceituação de Lyons (1977). A possibilidade de *trem* significar conjunto de objetos em geral decorreria do fato de possuir o traço [-definido].

5.2 ASPECTOS TEXTUAIS

5.2.1 O nome geral *trem* e a *foricidade*

Tal como qualquer nome geral, o item *trem* pode ser usado como dêitico ou como anafórico. Seria dêitico em (23) porque se refere a um objeto que está fora do cotexto, embora no contexto situacional. O uso seria anafórico quando possui um antecedente no cotexto, como em (24).

³⁷ Enunciado coletado fora dos *corpora* analisados. Disponível em: <<http://obutecodanet.ig.com.br/index.php/2011/06/14/no-aniversario-de-seis-anos-mae-presenteia-garota-com-vale-cirurgia-para-colocar-silicone-seios/>>. Acesso em 26 nov. 2013.

³⁸ Disponível em: <<http://haialispector.tumblr.com/page/9>>. Acesso em 29 nov. 2013.

- (23) morava não, mai[s] tinha o terreno aí, uai, esse **trem** tudo qui era dele uai (PRG)
- (24) eu gostava demais[s] de novela₁ hoje eu num ligo pr[ara]esse **trem**₁ (PRG)

Os usos anafóricos podem ser subdivididos conforme a referência do item: um nome ou um evento. Vejamos.

- (25) eu gostava demais[s] de **novela** hoje eu num ligo pr[a] esse **trem** (PRG)
- (26) ela que tem que dá conta dos **trem** tudo...eu cuido da roça né ... (PRG)
- (27) *Informante*: intão meu pai compro[u] butina pra mim... fiquei até bobo que tinha butina... infiava e[[]a no pé... ieu ia anda[r]... num sabia anda[r]
- Pesquisador*: é claro que cê que nunca carçou]... né ((risos))
- Informante*: eu ia anda[r] co[m] **o trem** assim... mai[s] eu ficava oiano assim...achava **o trem** bonito demais (PRG)

Há também ocorrência de catáforas:

- (28) *Informante*: quan[d]o entrei na moita p[ar]a vê **esse trem**.
- Pesquisador*: O que que é?
- Informante*: Quando eu abri a moita assim, ele avuô ni mim... eu meti nele a foice...era **um lobão** danado (PRG)

Quando retomado, o item *trem* nunca é retomado pelo pronome átono. O falante repete o item.

- (29a) *Pesquisador*: mais cê já viu alguma cascavel_k enrolada?
- Informante*: não aqui... nói matô no meio do terrero ostro dia (...)
- Informante*: aqui ... esticadinha ... nói tava aqui ó ... aqui sentada aqui na porta... tá aquele **trem**_k esticado de assim no meio do terrero... perto da portera ali ó... mai[s] matei [∅]_k (PRG)

(29b) ?tá aquele **trem**_k esticado de assim do meio do terrero (...)
mai[s] o_k matei

Sequências como (29b) não ocorrem no corpus. Conforme se vê, pelo ponto de interrogação à esquerda, se realizada, causa certa estranheza. A razão certamente decorre da mistura de estilos. Enquanto o nome geral ‘*trem*’ ocorre em estilo casual, o clítico ocorre em estilo cuidado. Veja-se, entretanto, se o item *trem* for cliticizado quando este realiza um nome comum, na acepção de meio de transporte, a cliticização não causa estranhamento.

(30) O viajante esperava o **trem** das onze e sempre o ficava olhando desaparecer

Conforme já foi afirmado, o sintagma que inclui o nome geral *trem* equivale, em muitos contextos, a um indefinido, conforme assinalado no capítulo 3, quando foi feita a análise do nome geral *coisa*.

(31) armocei era uma faixa de umas dez hora da ;manhã ... nós chegô
lá nós ficamo comeno essa bobija de **trem...** no bar (PRG) (trem
= coisas de bar)

CONCLUSÕES

Neste capítulo, buscamos fazer uma descrição dos contextos sintáticos e do comportamento morfológico do item analisado. Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que *trem* não se realiza com marca morfológica de plural. Quando há plural, este se realiza apenas no artigo, como em *os trem*.

Tal como *negócio e coisa*, o item *trem* sofre redução sonora, realiza-se no diminutivo e no aumentativo. Essas propriedades aproximam *trem* da classe dos nomes. No que diz respeito ao comportamento sintático, a semelhança se mantém, pois se realiza acompanhado de sintagma adjetivo e de sintagma adverbial. A semelhança também se mantém em relação à conservação do traço [-humano].

Tal como os demais nomes gerais tratados nesta obra, o item *trem* possui diferentes usos fóricos. Apresenta-se em anáforas e catáforas.

CAPÍTULO 6

O ITEM PESSOA

“O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.”

(GUIMARÃES ROSA, 1986 [1956])

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, analisaremos a presença do nome geral *pessoa* no corpus. Esse item deriva da forma latina *pěrsōna*, que, inicialmente, era usada para a máscara dos atores do teatro e depois passou a designar o papel de que o autor era encarregado. Em momento posterior, passou a ser empregada para o indivíduo em si. Diferentemente dos nomes gerais dos capítulos anteriores, este possui o traço [+humano]. Em determinados contextos, que serão vistos neste capítulo, equivale semanticamente ao indefinido *alguém*.

Em outras línguas românicas, possui formas equivalentes como *persona* (esp.), *personne* (fr.), *persona* (it.), apesar de que, nestas, não ocorreu o processo fonológico de assimilação do /r/ pelo /s/, tal como se deu em português (*pěrsōna* > *pessoa*). Línguas como o inglês e o alemão também apresentam formas equivalentes: *person* (ing.) e *Person* (al.) e nestas também não se deu tal processo de assimilação.

No que diz respeito ao número de acepções registradas pelos dicionários, o DEHLP registra cinco para *pessoa*, o NDA apresenta seis, e o DUPC, quatro. Comprova-se, assim, a tendência de o nome geral possuir diferentes acepções na língua. Considerando as locuções, encontram-se, nas obras consultadas: *pessoa física; pessoa interposta; pessoa jurídica; pessoa natural; em pessoa; ser a segunda pessoa de*. As quatro primeiras são de grande importância para a linguagem jurídica, que precisa defini-las adequadamente.

Este capítulo também vai se desenvolver em duas seções. Na primeira, a exemplo dos capítulos dedicados a *coisa* e *negócio*, será analisada a presença de *pessoa* na linguagem jurídica; na segunda, serão discutidas as ocorrências de *pessoa* no corpus do português falado.

6.1 O ITEM PESSOA NA LINGUAGEM JURÍDICA

Conforme foi visto na seção anterior, entre as locuções encontradas no verbete *pessoa* dos dicionários, estão *pessoa física, pessoa natural e pessoa jurídica*. Essa observação vem corroborar, mais uma vez, a importância dos nomes gerais para a linguagem jurídica.

De acordo com a definição jurídica de F. Amaral (2008, p. 252), *pessoa* é “o ser humano ou entidade com personalidade, aptidão para titularidade de direitos e deveres”. Conforme o autor, na história, encontram-se “indivíduos que não eram considerados pessoas, como os escravos e os mortos civis (os condenados), enquanto no direito moderno há pessoas que não são seres humanos, como as associações, as sociedades, as fundações” (AMARAL F., 2008, p. 253). De fato, no direito romano, conforme aponta Gonçalves (2012, p. 94), o escravo era tratado como coisa. Não era titular de direitos e ocupava, na relação jurídica, a situação de objeto.

Se, no direito romano, o escravo era tratado como coisa, no direito brasileiro, segundo Pereira (2012, p. 179), “a ideia de concessão de personalidade a todo ser humano vigorou mesmo ao tempo da escravidão negra, muito embora o regime jurídico do escravo não o equiparasse ao homem livre”. Essa falta de universalização do conceito de *pessoa* a todo ser humano fica visível também nas definições de *pessoa* dos dicionários históricos, conforme será discutido no capítulo 8.

Com efeito, a noção de pessoa é tão relevante para o Direito, que o Código Civil do Brasil, em seu art. 2º, procura determinar o início da personalidade civil e afirma: “A personalidade civil da pessoa começa do nascimento com vida; mas a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro” (Lei Nº 10.406/2002). Nesse sentido, para o direito brasileiro, a personalidade começa com o nascimento com vida, o que exclui de ser considerado pessoa o nascituro, ou seja, o feto em desenvolvimento, o qual terá, por lei, alguns direitos garantidos. Por isso, ressalta Fiúza (2011, p. 121): “Toda pessoa é sujeito de direito, mas nem todo sujeito de direito será pessoa”.

Vale a pena destacar que, no Código Civil de 1916, lia-se: “Todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil”. O SN *todo homem*, nesse caso, era empregado em sentido genérico. De acordo com Gonçalves (2012), no relatório sobre o Código Civil de 2002, constava, inicialmente, *ser humano* no lugar de *homem*. Posteriormente, a Câmara dos Deputados alterou para *toda pessoa*. Essas alterações reafirmam a importância de um nome geral na reelaboração de um texto legal.

Com relação à distinção entre *pessoa física* e *pessoa jurídica*, deve-se destacar que, embora constituídas por um nome geral, adquirem, na linguagem jurídica, um sentido específico. Como equivalente a *pessoa física*, usa-se também *pessoa natural*. No caso de pessoa jurídica, de acordo com Gonçalves (2012, p. 216), é uma entidade a que a lei confere personalidade, capacitando-a a ser sujeito de direitos e obrigações.

Segundo F. Amaral (2008, p. 315), o direito romano utilizava o item *persona* geralmente como sinônimo de *homem*. O exemplo citado pelo autor é a frase de Gaius: “Omne autem ius, quo utimur, uel ad personas pertinet uel ad res uel ad actiones” (“Todo o direito pelo qual nos regemos se refere às pessoas, ou às coisas, ou às ações” [tradução do autor]). Para a designação de conjuntos unitários de pessoas ou de bens, eram usados os termos *universitas* e *corpus*.

Com respeito ao termo *pessoa jurídica*, sua elaboração é moderna, embora, conforme aponta F. Amaral (2008, p. 315), designe situações que já existiam anteriormente. Segundo o autor, a expressão *pessoa jurídica*

[...] é com a dogmática alemã dos séculos XVIII e XIX que se integra, definitivamente, na terminologia jurídica, como produto do notável esforço de **abstração** dos juristas desse período, capazes de conceber a existência material e jurídica de uma entidade distinta dos indivíduos que a constituem. (grifo nosso)

É durante o período medieval, especialmente no século XIV, de acordo ainda com F. Amaral (2008, p. 316), que se chega ao núcleo central do conceito de pessoa jurídica e se desenvolvem, posteriormente, os termos *pessoa ficta*, *pessoa moral* e *pessoa jurídica*. Atribui-se a Sinibaldo de Fieschi (Papa Inocêncio IV) a conceituação de *pessoa ficta*, a partir do uso da sentença: “universitas fingatur esse una persona” (‘a universalidade é tida como uma pessoa’. A partir de então, segundo o autor, passa-se a distinguir as pessoas físicas das pessoas jurídicas, o que foi útil, na época, para resolver a questão de se uma *universitas* incorria ou não em pecado e se deveria ser condenada ou excomungada, em caso afirmativo. No período moderno, ainda conforme F. Amaral (2008, p. 317), passa-se a denominar *persona ficta* como *pessoa moral*. Na Alemanha, chega-se ao conceito atual de *pessoa jurídica*. Porém, na França e na Suíça, segundo Gonçalves (2012), utiliza-se o termo *personas morais* e, em Portugal, *personas coletivas*.

Conforme se observa pelo exposto acima, o processo de criação do termo *pessoa jurídica* se deu por uma necessidade de abstração na linguagem. Em um paralelo com os estudos linguísticos, essa abstração corresponderia com o processo de perda de traços semânticos, comum no desenvolvimento dos nomes gerais.

6.2 OCORRÊNCIAS DO NOME GERAL PESSOA NO CORPUS ANALISADO

6.2.1 As realizações morfológicas

Ao contrário do item *negócio* visto no capítulo 4, o item *pessoa* não sofre reduções na língua oral. Em (1) e (2), *pessoa* mantém suas propriedades fonológicas:

- (1) se... por um acaso um dia acontecê de cloná ãa **pessoa** (CMP)
- (2) se ocê chegá naquela rua que der com áqüea rua dottor Agustim qualquer **pessoa** que ocê perguntá te informa (MNV)

Um substantivo relacionado a esse nome é *pessoal*. Tal item, que também possui o traço [+humano], se diferencia de *pessoa* por conter, necessariamente, o traço [+coletivo]. O referente do sintagma com *pessoal* pode ser um grupo menor, como os familiares de alguém, conforme se exemplifica em (3); ou um grupo maior, como os moradores da cidade, conforme se vê em (4), em que se faz referência aos moradores de Paracatu:

- (3) tem... o **pessual** lá de Paricida lá na rua pa baxo da da cadeia (MNV)
- (4) coisa do início do século... como é assim no sintido pejorativo ingrçado... o **pessoal** ainda comenta... e vai passano de geração em geração (PRC)

6.2.2.1 Número

Da mesma forma que ocorre com *coisa*, o item *pessoa* pode apresentar flexão de número realizada com a marca [-s], como (5).

- (5) tem várias **pessoas** hoje que... saiu daqui e se deu bem lá fora (MNV)

No entanto, também neste caso, os dados do corpus seguem a tendência do português oral brasileiro, em que se marca mais o plural nos determinantes que nos núcleos dos sintagmas nominais. Nos exemplos abaixo, observamos a ausência de marca de plural no nome, esteja ele posposto a um artigo no plural, como em (6) ou a um numeral, como em (7):

- (6) naquele tempo lá as **pessoa** que era mais pobe assim num istudava (CMP)
- (7) vai treis quatro **pessoa** (PRC)

Na análise de Scherre (1988) sobre a concordância nominal no português, comentada no capítulo 3 desta obra, viu-se que a autora analisa a influência dos fatores animacidade dos substantivos e grau dos substantivos. No primeiro caso, Scherre (1988, *passim*) observa uma oposição entre [+humano] e [-humano], sendo [+humano] levemente favorecedor do plural. No segundo caso, observa que diminutivos/aumentativos desfavorecem o número de marcas plurais nos SNs. Esses resultados levam a autora a concluir que é possível “prever que qualquer item lexical [+informal], [+diminutivo] e [-humano] terá muita chance de não ser marcado em relação à pluralidade”. Mas, pela análise do corpus, o item *pessoa*, de traço [-humano], tende a ocorrer sem a marca de concordância. Em mais de 60% das ocorrências, não ocorre [-s] de plural, como atestam (6) e (7).

6.2.2 A distribuição na sentença

A distribuição de *pessoa* na sentença é bem próxima à dos outros nomes gerais dos capítulos anteriores. Ele se encontra antecedido por determinantes (8-11), modificado por sintagma preposicionado (9), sintagma adjetivo (10) ou sentença relativa (11).

- (8) hoje é regressão de memória... porque a **pessoa** fica semi-inconsciente... (CMP)
- (9) as **pessoas** daqui são muito/quase toda casa tinha um piano... (CMP)
- (10) nessa ocasião aqui... essas **pessoas** fraca num cunhicia o quê que era macarrão não... (MNV)
- (11) naquele tempo lá as **pessoas** que era mais pobe assim num istudava (CMP)

Como foi visto, no caso de *negócio*, há uma recorrência muito grande da construção *esse negócio de*. Com *pessoa*, não foi identificada nenhuma construção que se destacasse.

6.2.2.1 Material à esquerda

O corpus registra ocorrências do item *pessoa* sem determinantes em contextos como os seguintes: introduzindo argumento de um verbo existencial (12); iniciando complemento de verbo transitivo (13) ou de preposição (14). Também se observa o item *pessoa* sem determinante na função tradicionalmente chamada de predicativo (15):

- (12) tem **pessoas** também que... são jovens estudante (CMP)
- (13) já encontrô aqui ruas... uma igreja... **pessoas** morando aqui... (CMP)
- (14) há pocos dias... teve um movimento aqui de **pessoas** aqui... quereno mudá inclusive a... a data da festa do Rusário... (MNV)
- (15) o Jorge mai[s] o Marquim... são **pessoas** mais populares... (MNV)

Com relação ao material fônico à esquerda do item *pessoa*, os dados também mostram uma grande variedade de determinantes. Assim, temos artigo (16), demonstrativos (17-18) e indefinidos (19-21).

- (16) aquilo acho que porque a **pessoa** começava a perdê as força (PRG)
- (17) são essas **pessoas** que eu tenho mais assim... contato (PRC)
- (18) isso ai eu num sei... só a própria **pessoa** po[de] sabê (PRG)
- (19) algũas **pessoas** que... istão no isporte... né? (PRC)
- (20) alguns livros assim... acho que pocas **pessoas** conhecem mais... (MNV)
- (21) qualquer **pessoa** que ocê perguntá te informa (MNV)

Não há ocorrência de possessivo junto a *pessoa*. Desse modo, construções como “a minha pessoa”, “a sua pessoa” ou “a pessoa dele/a”, que apresentam ocorrências esporádicas na língua, não parecem ser frequentes na fala do português brasileiro³⁹.

³⁹ De fato, encontram-se ocorrências como a seguinte, na internet, mas, nas entrevistas sociolinguísticas, não ocorrem: “Deixa eu contar pra vocês o que aconteceu com **a minha pessoa**”. Disponível em: < <http://fanfics-nathalia.blogspot.com.br/>>. Acesso em 14 out. 2013.

6.2.2.2 Material à direita

De forma semelhante ao comportamento sintático de *coisa* e *negócio*, *pessoa* apresenta constituintes restritivos de caráter adjetivo (22), preposicional (23), ou oracional (24):

- (22) nessa ocasião aqui... essas **pessoa** fraca num cunhicia o quê que era macarrão não... (MNV)
- (23) muitas **pessoas** de fora que moraram aqui... (CMP)
- (24) eu num to lembrano o nome de ãa **pessoa** que possa dá melhores esclarecimento ainda.... (PRC)

6.2.2.3 Comportamento sintático

Diferentemente de *coisa*, o corpus não registra dados de *pessoa* em posição de sintagma adjetivo ou de sintagma adverbial. Não há construções como **X é mais pessoa* ou **X fez (Y) pessoa*, tal como é encontrado para *coisa* (*a gente que é mais coisa; ele saiu coisa*). De caráter adverbial, a língua dispõe de *pessoalmente*, que tem origem afim com *pessoa*, mas cujo significado não se relaciona com o do nome geral:

- (25) ieu num cunheço **pessoalmente** ma[s] já vi por lá (MNV)

Ao contrário dos outros nomes gerais vistos, que possuem formas verbais como *coisar* e *negociar* (ou *negoçar*), o item *pessoa* não apresenta um verbo correspondente.

A análise de *pessoa* possibilita afirmar que esse nome geral não possui um comportamento sintático diversificado, tal como ocorre com os outros nomes gerais tratados nesta obra.

6.2.3 Descrição semântica

Como visto acima, o item *pessoa* é usado, especialmente, mas não exclusivamente, na linguagem jurídica, para diferenciar *pessoa física* (ou *pessoa*

natural) de *pessoa jurídica*. No corpus desta obra, não se registrou nenhuma ocorrência de *pessoa jurídica*. Todos os casos que serão discutidos remetem a pessoas naturais. Por esse motivo, não é possível, para esse nome geral, distinguir a referência a entidades animadas ou inanimadas. Em todos os casos, o item *pessoa* receberá o traço [+humano]. Além do traço de animacidade, quando se usa *pessoa*, mantêm-se os traços relativos aos seres humanos. Isso é importante, já que permite distinguir esse nome geral dos demais como *coisa*, *negócio* e *trem*. Com efeito, quando o falante enuncia (26), ele revela ter esquecido o nome comum atribuído a um objeto. Por outro lado, quando produz uma sentença como (27), o que está em jogo não é o esquecimento de um nome comum, mas de um nome próprio atribuído a um indivíduo. Os principais traços característicos de um ser humano não se perdem.

(26) só que ele fugiu cua... cumé que é o nome daquele **negóço**? (PRC)

(27) só que ele fugiu com... cumé que é o nome daquela **pessoa**?

De qualquer forma, para quando o falante esquece ou não quer informar o nome de uma pessoa, o português dispõe de itens próprios, como é o caso de *fulano*, *sicrano* e *beltrano*. Veja-se que, nos dados abaixo, é possível substituir os itens destacados por um nome próprio. Assim, em (28a), seria possível ter (28b), em (29a), (29b) e em (30a), (30b), sendo *Paulo* e *Maria* aqui nomes de indivíduos fictícios:

(28a) ah vô trazê meu amigo { } o otro vai trazê **fulano** (BHZ)

(28b) ah vô trazê meu amigo { } o otro vai trazê **Paulo**

(29a) aquela música era di **fulanu di tal** (BHZ)

(29b) aquela música era di **Paulo**

(30a) antigamente... as pessoas aqui era assim... **fulano** de **ciclano**...
(PRC)

(30b) antigamente... as pessoas aqui era assim... **Maria** de **Paulo**

Independentemente dessas diferenças entre o item *pessoa* e os demais nomes gerais, é possível observar que seu caráter de nome geral permite-lhe substituir vários substantivos que têm o traço [+humano]. Nesse sentido,

pode-se afirmar que o item *pessoa* é o protótipo para aqueles nomes que são usados para a referência a entidades humanas, ou seja, é o melhor representante para o conjunto de nomes gerais de propriedade [+humano] (AMARAL E., 2013a). Teria condições de substituir, por exemplo, *indivíduo*, como mostra (31a) e (31b):

(31a) naquela época... pra um **indivíduo** chegá... a reclamá alguma coisa no Ministério (PRC)

(31b) naquela época... pra uma **pessoa** chegá... a reclamá alguma coisa no Ministério

Além disso, apesar de itens como *gente*, *peçoal* e *povo* possuírem o traço [+coletivo], seria possível parafrasear construções com esses substantivos utilizando a forma *peçoas*, como mostram os exemplos abaixo:

(32a) daqui de Campanha saiu **muita gente** (CMP)

(32b) daqui de Campanha saíram muitas **peçoas**

(33a) o **peçoal** ainda comenta... e vai passano de geração em geração (PRC)

(33b) as **peçoas** ainda comentam... e vai passano de geração em geração

(34a) intão... o **povo** aqui é muito conservador... (CMP)

(34b) intão... as **peçoas** aqui são muito conservadoras

6.2.3.1 A especificidade

Entre as ocorrências com *pessoa*, encontram-se aquelas em que se pode interpretar o sintagma com esse nome geral como *um indivíduo qualquer*. Nesses casos, temos uma leitura não específica do sintagma, como é possível perceber em (35a) e (36a). Note-se que cada exemplo pode ser parafraseado utilizando-se o indefinido *alguém*, como mostram (35b) e (36b):

(35a) se... por um acaso um dia acontecê de cloná ãa **pessoa** (MNV)

(35b) se... por um acaso um dia acontecê de cloná **alguém**

(36a) e falei “pelo meno o fogo fica claro se entrá ùa **pessoa** tô veno né?” (PRC)

(36b) e falei “pelo meno o fogo fica claro se entrá **alguém** tô veno né?”

No caso abaixo, embora a leitura seja não específica, não é mais possível substituir o sintagma com o item *pessoa* por *alguém*, conforme mostra a paráfrase (37b). Nesse caso, observe-se que, diferentemente, dos exemplos (35a) e (36a), temos um artigo definido anteposto ao item *pessoa*:

(37a) a **pessoa** vai ficano mais velha de idade num guenta trabalhá tanto né? (CMP)⁴⁰

(37b) *alguém vai ficano mais velho de idade num guenta trabalhá tanto né?

O nome geral *pessoa*, a exemplo dos demais vistos nesta obra, também ocorre em sintagmas com interpretação específica. Assim, em (38) e (39), embora o item *pessoa* esteja em contextos sintáticos diferentes, apresenta uma leitura específica:

(38) nunca tinha trabalhado e fui trabalhá até com uma **pessoa** da minha família (BHZ)

(39) um que foi inforcado... mais ele não conseguiu... morrê... porque esse do/intão que a **pessoa** encarregada teve que trepá no ombro dele... pra forçá... sabe” (CMP)

Considerando a recorrência das leituras específicas e não específicas, observa-se que os falantes, ao escolherem um nome geral de traço [+ humano] e referente não específico, preferem o item *pessoa*. Porém, se optam por fazer uma referência específica, fazem escolhas lexicais que variam em função do gênero e da idade, tal como observado em E. Amaral (2013b).

⁴⁰ Essa ocorrência, que apresenta uma interpretação impessoal, teria, em versões equivalentes no francês e no alemão, o emprego dos pronomes *on* e *man*, respectivamente: “**On** vieillit et on ne supporte pas travailler beaucoup”; “**Man** wird älter und erträgt es nicht, viel zu arbeiten”. (Observação feita pela Prof^a. Wiltrud Mihatsch, comunicação pessoal [s/d]).

Considerando as ocorrências no plural, seja com a marca de plural no nome, ou somente no determinante, o item *pessoa* é usado em sintagmas que fazem referência a indivíduos que têm algum traço compartilhado e não com a interpretação “quaisquer pessoas”. Nesse sentido, em (40), a referência é feita a antigos moradores de Minas Novas e em (41), aos pobres que moravam na roça.

- (40) tem várias **pessoas** hoje que... saiu daqui e se deu bem lá fora
(MNV)
- (41) naquele tempo lá as **pessoa** que era mais pobe assim num istudava
(CMP)

6.2.3.2 As construções copulativas

Em muitas ocorrências do nome geral *pessoa*, esse item aparece em estruturas copulativas não referenciais, como em (42) e (43). Nota-se, nesses casos, uma grande preferência por *pessoa* no lugar de outros itens que teriam uma interpretação genérica como *indivíduo*, *ser humano* ou *sujeito*.

- (42) eu sou uma **pessoa** bastante franca (BHZ)
- (43) o professor Milton... e a isposa dele também é uma **pessoa** muito culta (CMP, p. 159)

6.2.4 Expressões fixas

Embora o item *pessoa* faça parte de diferentes locuções na língua, conforme visto acima, os dados não registram nenhuma ocorrência das locuções citadas anteriormente (*pessoa física*; *pessoa interposta*; *pessoa jurídica*; *pessoa natural*; *em pessoa*; *ser a segunda pessoa de*).

Mas observe-se, no exemplo abaixo, a ocorrência da construção *um docinho de pessoa*, variante da expressão *um doce de pessoa*, que não se encontra nos dicionários consultados. Tal expressão é utilizada para caracterizar uma pessoa como ‘amável’, ‘simpática’ ou ‘carinhosa’. Veja-se o exemplo:

- (44) ela é... ai gente.. tem uma menina que é, ela é, estagiária a tarde na fisioterapia... achu... a NP A a NP, ela é **um docinho de pessoa** (BHZ)

Embora seja possível substituir, nessa construção, o nome geral *pessoa* por outros de traço [+humano], tal como *um doce de mulher*, *um doce de criança*, *um doce de menino*, parece razoável supor que o item *pessoa* esteja se fixando nesse contexto.

6.2.5 Aspectos textuais: o nome geral *pessoa* e a *foricidade*

O item *pessoa*, como os demais nomes gerais, apresenta diferentes usos fóricos. É recorrente seu uso para retomar pessoas sobre as quais se está falando. Geralmente, ocorre em construções com verbo de cópula, como ocorre em (45), em que a informante fala sobre o marido e, em seguida, o retoma por meio do sintagma *uma pessoa que gosta imensamente de bicho*, e em (46), em que se tem o mesmo processo anafórico, desta vez retomando um colega de grupo do informante. Em (47), o nome geral *pessoas* no plural, antecedido pelo demonstrativo, também possui função anafórica, retomando, dessa vez o marido e a filha da informante.

- (45) *Pesquisador*: você disse que é casada... há quantos anos? você sente-se feliz com o seu casamento?

Informante: Olha... eu sô casada há vinte e quatro anos e:: e o meu marido também é da geografia e por incrível que pareça ele também era... é uma **pessoa** que gosta imensamente de bicho... eu sô meio exagerada... mas ele também gosta muito de bicho (BHZ)

- (46) eu tinha um colega meu de grupo, eu incontrei ele e ele era uma **pessoa** já nessa época era bastante já comprometido a igreja católica e eu pidi a ele um um um apoio né (BHZ)

- (47) porque na hora que eu soube que tava grávida eu realmente assim... me senti uma outra pessoa... me senti diferente... achei que Deus foi me me me deu de presente essa criatura... que realmente

assim é sensacional... então eu acho que eu tenho que agradecer muito a Deus... não só pelo meu casamento que é legal... por um marido que corresponde em parte as minhas expectativas... porque todo mundo é humano... todo mundo tem o seu lado que não não não nos... não nos agrada... mas enfim... e são essas **pessoas** que fazem a gente crescer... e principalmente de uma filha que realmente veio me ensinar muito (BHZ)

Um processo anafórico interessante observado com o item *pessoa* é que o falante nem sempre se guia pelo traço [+feminino] do nome *pessoa*, para dar continuidade à progressão referencial. Assim, em (48), o informante estava falando sobre seus sobrinhos, depois os retoma com *pessoas muito inteligentes*, mas, em seguida, a concordância do pronome anafórico é feita com *sobrinhos*. O mesmo é observado em (49), em que a informante falava sobre seus namorados, retoma-os com *pessoas responsáveis*, mas depois utiliza o pronome masculino. Vê-se que, em tais casos, prevalece, para a progressão textual, o gênero do indivíduo, independentemente do gênero morfológico do nome geral *pessoa*.

- (48) tenho... tenho vários subrinhos... eu tenho quatorze subrinhos... e:: assi::m... da idade também bem diversificada e:: a maioria também já ta formano agora... são **pessoas** muito inteligentes... muito amorosas... mais assim tudo ispalhado... eu:: meu convívio com **eles** é pouco por isso porque tem **subrinhos** em São Paulo... tem no Paraná... tem em Vila Velha... tem em Curitiba... Bebedouro e por aí vai (BHZ)
- (49) eu tive uma adolescência muito boa... uma juventude muito boa... namorei muito... passei muito... eu tive **vários namorados**... todos namorados assim eu tenho lembranças boas... **pessoas** responsáveis... de respeito... hoje se me perguntá qual que foi o melhor **deles** é até difícil falá (BHZ)

Se, nos casos anteriores, os informantes passam a retomar o antecedente, ora por meio do item *pessoa*, ora por meio do pronome pessoal (*eles*), não

são raras as ocorrências em que há uma sequência de retomadas por repetição de *pessoa* como núcleo do sintagma, seja no singular (50), ou no plural (51):

- (50) ai já começava olhá... olhá... eu sei que levava quase um mês pra **pessoa** aproximá di você e:: essa... esse momento de expectativa... de ansiedade era muito bom porque cê ia criar uma fantasia muito grande da **pessoa**... e quando cê chegava a descobrir quem que era a **pessoa**... era muito bom também porque:: já tinha conhecido bastante dela (BHZ)
- (51) que a gente ta aqui é pra pra pena... pra pulga... pra melhora... pra crescer... pra:: amar muito as **peessoas**, aprende de coração a a perdoar que é uma das coisas mais difíceis que tem e acho que estimular as **peessoas** mesmo que as vezes você não se sinta estimulado, mas você pô as **peessoas** pra frente... levá-las a pensar de uma maneira diferente... eu acho que a a maior lição que a gente tem hoje é ajudar as **peessoas** (BHZ)

Conforme já foi afirmado, o sintagma que inclui o nome geral *pessoa* equivale, em muitos contextos, ao indefinido *alguém*. Note-se que, no exemplo seguinte, o informante utiliza o nome geral *pessoa* em alternância com o indefinido *alguém*, para falar de um provável namorado. Em princípio, seria possível substituir *uma pessoa* por *alguém* e vice-versa. Porém, efetuada a substituição, dificilmente o falante retomaria *alguém* com um pronome pessoal tal como faz com *uma pessoa*. Assim, seria pouco provável que encontrássemos: *ficar com alguém por ficar com ele*.

- (52) então assim... eu num vô num show de axé e não beijo ninguém num show de axé... não arranjo nenhum namorado num show de axé porque... ninguém ta ali com essa finalidade e eu não quero... simplesmente beijar uma **pessoa**... ficar com uma **pessoa** por ficar com ela... e eu num acho que seja lá que você vá arranjar **alguém** legal para a sua vida (BHZ)

A propósito da retomada por pronome pessoal, nota-se que não existe restrição para que um referente indefinido não específico introduzido pelo

nome geral *pessoa* seja retomado por pronome pessoal. É o que acontece em (53), em que uma pessoa evangélica qualquer é retomada ao longo do texto pelo pronome *ela*:

- (53) uma **pessoa** evangélica se **ela** tem uma fé uma comunhão com Deus... a fé é dom é **dela** é pra **ela** usá é pra **ela** disfrutá... si a **pessoa** é de otra religião... de otros movimentus... de otros de otros é é instituições religiosa é instituição mas se **ela** consegue aproximá na fé intão **ela** é privilegiada (BHZ)

Observe-se também que, ao contrário da tendência com os nomes que introduzem e retomam referentes no texto, há situações em que o sintagma introduzido por artigo definido introduz o referente (que é retomado logo em seguida pela repetição do núcleo), como acontece em (54), e há contextos em que a entidade já introduzida é retomada por nome antecedido por artigo indefinido, como acontece em (55). Nesta última, após falar sobre seu padrinho, o falante o retoma por meio do sintagma indefinido iniciado pelo artigo *uma*.

- (54) a gente ouvi falá que médico atende em quinze minutos põe uma ficha do que aconteceu né fisiologicamente com a **pessoa** mas num sabe si aquela **pessoa** sofreu um sofreu alguma algum sentimento muito forte (BHZ)
- (55) inclusive o meu padrim ele foi um vicentino né também um um presente também muito grande aí... que foi sabê que teve... tive uma **pessoa** muito próxima a mim que também tinha essa piquena prática que cultivava na vida dele (BHZ)

O nome geral *pessoa*, como os demais vistos nesta obra, também possibilita anáfora por associação. Em (56), o tema da clínica de Fisioterapia possibilita ao falante associar esse referente com uma pessoa que procura a clínica para fazer as sessões de fisioterapia.

- (56) sempre que... cê fala em Fisioterapia... ou até eu mesma quando pensei (risos) em fazer Fisioterapia... eu pensei em fazer por causa da ortopedia... a gente tem a idéia daquela clínica... aquela **pessoa** que operou alguma coisa... que tá com uma dorzinha no ombro e que vai lá... pra poder... ficá fazendo 1-2 1-2 1-2 (BHZ)

CONCLUSÕES

Neste capítulo, observou-se também que o item *pessoa* possibilita a formação de várias locuções, como *pessoa física*; *pessoa interposta*; *pessoa jurídica*; *pessoa natural*; *em pessoa*; *ser a segunda pessoa de*.

No caso de *pessoa jurídica*, observamos que o processo de criação desse termo se deu por uma necessidade de abstração na linguagem, o que permite um paralelo entre o surgimento e a difusão desse termo no Direito e o aparecimento do nome geral *negócio*.

Ao contrário do item *negócio*, o item *pessoa* não sofre reduções sonoras na língua oral. Também de modo diferente do item *negócio*, *pessoa* apresenta formas no singular e no plural e não possui diferenças semânticas entre uma e outra. O comportamento sintático de *pessoa* se assemelha, na maior parte dos casos, ao de *coisa* e *negócio*. Não há, porém, uso de *pessoa* em sintagma adjetivo ou em sintagma adverbial, tal como ocorre com *coisa*. Ao contrário desses outros itens, *pessoa* não possui nenhuma forma verbal derivada.

Por conservar o traço [+humano], pode-se afirmar que o item *pessoa* é menos opaco que os outros nomes gerais. Ao usar *coisa*, *negócio* e *trem*, não se mantém nenhuma relação semântica entre a entidade referida e esses nomes gerais, ao contrário do que acontece com *pessoa*. Em todo caso, é possível afirmar que o item *pessoa* é o protótipo para aqueles nomes que são usados para a referência a entidades humanas, ou seja, é o melhor representante para o conjunto de nomes gerais de propriedade [+humano].

Levando-se em conta as ocorrências das leituras específicas e não específicas, observa-se que os falantes, ao escolherem um nome geral de traço [+ humano] e referente não específico, preferem o item *pessoa*, em lugar de outros itens como *menino/a*, *moço/a*, *homem/mulher*, *senhor/senhora* (AMARAL E., 2013b).

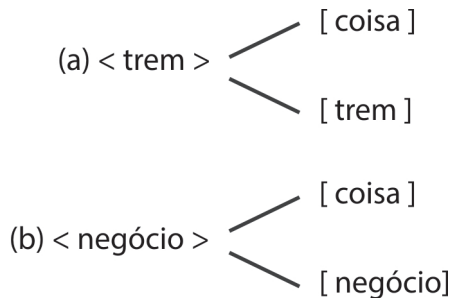
Tal como os demais nomes gerais tratados nesta obra, o item *pessoa* possui diferentes usos fóricos. Um processo anafórico interessante observado com o item *pessoa* é que o falante nem sempre se guia pelo traço [+feminino] do nome *pessoa* para dar continuidade à progressão referencial. Há casos em que, ao falar de indivíduos do sexo masculino, utiliza-se *pessoa* e não há uso do pronome anafórico de forma feminina.

NOMES GERAIS EM VARIAÇÃO

INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é explicitar, através da análise variacionista, sistematicidades dos nomes gerais. Os métodos da teoria da variação e suas ferramentas analíticas serão usados aqui como instrumentos heurísticos na investigação da estrutura gramatical.

Ao mostrarmos que duas formas configuram um fenômeno de variação linguística, pretendemos fornecer novas evidências de que o estatuto gramatical dos nomes gerais se distingue do estatuto dos demais nomes. Faremos isso do seguinte modo: selecionaremos um nome geral cujo comportamento morfossintático é prototípico. Conforme mostram as descrições dos capítulos 2 a 6, o nome geral *coisa* apresenta um conjunto mais completo de propriedades identificadas em nomes gerais. Por essa razão, vamos, em nossa análise, comparar a distribuição do item *coisa* à distribuição dos itens *trem* e *negócio*, com o objetivo de comparar suas propriedades. Desse modo, formaremos um par de variantes. Teremos as seguintes variáveis dependentes:



Este capítulo vai se dividir em quatro seções. Na primeira, apresentaremos uma breve descrição do modelo variacionista. Nas duas seções subsequentes, apresentaremos os resultados da análise variacionista. Na última seção, interpretaremos os resultados.

7.1 O MODELO VARIACIONISTA

O quadro da teoria da variação tem se desenvolvido, nos últimos 60 anos, a partir das pesquisas de Labov, sistematizadas nos volumes *Sociolinguistic Paterns* e *The language in the Inner City*, ambos publicados em 1972a. Uma retrospectiva bastante atual da área encontra-se em Milroy e Gordon (2003 [1987]) e Tagliamonte (2006). Apresentaremos aqui os conceitos básicos e as etapas em que vai se desenvolver a análise.

As noções básicas são: variação e variantes, mudança, comunidade de fala, comunidade de prática. Define-se *variável sociolinguística* como *um conjunto de maneiras de expressar a mesma função linguística ou realizar o mesmo item linguístico, onde cada uma das alternativas possui significância social* (cf. GEERAERTS, 2010, p. 822)⁴¹. Cada uma destas maneiras é denominada *variante*. Para ser identificado como variável, o fenômeno deve atender a três exigências: “ser frequente no corpus, ser integrado num sistema mais amplo de unidades funcionais e ter sua distribuição obrigatoriamente estratificada por idade e grupo social” (LABOV, 1972a)⁴².

Inicialmente, focalizando fenômenos fonológicos como [r] e [ø] no inglês, em itens como *car*, a noção de variável foi se mostrando adequada para o tratamento de fenômenos morfológicos, sintáticos e lexicais.

A análise consiste de quatro etapas. Inicialmente, é composta uma amostra de dados falados ou escritos. Estes dados visam a coletar a fala natural, prioritariamente em estilos menos automonitorados.

⁴¹ “[...] a sociolinguistic variable (...) is a set of alternative ways of expressing the same linguistic function or realizing the same linguistic element, where each of the alternatives has social significance [...]” (GEERAERTS, 2010, p. 822).

⁴² No original: “First, we want an item that is frequent (...). Secondly, it should be structural: the more the item is integrated into a larger systems of functioning units, the greater will be the intrinsic linguistics interest of our study. Third, the distribution of the feature should be highly stratified: that is, our preliminary explorations should suggest an asymmetric distribution over a wide range of age levels or other ordered strata of society”.

A segunda etapa consiste na análise da amostra. Composta de entrevistas sociolinguísticas, diálogos entre pesquisador e informante, ou outros tipos de interações, cada amostra se faz acompanhar de uma ficha em que cada informante é identificado individualmente quanto a seu perfil social. Nos anos recentes, exige-se também um termo de consentimento livre e esclarecido para o uso dos dados obtidos.

A terceira etapa consiste na formação de um corpus. Todas as ocorrências do fenômeno em análise são identificadas e analisadas em relação a um conjunto de parâmetros de natureza interna e externa à linguagem. Estes parâmetros de análise, em relação aos quais todas as ocorrências são descritas, são agrupados em dois conjuntos: por um lado, os fatores condicionadores internos (ou linguísticos) e, por outro, os fatores condicionadores externos (ou extralinguísticos). Os fatores do primeiro grupo resultam de hipóteses elaboradas sobre a natureza gramatical do fenômeno analisado; já os fatores do segundo grupo resultam de hipóteses sobre a natureza social do fenômeno.

A quarta etapa consiste na análise quantitativa. O pacote de análise variável VARBRUL, em suas diferentes versões, oferece uma ferramenta estatística para o cálculo de porcentagens e pesos relativos. Neste capítulo, foi utilizada a versão Goldvarb (ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S. A., 2001).

Por *peso relativo* entenda-se um valor que vai de 0.0 a 1.0, e que indica o efeito, ou força, de um fator, sobre o uso de uma variante investigada, em relação ao conjunto total das variantes, numa pesquisa. Embora seu cálculo não seja idêntico ao de probabilidade, pode-se dizer que o peso relativo representa tendências probabilísticas de ocorrência da variante em relação ao fator analisado⁴³.

A quinta etapa consiste na interpretação de resultados fornecidos, no formato de tabelas e gráficos. Os resultados quantitativos obtidos com o pacote de análise servirão ou não para comprovar as hipóteses linguísticas formuladas pelo pesquisador.

Uma vez que estamos, aqui, lidando com um fenômeno de natureza lexical, os nomes gerais, ao realizarmos nossa tarefa, é necessário fazer uma

⁴³ Para detalhamento destas noções, ver Guy, G. e Zilles (2007).

pergunta básica: a noção de variável se aplica adequadamente a fenômenos lexicais? Nossa resposta é *sim*, pelas razões que se seguem.

Tenhamos em conta, inicialmente, que o item *coisa* tem o estatuto gramatical de nome geral. Por *nome geral*, entenda-se *uma classe especial de nomes, que seriam um caso limite entre a classe dos Nomes e a classe fechada dos Pronomes*, tal como referido no capítulo 1. *Esta* classe conteria itens estruturalmente distintos, por possuírem um mínimo de significado referencial (HALLIDAY e HASAN, 1976, cf. p. 274.). Tal como *thing*, no inglês, *chose* no francês, *cosa* no espanhol, o item *coisa* no português é um nome geral prototípico. Um nome geral, por não especificar as propriedades do referente do mesmo modo que os nomes comuns, é usado quando o falante tem a intenção de não especificar, deixando vago o que pretende referir (BIQ, 2004, cf. p. 45).

Do ponto de vista semântico, um nome geral, tal como os pronomes, tem seu significado depreendido do contexto. Conforme Davidson (1967), não é possível atribuir valor de verdade a sentenças que contêm itens cujos significados são depreendidos do contexto, como os pronomes.

Sentenças que contêm nomes gerais sofrem a mesma restrição. Diante disso, a definição de variável que inclui a noção de valor de verdade (LABOV, 1972) não se mostra a mais adequada para descrever o par *trem* e *coisa*.

Entretanto, outra definição de variável, coerente com os princípios teórico-metodológicos da teoria da variação, pode ser aplicada a tais casos. Trata-se da definição que faz referência à função, isto é, são variantes as formas que são funcionalmente comparáveis (cf. LAVANDERA, 1978; 1984) Por essa definição, o nosso par de formas pode ser considerado uma variável, pois uma é substituível pela outra nos mesmos contextos, desempenhando as mesmas funções.

Quanto à exigência de ser frequente no corpus, a pesquisa realizada na amostra do município de Piranga, composta de 137.000 palavras distribuídas em 24 entrevistas, mostrou que, em média, o falante usa um nome geral a cada 3 minutos. Trata-se de um item proporcionalmente mais frequente, conforme já apontamos no capítulo 2, quando verificamos que sua frequência por milhão de palavras é 44,06% e a de nomes comuns é inferior a 2,0%. Quanto à exigência de ser condicionado por fatores sociais, veremos, mais adiante, que gênero do informante, se masculino ou feminino, condiciona a variação. Passemos, então, à análise do corpus.

7.2 AS VARIANTES *COISA* E *TREM*

A investigação do comportamento linguístico das variantes *trem* e *coisa* tomou, como objeto de análise, uma amostra formada por 24 entrevistas gravadas e transcritas, com moradores da cidade de Piranga, região central do Brasil⁴⁴. Foram encontradas 302 ocorrências. Foram descartadas 34 ocorrências, por estarem em contextos em que não havia concorrência entre variantes. Estes casos são importantes aqui, porque constituem evidência de que *coisa* é um nome geral menos gramaticalizado do que o item *trem*. Estas ocorrências serão tratadas detalhadamente na seção 7.4 deste capítulo.

O corpus formado, portanto, reúne 268 ocorrências. Destas, 221 são do item *coisa* e 48 são do item *trem*, respectivamente, 82% e 17%⁴⁵.

Agora, vejamos as ocorrências em que há variação.

- (1a) eu num acreditava/assim/ nessas **coisa**/ de assombração// (CP)
(coisa ~ assombração⁴⁶)
- (1b) o **trem** deu outra risada mais alta ainda (CP) (trem ~ assombração)
- (2a) fala um **trem** para nós aqui sobre o gato é.. uns gato” (CP) (trem ~ narrativa)
- (2b) a gente fala com ele as **coisa** no sério/ele pega a rir” (CP) (coisa ~ narrativa)

Os fatores condicionadores extralinguísticos testados foram faixa etária e gênero. Os fatores condicionadores linguísticos testados foram: (a) função sintática da variante na sentença; (b) presença ou não de determinante no sintagma que contém a variante; (c) tipo de verbo; (d) tipo de expressão, se expressão cristalizada ou não; (e) presença de modificador do nome.

A escolha destes fatores se deve às seguintes hipóteses ou expectativas, em relação ao uso. Em relação aos dois fatores extralinguísticos testados, a faixa etária permitirá verificar se a variação alcançou, ou não, o estágio de

⁴⁴ Estas entrevistas fazem parte do Corpus Piranga, organizado por Alkmim e Chaves (2001), o qual se encontra parcialmente disponibilizado no site www.lettras.ufmg.br/mineires.

⁴⁵ Uma versão preliminar do estudo quantitativo foi apresentada em comunicação por Freitas, Romero e Santos, Jr. no IX SEVFALE- Semana de Eventos da Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

⁴⁶ O sinal do til [-] é usado com o sentido de “equivalente a”.

mudança, através da análise com base no tempo aparente; já o gênero permitirá verificar se há algum tipo de estigmatização. Nossa análise vai assumir que as mulheres, tal como mostra um vasto número de trabalhos, favorecem variantes não estigmatizadas, quando há variação estável.

Dentre as funções sintáticas, a posição de sujeito tem-se mostrado preferencial para manifestar itens morfofonologicamente mais simplificados, como no caso de pronomes (RAMOS, 1997; CORREA, 1998). Uma vez que o nome geral *trem* é, do ponto de vista morfológico, mais reduzido que *coisa*, já que não se realiza no plural, então nossa expectativa é que seja essa a variante preferida em posição sujeito. A distinção sujeito e objeto é também relevante para a interpretação dos nominais nus, que aparecem como o segundo fator a ser testado.

No que diz ao tipo de sintagma, interessa-nos verificar se o item se apresenta como um nome nu, isto é, um nome que tem comportamento nominal e, portanto, menos pronominal. O tipo de verbo, por sua vez, é relevante, porque o sintagma, em posição de sujeito, é selecionado pelo verbo e seu objeto. Desse modo, poderemos compreender melhor o próprio resultado do primeiro fator. O outro fator linguístico é o tipo de expressão em que as variantes ocorrem, se é cristalizada ou não. Isso permite identificar processos de lexicalização da língua. A expectativa é que, em expressões cristalizadas, não haverá variação. Esperamos *knockout* ao rodar o programa. O último fator é a presença de modificadores na variante. A análise desse material vai permitir avaliar se o nome geral em análise está mais próximo ou mais distante de pronomes.

Foram selecionados como quantitativamente significativos dois fatores. Um deles é um fator social: o gênero.

TABELA 2 - Distribuição das variantes *trem* e *coisa*, conforme o gênero do informante

	<i>trem</i>			<i>coisa</i>		
	N.	%	P.R.	N.	%	P.R.
Masculino	39	25%	.66	116	74%	.34
Feminino	9	7%	.30	104	92%	.70
Total	48			220		

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

A tabela mostra que os homens preferem usar o nome geral *trem* enquanto as mulheres preferem *coisa*. Uma vez que as mulheres preferem formas não estigmatizadas, esta tabela nos leva à suposição de que as variantes sejam estilisticamente estratificadas e que o uso do item *trem*, quando empregado como nome geral, seja favorecido em estilos informais. Para buscar evidências a favor dessa hipótese, foi feito um levantamento das ocorrências de *coisa* e *trem* em textos formais, mais exatamente textos produzidos por professores em sala de aula. Não foram verificadas ocorrências de *trem*, usado como nome geral, na fala dos professores, mas várias ocorrências de *coisa* o foram. Esse resultado parece confirmar que as variantes são estilisticamente condicionadas⁴⁷.

Vejam agora o outro fator considerado significativo: a faixa etária. A Tabela abaixo mostra os resultados numéricos.

TABELA 3 - Distribuição das variantes conforme a faixa etária do informante

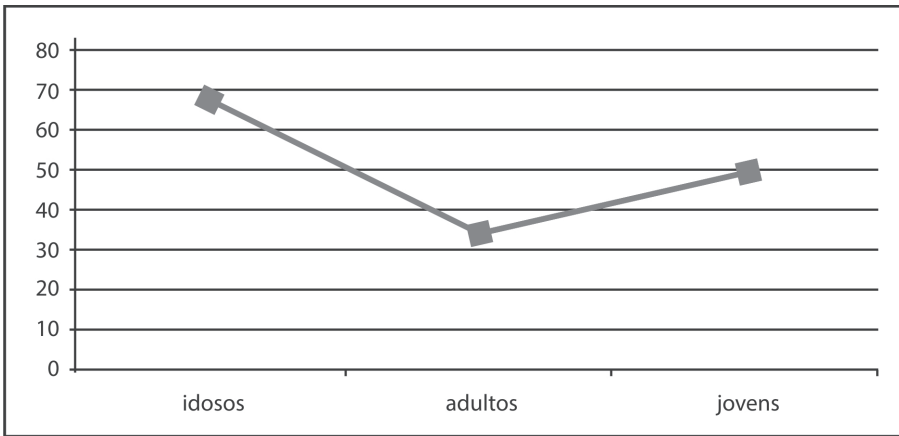
	<i>trem</i>			<i>coisa</i>			Total
	N.	%	P.R.	N	%	P.R.	
Jovem	16	19	.47	68	81	.53	84
Mediano	7	8,2	.33	80	91,8	.67	87
Velho	25	25,8	.68	72	74,2	.32	97
	48			220			268

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

Pode-se ver que as três faixas etárias usam *coisa* com mais frequência, conforme mostra a coluna em percentuais. Entretanto, quando observamos o peso relativo, verificamos estratificação etária e um crescimento nos pesos relativos a *trem*. Veja-se na Figura 5 o perfil desta variante.

⁴⁷ O corpus analisado, transcrito por Adilson Ferreira de Souza, compõe-se de 15.000 palavras e aparece como Anexo, em sua dissertação de mestrado (cf. SOUZA, 2008).

FIGURA 5 - Gráfico com a distribuição da variante *trem* conforme a faixa etária dos informantes



Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

Este perfil sugere mudança em progresso, uma vez que a frequência na fala dos jovens é menor que a frequência na fala dos idosos.

O outro fator considerado quantitativamente significativo foi a presença, ou não, de determinante. Os subfatores foram [Det_], [_] e [(Det) _ Modificador], tal como exemplificado, respectivamente, em (3-5).)

(3a) então eu sô danada fala[r] as **coisa[s]** errada...

(3b) a cabeça doen[d]o me deu um **trem** pra eu num vê[r] a dor da cabeça (PRG)

(4a) fala que vê muita **coisa** eh ... ah ...e gente que já morreu e já vorto (PRG)

(4b) dez hora[s] da ;manhã ... nós chego[u] lá nós ficamo[s] comen[d]o essa bobiça de **trem** ... no bar (PRG)

(5a) mesma **coisa** de sê mãe pra ela (PRG)

(5b) falô que era um **trem** que apareceu no/[na estrada (PRG)

Os resultados aparecem na Tabela 4.

TABELA 4 - Distribuição das variantes *trem* e *coisa*, conforme a presença do determinante

	<i>trem</i>			<i>coisa</i>		
	N.	%	P.R.	N.	%	P.R.
[+determinante _]	44	24	.64	137	75	.36
[-determinante _]	04	04	.23	83	95	.77
Total	48			220		

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

Este fator revela algo muito importante: o item *coisa* é preferencial quando não há determinante. A análise dos dados em que há presença de determinante mostra uma alta frequência de indicadores de quantidade indefinida, como ‘um monte de coisa’ ou ainda quantificadores, como *qualquer*. Já o item *trem* apresenta determinantes do tipo “esse”, o que explicita seu uso anafórico por excelência.

Os outros fatores analisados não se mostraram quantitativamente significativos.

Para concluir, gostaríamos de ressaltar que o fato de o Pacote GOLDVARB 2001 (ROBINSON, J.S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S.A., 2001) ter apontado fatores significativos constitui uma evidência de que a concorrência entre os nomes analisados neste capítulo pode ser reconhecida como variável linguística, mais exatamente, como variável lexical. O item *trem*, como se pode ver, concorre com o nome geral prototípico *coisa*, o que mostra que ambos desempenham as mesmas funções, e possuem estatuto gramatical semelhante.

Estes resultados coincidem com os de Amaral (2014) no que diz respeito ao uso de *trem* com demonstrativos. Esse autor também verifica ser uma tendência do nome *trem* a retomada anafórica de entidades negativas e de entidades concretas.

7.3 AS VARIANTES *COISA* E *NEGÓCIO*

A investigação do comportamento linguístico das variantes *coisa* e *negócio* tomou como objeto de análise a mesma amostra. Foram

encontradas 220 ocorrências do item *coisa*, enquanto 21, do item *negócio*, respectivamente 91% e 8%.

Agora, vejamos as ocorrências em que há variação.

- (6) eu num acreditava... assim... nessas **coisa**... de assombração (PRG)
(coisa ~ assombração)
- (7) eu gosto muito dela ... eu gosto de Lourdinha ... ela ... ela tinha um **negóço** de:: quarquê coisa que falava com ela desmaiava nó (PRG)

Os fatores condicionadores linguísticos testados foram os mesmos, a saber: (a) função sintática na sentença; (b) tipo de sintagma; (c) tipo de verbo; (d) tipo de expressão, se expressão cristalizada ou não; (e) além de tipo de material que constitui o sintagma; ainda, (f) faixa etária e (g) gênero.

Foram considerados quantitativamente significativos pelo Goldvarb os fatores faixa etária e função sintática na sentença.

Vejamos agora o fator faixa etária do informante.

TABELA 5 - Distribuição das variantes *negócio* e *coisa*, conforme a faixa etária do informante

	Negócio			Coisa		
	N.	%	P.R.	N.	%	P.R.
Jovem	12	15	.67	68	85	.33
Idoso	9	5	.42	152	94	.58
Total	21			220		

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

A tabela mostra que os jovens preferem usar o nome geral *negócio* enquanto os idosos preferem *coisa*. O perfil sugere mudança em progresso. Vejamos agora o outro fator selecionado pelo Goldvarb.

TABELA 6 - Distribuição das variantes *negócio* e *coisa*,
conforme o a função sintática na sentença

Fator	<i>Negócio</i>			<i>coisa</i>		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Sujeito	6	24	.80	19	76	.20
Objeto	10	8	.52	105	91	.48
Predicativo	5	4	.41	96	95	.59
Total	21			220		

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

As ocorrências que documentam estas funções sintáticas são:

a) **Sujeito:**

(8) aconteceu uma **coisa** (PRG)

(9) o meu **negócio** é trabaíá... era serviço enxada e foice (PRG)

b) **Objeto verbal:**

(10) fala com mãe que ele tá ruim demais[s] ... mãe levanta pa[ra] da[r]
ele um **trem** (PRG)

(11) eles fala muito **negócio** de assombração assim (PRG)

c) **Predicativo:**

(12) então tinha uma cadeia... diz que era uma **coisa** de loco a cadeia
(CMP).

(13) então é um **negócio** que é legal assim né? (CMP).

Observa-se o favorecimento do item *negócio* na posição de sujeito, alcançando o peso relativo de .80. Uma explicação para esse favorecimento seria o fato de esse nome geral ser recente e, diacronicamente, é na posição de sujeito que itens mais recentes se realizam. Outros itens da língua, quando

usados com referência indefinida ou arbitrária, também são favorecidos pela posição de sujeito. É esse o resultado encontrado, respectivamente, por Ramos (1997) e Souza (2007), em relação às formas pronominais *você* e *eles*.

Feitas estas considerações de caráter quantitativo sobre os fatores significativos, vejamos algumas especificidades reveladas pela análise de corpora.

7.4 REVISITANDO NOSSA AMOSTRA

Nas seções anteriores, analisamos os contextos em que os itens *trem*, *negócio* e *coisa* se comportam como variantes sociolinguísticas. Conforme mencionamos, algumas ocorrências do item *coisa* foram excluídas, por não configurarem variação. A exclusão de dados pertencentes a uma amostra constitui um procedimento metodológico recomendável, a fim de evitar obscurecimento do fenômeno analisado.

Aqui, entretanto, os dados excluídos têm um duplo papel: além de atender a uma questão de natureza metodológica, vão permitir identificar propriedades que distinguem os dois itens analisados. Se tivermos em conta que um dos itens em análise é um nome geral prototípico, o conjunto de dados excluídos adquire ainda maior interesse.

Esta seção vai se desenvolver do seguinte modo: inicialmente, apresentaremos os dados excluídos do corpus em classes. Cada classe será, por sua vez, discutida, tendo em vista o conjunto de propriedades definidoras dos nomes gerais apresentadas no capítulo 1.

Inicialmente, é preciso chamar a atenção para um fato curioso: todas as ocorrências de *trem* e *negócio* se mostraram substituíveis pelo item *coisa*, mas o inverso não ocorreu. Por esta razão citaremos os contextos em que *coisa* exibiu um comportamento inesperado.

7.4.1 Contextos em que o nome geral *coisa* não entra em competição com os itens *trem* e *negócio*

Para efeito de análise quantitativa, conforme mostramos nas seções anteriores, analisamos enunciados em que ocorriam os itens *trem* ou *coisa* ou *negócio*. Em seguida, adotamos o seguinte procedimento: substituir o item

coisa por *trem*, ou vice-versa, em cada enunciado. Se, após a substituição, o enunciado se tornasse inaceitável, seria excluído. Desse modo, chegamos à exclusão de 34 enunciados, conforme afirmamos no início deste capítulo.

7.4.1.1 Grupo de *coisa* como um item lexical *coringa*

Coisa substitui um item lexical que ou não foi lembrado pelo falante no momento da enunciação ou foi evitado. A inserção de *coisa* permitiu a não interrupção do enunciado. Os outros dois itens parecem não exibir esta propriedade. Para verificar isso, vamos comparar o enunciado original e o enunciado após sofrer substituição.

(14a) mais ele... mais ele **coisa**... falou com nós (CP)

(14b) *mais ele... mais ele **trem**... falou com nós

(14c) *mais ele... mais ele **negócio**... falou com nós

Em (14a), o item *coisa* substitui um verbo. O falante poderia ter usado *argumentou*, mas, em vez desse item lexical, usou um item lexical *coringa*, que é uma das propriedades dos nomes gerais – a de preencher lacunas desse tipo. Veja que os itens *trem* e *negócio* parecem não conseguir desempenhar essa função. Por isso (14b) e (14c) aparecem com asterisco e são inaceitáveis para um falante do português brasileiro.

Em (15), o item *coisa* preenche a lacuna de um adjetivo.

(15) cê num era **tão... coisa** não ... cê já foi lá sim [= tão pequena]

7.4.1.2 Grupo das construções comparativas com *de*

Aqui aparece uma expressão “mesma coisa de”. Essa expressão equivale a *como* ou *o mesmo que*. É importante observar que o pronome demonstrativo “o” é analisado neste contexto como portador do gênero neutro, o que permitiria alcançar um nível maior de generalização.

- (16a) [era] **mesma coisa de** se[r] mãe p[a]ra ela (PRG)
 (16b) *era **mesmo trem** de se[r] mãe p[a]ra ela
 (16c) ?era **mesmo negócio** de se[r] mãe p[a]ra ela⁴⁸
 (17a) pedi mas é **a mesma coisa de** manda bebe mais (PRG)
 (17b) pedi mas é **o mesmo que** manda bebe mais
 (17c) pedi mas é **como** manda bebe mais

Veja-se que o item *negócio* leva a uma ocorrência (menos) inaceitável. Parece se explicitar aqui uma hierarquia: *coisa* > *negócio* > *trem*.

Outros enunciados do mesmo tipo são:

- (18a) igualzinho **mesma coisa** o que fala no livro (PRG)
 (18b) igualzinho **o mesmo que** o que fala no livro
 (18c) igualzinho **tal como** o que fala no livro
 (19a) que ele num falô falô assim “prá mim é **a mema coisa** se num tivesse machucado... (PRG)
 (19b) que ele num falô falô assim “prá mim é **como** se num tivesse machucado...

7.4.1.3 Grupo das construções comparativas

O item *coisa* ocorre dentro da expressão *com coisa que*, equivalente a *como se*, conforme já comentado no capítulo 3.

- (20a) eu falei que eu im vinha andano **com coisa qu'** eu num tava andano à pé tava pisano no ar...= como se (PRG)
 (20b) eu falei que eu im vinha **andano como se** eu num tava andano à pé tava pisano no ar..

⁴⁸ O sinal do ponto de interrogação [?], usado no início da sentença, significa que o enunciado apresenta uma construção não totalmente aceitável.

7.4.1.4 Grupo das construções com verbo de alçamento

(21a) *Pesquisador*: e [v]ocê já teve alguma vez que [vo]cê penso[u] que ia morrer[r]?

Informante: eu já nisso aí so[u] ... so[u] tam[b]ém... eu já pensei porquê a última menina me[s]mo que eu tive... **parece coisa** que a dor depois que [a]cabo[u] a anestesia... parece coisa que ela tinha vindo p[ar]a mata[r] (PRG)

(21b) *parece negócio/trem que a dor depois que [a]cabo[u] a anestesia

Em (21a), a expressão *coisa que* pode ser suprimida, sem que o enunciado se torne inaceitável, como em (22a) e (22b). Parece, portanto, um expletivo.

(22a) parece ~~coisa que~~ a dor depois que [a]cabo[u] a anestesia (PRG)

(22b) parece a dor depois que [a]cabo[u] a anestesia

Em línguas cujo expletivo se realiza fonologicamente, um pronome aparece como sujeito do verbo.

(23a) It seems a pain

Estruturalmente, (23a) exhibe *it* na mesma posição que *coisa*.

(23b) seems [it a pain]

Há, entretanto, uma diferença importante entre (22a) e (23a): a presença do item ‘que’. No entanto, em inglês, a construção [sujeito [parece que.....] é mal formada. De acordo com Nunes (2008), o item que aparece à esquerda de ‘que’ seria o sujeito da sentença. Assim, a derivação da sentença (21a) seria a seguinte:

(24) parece [[que coisa a dor depois que acabou a anestesia]

Essa análise permite identificar uma semelhança importante entre [coisa] e o expletivo [it], no inglês (NUNES, 2008). Em outras palavras, construções do tipo (21a) fornecem evidência de que o item *coisa* pode funcionar apenas para preencher posições sintáticas e, por isso, teria alcançado o estatuto de expletivo. Os expletivos são itens, geralmente pronominais, que não têm conteúdo semântico e, por isso, podem ser suprimidos sem prejuízo da interpretação semântica da sentença.

7.4.1.5 Grupo com a presença de modificador à esquerda

(25a) num pensei é ... **grandes coisa** que eu já sei

(25b) *num pensei é... **grandes trem/negoço** que eu já sei

A ordem adjetivo-nome é vetada com outros nomes gerais, mas não com nomes comuns. Comparem-se:

(26a) meninos bons

(26b) bons meninos

(27a) nós bons indivíduos

(27b) *bons nós indivíduos

Como analisar a má formação das construções marcadas com asterisco em (25b) e (27b)? Um caminho seria verificar se os grupos (7.4.1.1 a 7.4.1.5) mostram que o item *coisa* está mais próximo de nomes ou mais próximo de pronome do que os outros nomes gerais com os quais concorre.

As construções apresentadas no grupo (5), identificadas pela permissão de possuir modificador adjetival à esquerda, evidenciam uma propriedade dos nomes, pois pronomes não aceitam ser precedidos por modificadores. O grupo 7.4.1.4, identificado como ocorrência de *coisa* com verbos de alçamento, configura uma questão intrigante, pois, conforme vimos, línguas que possuem expletivos fonologicamente realizados, apresentam um expletivo pronominal na posição ocupada por *coisa*. Em outras palavras, a expressão *coisa* parece se comportar sintaticamente como um expletivo. O grupo 7.4.1.2

inclui os comparativos e aqui, o item *coisa* parece se comportar como um pronome demonstrativo neutro *o*, em construções como *o mesmo que*. O grupo 7.4.1.1 inclui ocorrências em que *coisa* tem comportamento semelhante a uma raiz que ainda não se definiu categorialmente⁴⁹ e, por isso, pode ocupar o lugar sintático de nomes, verbos e adjetivos. Finalmente, tem-se, no grupo 7.4.1.3, um comportamento tipicamente nominal. Se tivermos em conta que os próprios pronomes não apresentam comportamento uniforme, podemos concluir que as classes mostram etapas de um percurso que conduz a nomes a pronomes. Além disso, evidenciam que a realização da função anafórica é possível a todos os nomes gerais analisados. Já o comportamento de expletivo ou de raiz que aceita nominalizadores e verbalizadores distingue os nomes gerais analisados.

CONCLUSÕES

Neste capítulo, apresentamos uma análise variacionista, em que os nomes gerais figuram como variantes dependentes. Os resultados confirmaram este estatuto e permitiram ainda verificar que a distribuição das variantes é condicionada por fatores linguísticos e sociais. Portanto, o uso de *coisa*, *trem* e *negócio*, na amostra analisada, constitui um caso de variação sociolinguística.

A análise variacionista ainda permitiu identificar contextos em que a variação não ocorre. Nestes contextos foram registradas construções em que o item *coisa* desempenha funções que os outros nomes gerais (ainda) não desempenham. Tais diferenças, se analisadas à luz de uma teoria sintática, podem fornecer subsídios importantes para a proposta de uma hierarquia dentro da classe dos nomes gerais, tal como apontamos, ao discutirmos o Grupo 2.

⁴⁹ Estudos desenvolvidos no âmbito da Morfologia Distribuída assumem que Nome, Adjetivo ou Verbo não se constituiriam em um primitivo, mas sim no resultado da combinação de uma raiz com um nominalizador, um verbalizador, etc. (HALE; KEYSER, 2002).

EVOLUÇÃO DIACRÔNICA DOS NOMES GERAIS

INTRODUÇÃO

No capítulo 1 deste volume, vimos que a investigação da origem dos nomes gerais conduz, pelo menos no que diz respeito ao item *Dinge*, *Sache* ('coisa') do alemão, a um nome comum que designa objetos pequenos, sem importância, caóticos; os objetos assim nomeados recebem conotação pejorativa (MIHATSCH, 2006b).

A propósito destas observações, formulamos algumas questões que repetiremos aqui, por motivo de clareza. São elas: (1) todos os nomes gerais se originam de nomes que designam objetos pequenos, sem importância, caóticos? (2) todos os nomes gerais possuem conotação pejorativa?

Na busca de respostas, é necessário proceder a uma investigação diacrônica. A fim de viabilizar essa tarefa, vamos adotar os procedimentos metodológicos utilizados por Ramos (2011a, 2013), ao analisar o nome geral *trem*. Tais procedimentos consistem em comparar verbetes de dicionários dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, observando as acepções dos itens, as locuções e as informações que dizem respeito a estilos e dialetos. O propósito é identificar a evolução das lexias, apontando diferentes momentos da história de cada uma. Nossas observações se somam às informações de natureza lexicográfica já inseridas nos capítulos 3, 4, 5 e 6, enriquecendo-as e sistematizando-as no eixo diacrônico.

Este capítulo compõe-se de seis seções. Nas quatro primeiras, analisaremos, respectivamente, os nomes gerais *trem*, *coisa*, *negócio* e *pessoa*. Na quinta seção, a partir da formulação dos passos de mudança propostos por

Campbell (1998/2004), buscaremos uma síntese do processo. Na conclusão, responderemos às questões (1) e (2) formuladas nesta introdução.

8.1 TREM

Em Bluteau (1721-1728, p. 267)⁵⁰, o mais antigo dicionário monolíngue da língua portuguesa, lê-se que “*trem* teria se derivado do latim *trabere*”, que é um verbo que significa “tirar, ou puxar alguma coisa, arrastar”:

E assim chamamos *Trem do Principe*, os seus domésticos, e a mais gente, porque puxa a sua pessoa, quando faz jornada; e *Trem da Artilharia*, são as peças de campanha, canhões, e carretas, que puxam por eles. (...) Também ouvi dizer do *Trem de cozinha*, mas não à pessoa, que se prestasse de falar com propriedade. (itálicos no original)

Veja-se que a acepção de *comboio* ou *trem de ferro* não aparece e nem poderia aparecer, pois a locomotiva é uma invenção do início do século XIX, cem anos após a escrita deste dicionário. Outro ponto importante a ser realçado neste verbete é que, já no início do século XVIII, começa a surgir uma acepção de ‘conjunto de objetos’, já desvinculada de *viagem* e *transporte*, sendo avaliada como ocorrência diferenciada das demais, visto ter sido documentada na fala de alguém cuja fala foi considerada “sem propriedade”, isto é, desautorizada. Nos dicionários recentes, essa distinção em relação à fonte é também registrada, usando-se, entretanto, a rubrica “popular”. Essa caracterização é tipicamente atribuída a inovações na língua, pois a maioria das mudanças linguísticas tem início na linguagem popular ou informal. Muitas vezes, como se sabe, inovações têm início na linguagem popular ou informal e passam a competir com formas já estabelecidas, suprimindo-as, ou convivendo com elas⁵¹.

⁵⁰ De acordo com Márcia Moisés Ribeiro sobre o Dicionário de Bluteau (In: Brasiliana da USP), os primeiros oito volumes foram escritos a pedido do rei D. João V de Portugal, entre 1712 e 1721. Em 1727, outros cinco mil verbetes foram incorporados à obra, o que resultou em dois outros volumes publicados em 1728. Disponível em www.brasiliana.usp/bluteau, [s/d].

⁵¹ Ver Labov (1994 e 2011).

No dicionário de Antonio Moraes Silva (1789, p. 487-8), que é uma versão reformada e acrescentada do dicionário de Bluteau (1712-1728) aparece uma novidade em relação à palavra *trem*: é sinônimo de ‘bagagem’. Lê-se: “a gente, a bagage que acompanha alguém de jornada. Trem d’artelharia, o aparelho dela”. Há também o registro de uma expressão popular, *ter trem de tartaruga* que ‘se diz por quem quanto tem sobre si o traz’. A referência a essa locução indica possivelmente o uso do item em estratos sociais mais baixos ou, pelo menos, em estilos menos formais.

No dicionário de M. Pinto (1832, p. 1065), lê-se: “A gente e bagagem que acompanha a alguém. O aparelho de artilharia, fallando dela. A expressão fallando dela” *informa-nos sobre o uso anafórico do item.*

Os dicionários de Amorim (1841) e outros registram apenas as expressões “trem de artilharia”. Roquette (1886, p. 41), diferentemente, registra “bagagem, bagagem ou bagage, cargas, equipagem, saccos, frasca, utensílios – virtualhas”. Vê-se a exclusão de pessoas como parte da referência da palavra ‘trem’.

Em dicionários contemporâneos, lê-se, em Oliveira (1973, p. 2142) que “todos os objetos que usa uma pessoa para viajar, bagagem; diz-se de todos os vagões que uma locomotiva puxa; utensílios domésticos”. Houaiss (2008), conforme vimos, registra uma acepção a mais, que é a de “conjunto de roupas com que uma pessoa se veste”. Ferreira (2009) registra doze acepções. Duas delas, não referidas em outros dicionários, são ambas indicadas como *brasileiras e populares*, a saber: (a) “qualquer objeto, coisa, troço ou treco”, acepções usadas em Minas e no Centro-Oeste; e (b) “diz-se de pessoa ou coisa ruim, ordinária, imprestável; trenheiro”; e, neste último caso, ocorreria como adjetivo de dois gêneros e de dois números em Minas. Chama a atenção aqui a inclusão da expressão “qualquer coisa” como um dos sinônimos, e ainda como informações referentes a dialetos brasileiros.

8.2 COISA

O item já aparece no século XIII: *cousa, coussa* e, no XVI, *coysa*⁵². Bluteau (1712-1728, p.596) já o registra, como um nome de sentido pouco especificado, descrevendo-o como *nome geral de quanto há, no mundo.*

⁵² Cf. CUNHA (1982, p. 194).

Silva (1755-1824, p. 284) apresenta duas grafias: *coiza* e *cousa*. Não há referência ao termo *nome geral*, usado por Bluteau (1712-1728) mas mantém a definição: “a tudo que existe ou pode existir, e nós concebemos se pode applicar este nome generalíssimo”. Chama a atenção o qualificativo *generalíssimo*, que certamente evidencia uma diferença em relação aos demais itens do dicionário. (SILVA, A. 1789, p. 284)

M. Pinto (1832, p. 299) mantém a definição de Bluteau, acrescentando ainda mais um nível de abstração: “nome geral de tudo que há, ou pode haver e nós concebemos”. Veja-se o acréscimo da expressão “nós concebemos”, o que inclui ‘o que é pensado’ e não apenas ‘o que há no mundo’.

Em Cândido de Oliveira (1973, p. 588), mantém-se a definição de Bluteau, reconhecendo-se a inserção do termo em um tipo específico de discurso, o discurso jurídico: “ser inanimado, objeto; aquilo em que se pensa; substância; matéria; objeto do Direito”.

Em Houaiss (2008), registram-se, além da definição de Bluteau, várias acepções, três delas sendo informais e uma, regional. Esses últimos usos configuram contextos em que o item adquire conotação pejorativa. Lê-se: “Em uso informal, o regionalismo: cigarro de maconha, na Paraíba; e ainda órgão genital feminino e algo imprestável, velho ou maltratado, traste, troço, bagulho”.

Ferreira (2009, p. 526) também registra várias acepções, indicando contextos de uso:

1. Aquilo que existe ou pode existir: *todas as **coisas** do Universo*.
2. Objeto inanimado: *os animais e as **coisas***.
3. Realidade, fato: *Não veremos palavras, mas **coisas** evidentes*.
4. Negócio, interesse: *Sabe tratar de suas **coisas***.
5. Empreendimento, empresa: *Agora a **coisa** vai*.
6. Acontecimento, ocorrência, caso: *Foi assim que se deu a **coisa***.
7. Assunto, matéria: *Trata-se de **coisa** séria*.
8. Causa, motivo: *Que **coisa** provocou o rompimento dos dois?*
9. Mistério, enigma: *Aí tem **coisa**, ninguém a entende*.
10. Pop. Perda dos sentidos, ou mal-estar ou indisposição indeterminada; troço: *Tomou uma dose exagerada do medicamento e teve uma **coisa***.
11. Bras. Gír. V. troço (2): *Traz esta **coisa** aí para eu examinar!*
12. Bras. PB V. baseado¹.
13. Bras. Pop. V. *diabo* (2). ~ V. *coisas*. (grifos nossos em negrito; itálicos no original)

O mesmo dicionário apresenta ainda várias locuções, como: “coisa de; coisa do arco-da-velha; coisa em si; coisa julgada; coisa pública”, e outras. (FERREIRA, 2009, p. 526).

Como se pode ver, o item *coisa* já entra na língua portuguesa como nome geral, diferentemente do item analisado na seção 8.2.

8.3 NEGÓCIO

No latim, o termo *negōŕiu* era empregado na acepção de contrato, ocupação. Aparece em Cícero: “Alcui negotium facessere, exhibere”, cuja tradução é ‘causar incômodo a alguém’ (apud CRETELLA JÚNIOR; CINTRA, 1953, p. 776). Parece haver aqui uma locução em que [nome e verbo] adquirem uma conotação pejorativa. Há registro do item “*negócio* na língua portuguesa no século XIII” (CUNHA, 1982, p. 546).

Bluteau (1712-1728) inclui *dois verbetes*. Define esse item como “*qualquer cousa* que nos pode ocupar com cuidado, com trabalho, com idas, e vindas”. No segundo verbete, lê-se: “interesse, conveniência, lucro”.

Em M. Pinto (1832, p. 746), *negócio* refere-se a “qualquer cousa, que se negocea”. Neste momento, já se usa *negócio* tanto no campo do comércio, quanto no da política, o que indica atividade comercial e já uma atividade discursiva.

Em Candido de Oliveira (1973, p. 1558), os sinônimos são: *tráfico; comércio; transação; questão; assunto de interesse; fazer negócio; qualquer assunto (Bras.) (pop.) coisa*. Pode-se observar aqui uma expansão de sentido, indo, do campo da política, para outros campos discursivos, o que se verifica pela presença, no verbete, do item *coisa* como um sinônimo de *negócio*, ainda que pertencente apenas à fala popular. Aqui parece plausível supor que a rubrica *popular* diz respeito, de fato, ao estilo informal.

Em Ferreira (2009), lê-se:

1. Comércio, tráfico: **negócio** de bebidas.
2. Relações comerciais; negociação, transação: *Tem **negócio** com uma firma do Pará.*
3. Convenção, combinação.
4. Empresa, ajuste, questão: ***Onegócio** foi resolvido com agrado geral.*
5. Negócio vantajoso; bom negócio: *Aquele*

*apartamento por 500 mil reais não é **negócio***. 6. Caso, coisa; assunto; fato: *De que **negócio** está você falando?;*— *Madrinha, o **negócio** é o seguinte: a mãe não deixou nem um xem-xem*”. 7. Bras. Pop. Fam. Qualquer objeto ou coisa; troço, trem. 8. Bras. Casa de negócio. // *Negócio da China*: Negócio muito lucrativo. [Sin., bras.: *negócio da Costa da Mina*.] // *Negócio da Costa da Mina*. Bras. Negócio da China. // *Negócio de compadres*: Aquele em que intervém o favor em vez da justiça. // *Negócio de pai para filho*: Negócio de pequeno lucro, ou de nenhum, ou, até, em que há prejuízo. // *Negócio de ocasião*: Bom negócio ou boa oferta. // *Negócio de orelha*: Bras. Troca dum animal por outro, sem volta. // *Negócio jurídico*: V. *ato jurídico*. // *Um negócio*: Bras. Gír. V. *um amor*(1): *A pequena é uma beleza, é **um negócio!*** (grifos nossos em negrito; itálicos no original)

Neste último verbete, aparecem vários significados, indicando atividade, e um que não é atividade, mas produto de alguma atividade, o que se realiza através da expressão “qualquer coisa cujo nome não se sabe ou não se quer dizer”.

8.4 PESSOA

O item *pessoa* aparece registrado no século XIII, e a forma *persoa*, no XIV (CUNHA, 1982, p. 600-1). Em Bluteau (1712-1728, p.466-7), há quatro verbetes com a entrada *Pessoa*: uma, acentuada na vogal [o], e as outras duas, sem acento. Essa multiplicidade de entradas indica reconhecimento da polissemia do termo: que *pessoa* é “a individual substância da natureza intelectual; masculino ou feminino indivíduo da natureza humana. Tanto tem um homem de pessoa quanto tem de razão, por isso o bruto não é pessoa, não é racional”. Veja-se que o significado incorpora um conceito de racionalidade, que já não é aceito hoje.

No outro verbete, lê-se que “por pessoa às vezes se entende o corpo, a figura, e o exterior do homem ou da mulher, e neste sentido se poderá dizer Corpus”. Aqui se confirma a polissemia do termo. O terceiro e o quarto verbetes definem pessoa gramatical e pessoa teológica.

M. Pinto (1832, p. 818) define *pessoa* como “Creatura racional. Individuo espirital, que subsiste per si mesmo, fallando de Deos”. E acrescenta algumas locuções, que o lexicógrafo reconhece como sentido figurado. “Fazer de pessoa”, ‘haver-se varonilmente, como homem esforçado’. “Homem de sua pessoa”, ‘o que é esforçado’.

Em Candido de Oliveira (1973, p. 1731): “criatura humana, individualidade de qualquer homem ou mulher, personalidade. (Jurisp.) Ser moral ou jurídica”.

Em Houaiss (2009): “indivíduo considerado por si mesmo; ser humano, homem ou mulher; indivíduo notável, eminente; personagem”. Não há registro de conotações pejorativas. Em Ferreira (2009), lê-se:

1. Homem ou mulher. 2. V. *personagem* (1): *O bispo era a primeira pessoa da cidade*. 3. V. *individualidade* (2): *A pessoa dele era motivo de chacota*. (...) // Pessoa coletiva. // Pessoa complexa. // Pessoa fictícia. // Pessoa física. // Pessoa interposta. // Pessoa jurídica. // Pessoa moral. (grifos nossos em negrito; itálicos no original)

Ressalte-se aqui o uso de *pessoa* como termo jurídico e a variedade de locuções equivalentes à *pessoa jurídica*: “pessoa coletiva; pessoa complexa; pessoa fictícia e pessoa moral” (cf. cap. 6).

Tal como *coisa*, *pessoa* já entrou na língua portuguesa como um nome geral, o que é comprovado pela aceção de criatura humana, referindo-se tanto ao corpo, quanto à individualidade do ser humano.

8.5 COMPARANDO OS VERBETES

Na comparação dos verbetes, vamos adotar como parâmetro, além do esquema apresentado por Campbell (1998/2004, cap.9), que identifica três estágios numa mudança semântica, também a noção de polissemia de (FALKUM, 2011, passim)

Estágio 1: α significa A

Estágio 2: α significa A e B ($A > A, B$)

Estágio 3: α significa B e A ($B > A$)

O que se inicia como um conceito A, no estágio 1, pode estabilizar-se ou convencionalizar-se, através do tempo, para falantes individuais ou dentro de uma comunidade linguística. Esse conceito pode ser ajustado numa direção específica, havendo generalização de sentido, o que resulta em polissemia, configurando o estágio 2. Pode ainda ocorrer que o conceito novo supere o original e, a partir daí, torna-se progressivamente rotinizado (Estágio 3). No nível sincrônico, conforme assinala Falkum (2011), falantes individuais podem diferir em relação a qual dos sentidos armazenam em seu léxico mental. Alguns falantes podem armazenar o significado mais ampliado (metafórico ou metonímico), outros falantes, mesmo dentro da mesma comunidade linguística, podem armazenar o significado não ampliado. Ambos, entretanto, são capazes de interpretar o termo presente no discurso, através de inferência pragmática.

Traugott e Dasher (2002) argumentam que inferências pragmáticas que nascem em contextos específicos podem tornar-se reanalisadas como parte do significado convencional associado com uma dada construção. Para estes autores, inferências pragmáticas são mecanismos descritos como inferências convidadas⁵³ e subjetificação⁵⁴.

A análise dos verbetes nos permite situar, no período de três séculos, a posição de cada item no processo descrito em (1). Os itens *coisa* e *pessoa* situam-se no estágio 1, isto é, são itens reconhecidos como nomes gerais, são vagos, ora são interpretados como entidades concretas, ora como entidades abstratas, ora específicas, ora não específicas. Já o item *negócio* configura o estágio 2, pois sua acepção preferencial é a de atividade, empreendimento; e sua nova acepção, a de *produto de uma atividade ou empreendimento* concorre com a outra, mas não é preferencial. O item *trem*, *por sua vez*, parece ter atingido o Estágio 3. Sua acepção de *algo que conduz alguém* é preferencial, embora seja resultante de um processo de restrição do conteúdo (homens e objeto => objeto).

⁵³ “Uma inferência convidada é um significado que é cancelável, em que o falante convida o ouvinte a inferir, e que surge através de processos metonímicos ou metafóricos.” (TRAUGOTT; DRESHER, 2005, s/p.).

⁵⁴ Por *subjetificação*, entenda-se “um processo semântico-pragmático em que os significados se tornam crescentemente baseados no estado de crença/atitude subjetivo sobre a proposição”. (TRAUGOTT, 1989, p. 35).

CONCLUSÕES

Neste capítulo, comparamos verbetes de dicionários de três séculos diferentes, dedicados aos atuais nomes gerais. Vimos que dois, dos quatro nomes gerais analisados neste volume, já entraram na língua portuguesa com esse estatuto (*pessoa e coisa*); os outros dois parece que só adquiriram esse estatuto no século XX (*negócio e trem*).

Quanto às questões inicialmente colocadas neste capítulo e repetidas abaixo, adiantamos que pudemos oferecer respostas ainda provisórias, já que os temas demandariam análises mais aprofundadas sobre a atitude dos falantes.

- (i) todos os nomes gerais se originam de nomes que designam objetos pequenos, sem importância, caóticos?
- (ii) todos os nomes gerais possuem conotação pejorativa?

No que diz respeito aos itens *trem e negócio*, podemos afirmar que não se originam de nomes que designam objetos pequenos, pois *trem*, originalmente, referia-se a conjuntos de pessoas e objetos que acompanham o rei. O item *negócio*, por sua vez, não tem origem num nome concreto, mas abstrato. Quanto aos itens *coisa e pessoa*, sua origem deve ser buscada na língua latina.

A questão (ii) também possui respostas que apontam direções distintas. Os itens *pessoa e coisa* não possuem conotação pejorativa. Uma evidência disso é terem sido incorporados ao discurso jurídico. O item *negócio* aparece em diferentes contextos e, eventualmente, pode adquirir conotação pejorativa, mas não se pode afirmar que carrega tal conotação. Já o item *trem*, quando usado como nome geral, pode adquirir conotação pejorativa, mas nem sempre. Observou-se, apesar disso, sua tendência a uma referência a entidades negativas.

Em resumo, os nomes gerais perfazem percursos distintos, têm origens diferentes e não necessariamente adquirem conotação pejorativa. Entretanto, um estudo sistemático entre nomes gerais de diferentes línguas, em relação aos parâmetros aqui referidos, poderá certamente iluminar as questões aqui discutidas.

EM BUSCA DE UMA SÍNTESE

A análise dos nomes *coisa*, *negócio*, *trem* e *pessoa* possibilita observar semelhanças no uso desses itens que sustentam sua inclusão na categoria dos nomes gerais. Retomaremos os aspectos desenvolvidos nos capítulos 3-8, especialmente aqueles que tratam da frequência e difusão dos nomes gerais; do tratamento lexicográfico; das propriedades morfológicas; das propriedades semânticas; e das propriedades textuais. A retomada dessas questões permitirá estabelecer relações entre o comportamento dos nomes gerais no Português Brasileiro e as propriedades apontadas nos capítulos 1 e 2. Desse modo, espera-se contribuir para a discussão relativa ao estatuto categorial dos nomes gerais.

9.1 FREQUÊNCIA E DIFUSÃO

Com relação à frequência, todos os itens analisados nesta obra são frequentes no corpus, tal como constatado por outros trabalhos sobre o tema (BIQ, 2004; MALMBERG, 2005). Apesar de haver diferenças entre um e outro, são itens que estão presentes em todos os municípios cujos dados foram estudados neste livro.

Além do mais, a análise de *coisa* mostrou que esse item, pela grande ocorrência, é o nome geral por excelência dos dados analisados do português. Observamos também que possui formas correspondentes em outras línguas (*cosa* (esp.), *thing* (ing.), *chose* (fr.), etc.), as quais também possuem propriedades de nomes gerais.

9.2 TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO

Uma das características dos itens estudados nesta obra é que apresentam grande número de acepções nos dicionários. Mas, consultando os dicionários históricos, não se encontra a acepção como nome geral para todos os itens. Observa-se, com efeito, que é recente a acepção como nome geral para os itens *negócio* e *trem*.

Outro ponto destacado na análise é que as obras apresentam várias locuções para os itens em estudo, o que vai ao encontro dos estudos de Biq (2004). Algumas ocorrem no corpus, mas o mais interessante é que o corpus revelou construções que ainda não estão registradas pelos dicionários, como: *coisa de louco*, *com coisa que*.

Podemos afirmar que o esvaziamento semântico desses itens contribuiu para o tratamento que as obras lexicográficas lhes conferem. Um exemplo claro ocorre com o item *pessoa*, cuja acepção histórica vinculava o conceito de ‘pessoa’ ao conceito de ‘racionalidade’.

9.3 PROPRIEDADES MORFOLÓGICAS

As análises apresentadas nos capítulos precedentes comprovam que os nomes gerais passam por modificações morfológicas. Se tivermos em conta que os substantivos no português apresentam flexão de gênero e número, nos capítulos anteriores vimos que, ao contrário dessa regra geral, alguns dos itens analisados não apresentam marcas nem de gênero nem de número. Ainda que o determinante se realize no plural, tais itens se realizam no singular. Essa ausência configura perda de flexão nominal. Em outras palavras, há marca de pluralidade em alguns dos nomes gerais, mas não em todos. Tomando as flexões de número e gênero como parâmetro, poderemos propor uma hierarquia:

coisa, pessoa > *trem, negócio*

Os itens que aparecem à esquerda do sinal ‘>’ mantêm os traços flexionais, mas os que aparecem à direita, não.

No corpus, são encontradas ocorrências das formas *negócios* e *trens*. No entanto, sua função não é de nome geral, mas de um nome comum, com referência definida. Vejamos:

- (1) Os **negócios** da família vão bem. (negócios = transações financeiras)
- (2) Os **trens** chegaram no horário marcado. (trens = comboios)

Ocorrências do tipo (1) e (2) revelam que nomes gerais e demais nomes podem ser homófonos e homógrafos. Podem ser, mas nem sempre o são. Conforme mostramos, os itens *trem* e *negócio* podem ter realizações fonéticas distintas:

- (3) [treĩ] e [tren]
- (4) [negosiw] e [negos]

Várias formas derivadas também foram registradas como *coiso* e *coisinba*, além de construções fixas como *esse negócio de*.

9.4 PROPRIEDADES SEMÂNTICAS

Com respeito às propriedades semânticas, vimos que há nomes gerais que retomam nomes com traço [+humano] e outros que retomam nomes com traço [-humano]. Ambos podem também retomar entidades mais abstratas, como processos e eventos.

Em relação a *coisa*, parece que esse item funciona como uma raiz à qual se somam afixos verbais ou nominais. Vejam-se as ocorrências:

- (5) Aí eu **coisei** (coisa + verbalizador)
- (6) Aí o **coiso** (coisa + gênero do referente)
- (7) **coisável** (coisa + sufixo adjetivador)

O fato de estes itens fazerem parte de locuções ou expressões fixas seria outra evidência de que funcionam como uma raiz de qualidade dêitica à qual se somam outros itens.

- (8) direito das coisas, negócio jurídico ou pessoa jurídica.
- (9) trem bão, só!
- (10) trem feio, uai!
- (11) negócio esquisito

A distinção [+humano] e [-humano] certamente permite identificar o referente do item *pessoa*, em contraposição aos referentes dos demais itens. Entretanto, conforme vimos, há eventualmente usos dos itens (8-11) que fogem a essa generalização.

Ocorrências do tipo (8) fazem parte da linguagem jurídica, por poderem se referir a nomes abstratos e processos, uma vez que a maior parte das normas jurídicas buscam alcançar generalizações amplas e universais.

Tais usos são possíveis pela perda de conteúdo referencial operado na matriz semântica dos nomes gerais. É consequência dessa perda o uso fórico.

Esse conjunto de propriedades leva à confirmação de que os nomes gerais se assemelham a pronomes. Uma vez que os pronomes não constituem uma classe homogênea, não poderemos perguntar a que propriedades exibidas por pronomes os nomes gerais se assemelham. Antes dessa pergunta é necessário identificar diferentes tipos de pronomes.

Reconhecendo que os pronomes têm estrutura interna não homogênea, Déchaine e Wiltschko (2002) identificam três tipos de pronomes. Formalizando a proposta de Cardinaletti e Starke (1999) o primeiro funcionaria como um Sintagma Determinante. Isso explicaria porque ele não coocorre com artigos e pode funcionar como sujeito, objeto de verbo e objeto de preposição⁵⁵. O segundo tipo funcionaria como traços de concordância, podendo ser sujeito, ou objeto, ou predicativo, e ainda poder funcionar como Determinante. O terceiro tipo seria como um sintagma nominal, e, por isso, poderia receber determinantes, mas não poderia receber complemento, nem ser sujeito ou objeto, apenas predicado. São exemplos de cada tipo:

⁵⁵ Há uma quarta posição estrutural apontada por Cardinaletti e Starke (1999), na qual a presença de um pronome DP resulta em má formação. Tal restrição se aplica ao inglês, mas não ao PB. Trata-se da presença do pronome DP em posição de predicado. (i) *Peter is he. (ii) *Pedro é ele.

Tipo 1: ~DP

(12a) **Ele** é bom.

(12b) **Ele** viu você.

(12c) *O **ele** veio aqui.

Tipo 2: ~Traço de concordância

(13a) Nós vamos.

(13b) Nós somos **nós**.

(13c) ***Os nós** somos assim

(13d) **Nós** linguistas fazemos análises sempre.

(13e) Os culpados eram **eles**.

Tipo 3: ~NP

(14a) **A** gente vem sempre aqui.

(14b) *A gente **triste** viu o que se passava.

(14c) *Gente gosta disso.

(14d) *Ele encontrou **gente**

(14e) Pedro é a gente; nós nos identificamos com ele.

Em outras palavras, Pro-DP pode ser um argumento, mas não um predicado, isto é, pode ser sujeito, mas não um predicativo.

Os phi-P funcionam como determinantes, e podem preceder nomes, como ‘nós linguistas’.

Já um pro-NP pode ser um argumento, mas não pode ser focalizado numa construção clivada, pode ocorrer como predicado e também receber determinantes. Pode ser precedido de um possessivo, um demonstrativo e pode ser modificado por um adjetivo. Além disso, é inerentemente constante, isto é, não pode funcionar como variável.

Embora sucinta, esta descrição é suficiente para fazer nossa comparação. O tipo estrutural que mais se aproxima seria pro-NP, na medida em que os nomes gerais podem ser argumentos e predicados, podem ser modificados por determinantes, quantificadores, adjetivos e possessivos, mas não podem ser focalizados em construções clivadas, como mostram as sentenças abaixo:

- (15) O **trem** é o seguinte.
- (16) Ela é um **trem**/ um **negócio**!/ uma **pessoa**/uma **coisa**!
- (17a) Um **trem** caiu no meu olho.
- (17b) Dois **trem**/**negócio**/duas **coisas**/ desse(as) acontecendo comigo é muito azar (referência a evento)
- (17c) Que **trem** bom!
- (18) *É trem que ele é.
- (19) ?Ele é **trem** de doido
- (20) Caíram **dois** trem no meu olho, agora não posso enxergar.
- (21) Você precisa ver que trem **feio** aconteceu comigo.
- (22) **Seu** trem tá mais complicado que o meu.
- (23) Toda festa é um **trem** infernal.

Em relação ao conjunto das propriedades de pronomes do tipo sintagma nominal, os nomes gerais manifestam todas elas, exceto o fato de poder comportar-se como variável. Aqui, o nome geral se comporta como um pronomes que contém apenas traços de concordância.

Podemos concluir que os nomes gerais têm um caráter misto, por apresentarem propriedades de pronomes-sintagmas nominais e pronomes que apenas contém traços de concordância.

Ainda em relação a seu comportamento sintático, podemos comparar nomes gerais com os demais nomes.

Nomes referenciais como *João* apresentam referência disjunta em (24a), isto é, entende-se que duas pessoas são referidas, ambas chamadas *João*. É impossível haver correferência. Nomes e pronomes, por outro lado, podem ser correferentes no mesmo contexto sintático, como em (24b) e (25). No caso dos nomes gerais, pode também haver correferência, como em (26).

- (24a) *O João_i caiu em cima do João_i no cinema.
- (24b) O João_i caiu em cima dele_i no cinema
- (25) A gente_i caiu em cima da gente_i no cinema
- (26) O trem_i embarçou no trem_i e despencou escada abaixo.

Enumeraremos a seguir propriedades pronominais e faremos uma avaliação de cada nome geral em relação a uma delas.

FIGURA 6 - Quadro comparativo das propriedades de nomes e pronomes

Propriedades	<i>coisa</i>	<i>negócio</i>	<i>Trem</i>	<i>pessoa</i>	pronomes DP	nomes típicos
1. "A entidade de seu referente pode somente ser determinada pelo contexto linguístico" (SIEWIERSKA, 2004, p. 9). ⁵⁶	sim	sim	sim	sim	sim	não
Têm como fonte nomes sociais, se 2ª pessoa (LEHMANN, 2002, p. 35)	não	não	não	não	quase sempre	sim
Pronomes de 3ª pessoa têm, como fonte, determinantes.	não	não	Não	não	sim	não
Aparece sem determinante e sem modificador, se for singular.	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Encontra-se em todas as posições: adjunto > especificador > núcleo nominal > núcleo de determinante (ROBERTS; ROUSSOU, 2003).	não	não	não	não	sim	não
Permite modificação adjetival (BHAT, 2004)	sim	sim	sim	sim	não	sim
Admite coocorrência com numeral (ABNEY 1987; BHAT, 2004)	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Admite modificação por nome ("we men" test (POSTAL, 1969, p. 217-219)), se for plural.	não	não	não	não	sim	não
Submete-se ao Princípio B da Teoria de Vinculação e não ao Princípio C (MENUZZI, 1999) ⁵⁷	sim	sim	sim	sim	sim	não

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

A análise do Quadro acima permite identificar duas diferenças entre Nomes e nomes gerais: (1) referente determinado pelo contexto e (2) pode ser correferente a um item da sentença, desde que este não esteja numa relação estrutural do tipo sujeito/objeto.

⁵⁶ No original: "the identity of their referents can be determined only by the extralinguistic context (for first- and second-person forms) or typically the linguistic context (for third-person forms) or inferentially".

⁵⁷ Os Princípios da Teoria de Vinculação são: (a) as anáforas devem ser vinculadas a um certo domínio; (b) os pronomes devem ser livres nesse mesmo domínio e (c) as expressões referenciais não podem ser vinculadas (CHOMSKY, 1981, s/p., tradução adaptada por MIOTO et al., 2000, p. 155-161). Os exemplos (i) e (ii) são de Menuzzi (1999). O exemplo (iii) é nosso. Comparem-se: (i) Nós vimos uma cobra atrás de nós; (ii)*O Paulo viu uma cobra atrás do Paulo; (iii) O trem₁ empurrou tudo atrás do trem₁.

Pode-se perguntar, então, o que explicaria essas semelhanças. Estudos sobre a gramaticalização de pronomes mostram que muitos têm como origem os nomes, principalmente os pronomes de segunda pessoa. Esse processo é descrito como perda de traços semânticos e morfológicos.

A análise empreendida nos capítulos anteriores mostra que houve, de fato, perda de traços semânticos, fonológicos e morfológicos. É importante ressaltar que nem todos apresentam perdas idênticas. Vimos que *negócio*, quando nome geral, perde traços fonológicos e traços semânticos (capítulo 4). O item *trem* perde o traço de número e também traços semânticos (capítulo 5 e Introdução). Os itens *coisa* e *pessoa*, diferentemente dos demais, mantêm traços de número, embora semanticamente empobrecidos (capítulos 3 e 6). Para uma síntese, ver o quadro da figura 7.

FIGURA 7 - Quadro com a síntese das propriedades semânticas, fonológicas e morfológicas apresentadas nos capítulos 1-6

	<i>pessoa</i>	<i>coisa</i>	<i>trem</i>	<i>negócio</i>
Referência vaga (x qualquer)	+	+	+	+
Traço [+ animado]	+	-	-	-
Sofre redução sonora	-	-	+	+
Marca de plural	+	+	-	-
Flexão de gênero	-	-	-	-
Sufixo derivacional	+	+	+	+
Precedido de determinante	+	+	+	+
Aparece com modificadores: Adjetivo Oração relativa Sintagma Preposicional				+
Aparece no predicativo	+	+	+	+
X+ verbalizador	-	+	-	+
Aparece em expressão fixa	+	+	+	+
[+ fórico]	+	+	+	+
Perda de traços semânticos em relação ao século XVIII	-	-	+	+

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

A comparação das propriedades exibidas nos capítulos anteriores nos permite atribuir aos nomes gerais um caráter não homogêneo, tal como demonstrado nas análises dos pronomes. Temos, de fato, mais de um tipo de nomes gerais, o que nos leva a propor o seguinte agrupamento:

(27) coisa/pessoa > trem/negócio

O primeiro par seria menos gramaticalizado, ainda conservando flexões. Já o segundo par seria mais gramaticalizado, tendo perdido traços fonológicos, semânticos e flexões, a partir do século XVIII.

Do ponto de vista discursivo, também podemos observar subagrupamentos no conjunto dos nomes gerais.

FIGURA 8 - Quadro com as propriedades discursivas dos nomes gerais no Português Brasileiro

	<i>pessoa</i>	<i>coisa</i>	<i>trem</i>	<i>negócio</i>
Uso como nome vazio	+	+	+	+
Ênfase	+	+	+	+
Provimento da uma introdução de um tema no discurso	+	+	+	+
Retomada do discurso prévio,	+	+	+	+
Manifestação em expressões cristalizadas	+	+	+	+
Discurso não planejado	+	+	+	+
Discurso planejado	+	+	-	-
Intenção de deixar vaga a referência	+	+	+	+
Utilização como pausa para preencher vazios motivados por falha de memória.	+	+	+	+

Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

O Quadro acima mostra que há, do ponto de vista discursivo, poucas diferenças entre os itens analisados. O uso em discurso planejado é a propriedade que distingue os mesmos pares apontados em (27).

A comparação dos quadros nos leva a capturar mais uma semelhança entre nomes gerais e pronomes: ambos não constituem uma classe homogênea. Tanto os pronomes quanto os nomes gerais contêm subtipos identificáveis a partir de propriedades semânticas e morfossintáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente livro procurou sintetizar a pesquisa desenvolvida sobre uma subclasse de nomes cujas propriedades se evidenciam quando contrapostas às propriedades dos nomes comuns e dos pronomes. Um nome geral prototípico é aquele que aceita determinantes e modificadores, mas não os exige. Pode ser usado anaforicamente. Se anafórico, pode retomar entidades ou eventos. A relação semântica com o antecedente pode ser descrita como acarretamento, embora bastante vaga. Pode ser parafraseado por pronome. Seu conteúdo descritivo é mínimo, o que permite seu uso dêitico. A recuperação de sua referência exige informações presentes no contexto situacional/verbal. Sua frequência é significativamente superior à de nomes comuns.

Argumentamos que, metodologicamente, os nomes gerais podem ter suas propriedades evidenciadas, se forem analisados como variantes linguísticas de nomes gerais prototípicos, como *coisa* e *pessoa*. Estes apresentam um comportamento semelhante em diferentes línguas. Comparem-se *chose* (francês), *cosa* (espanhol), *thing* (inglês), *dongxi* (chinês), dentre outros. Argumentamos, ainda, que a pesquisa em dicionários de diferentes épocas constitui um método proveitoso para depreender as mudanças semânticas operadas no item durante sua história. Uma acepção, apresentada nos dicionários, pode ser considerada um identificador seguro de que um nome comum alcançou o estatuto de nome geral. É a acepção de ‘qualquer coisa’ ou ‘qualquer pessoa’.

Nesta obra, descrevemos o comportamento sintático, semântico e discursivo de quatro nomes gerais do português brasileiro. O conjunto dos nomes gerais é bem mais amplo, conforme indicado no capítulo 2. Nosso recorte teve o propósito de fornecer uma descrição detalhada destes comportamentos. Ficam, para uma próxima etapa de trabalho: (a) o detalhamento das alterações sonoras de cada item; (b) a investigação das questões pragmáticas envolvidas

na opção por um ou outro item em situações reais de uso da língua; (c) a investigação da rejeição social de alguns dos nomes gerais; e (d) a explicação do próprio uso e evolução de nomes gerais em diferentes línguas.

Esperamos ter mostrado que esse tema é bastante rico, podendo ser explorado a partir de diferentes enfoques teóricos.

REFERÊNCIAS

- ABNEY, S.P. *The English noun phrase in its sentential aspect*, Ph.D. Dissertation, MIT, 1987.
- ALKMIM, M.A. & CHAVES, E. (orgs.) *Corpus Piranga*. Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2011. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/mineires>. Acesso em: 24 abr. 2014.
- AMARAL, Francisco. *Direito civil*: introdução. 7. ed. rev., atual. e aum. Rio de Janeiro: Renovar, 2008.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *Os nomes gerais em três localidades mineiras*. Campanha, Minas Novas e Paracatu. *Todas as Letras*, v. 15, n. 1, 2013a. pp. 138-151.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. A referência a outras pessoas por meio de nomes gerais em dados de língua oral. *(Con)textos linguísticos*, v. 7, n. 9, 2013b. pp. 42-60.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Os nomes gerais no ordenamento jurídico brasileiro. *Fórum Linguístico*, v. 10, n. 3, 2013c. pp. 170-181.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque (org.). *Corpus do projeto O uso dos nomes gerais nos falares mineiros*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013d. Disponível em www.lettras.ufmg.br/nomesgerais/. Acesso em 24 abr.2014.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Análise de um nome geral na fala dos mineiros: *para que serve esse trem?* *Revista Trama*, v. 10, n. 20, 2014. pp. 27-43.
- AMARAL, Marisa Porto do. *As proparoxítonas: teoria e variação*. 1999. 222f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- AMARAL, Marisa Porto do. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-126.
- AMORIM, J. P. *Diccionario de Marinha que aos Officiaes da Armada Nacional Portuguesa*. Disponível em: <<http://arquivohistoricomadeira.blogspot.com/2010/08/dicionário-de-marinha-joao-pedro-de.html>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

AULETE Digital: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br/>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

BARBOSA, E.R.S.; TEIXEIRA DA CONCEIÇÃO, F.J.A.; ALVES RAFAEL, G.C.R.; DE PAULA, J.N.S. *Negócio* como nome geral no falar de Minas Gerais. *Crátulo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, UNIPAM, 5(2), 2012. pp. 180-198.

BEVLÁQUIA, Clóvis. *Teoria geral do direito civil*. Ed. rev. e atual, por Caio Mario da Silva Pereira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BHAT, D.N.S. *Pronouns*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BIBER, D., JOHANSSON, S.; LEECH, G.; CONRAD, S.; FINEGAN, E. *Longman grammar of spoken and written English*. Harlow: Pearson Education, 1999.

BISOL, Leda. O acento e o pé binário. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 29, n. 98, p. 25-36, dez. 1994.

BIQ, Young-O. People, things and stuff: general nouns in spoken mandarin. *Concentric: Studies in Linguistics*, vol. 30, n. 1, pp. 41-64, 2004. Disponível em: <http://goo.gl/bnbAMX>. Acesso em: 13 abr. 2014.

BORBA, F. S. (Org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulário Português e Latino. 1712-1728. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: maio de 2007.

BRASIL. Decreto-Lei 4244, de 9 de abr. 1942. Lei orgânica do ensino secundário. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 18 ago. 2012.

BYBEE, Joan, Revere Perkins and William Pagliuca. *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago: University of Chicago Press.

CAMPBELL, L. *Historical Linguistics*. An Introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004 [1998].

CARDINALETTI, A.; STARKE, M. The typology of structural deficiency. A case study of the three classes of pronouns. In: VAN RIEMSDIJK, H. (a cura di). *Clitics in the Languages of Europe* [EALT/EUROTYP 20-5]. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 1999. pp. 145-233.

CASTILHO, A.T. Português Culto Falado no Brasil: história do Projeto NURC/BR. In PRETI, D.; HURBANO, H. A língua falada culta na cidade de São Paulo. Vol. IV. São Paulo: TAQ/FAPESP, 1990.

CASTILHO, Ataliba T. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CLEAR, J. H. The British National Corpus. In: LANDOW, G. P.; DELANY, P. (eds.). *The Digital Word: Text-based Computing in the Humanities*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. pp. 163-187.

CORRÊA, L. T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolinguística*. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos). UFMG. Belo Horizonte, 1998. 89f.

COULTHARD, M. *Advances in written analysis*. London and New York: Ed. Routledge, 1994.

CRETELLA JÚNIOR, J.; CINTRA, G. U. *Dicionário Latino-Português*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

CUNHA, A.G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 194.

DAVIDSON, D. Truth and meaning. In: *Inquiries into truth and interpretation*. Oxford U.P, 1962.

DAVIDSON, D. Truth and meaning. *Synthese* 17 (1), 1967. pp. 304-323.

DECHAINED, R.-M. and M. WILTSCHKO. Decomposing Pronouns, *Linguistic Inquiry* 33(3), 2002. pp. 409-442.

DEUTSCHLAND. *Bürgerliches Gesetzbuch*. Disponível em <<http://www.gesetze-im-internet.de/bgb/>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

EGERLAND, V. Impersonal pronouns in Scandinavian and Romance. *Working Papers in Scandinavian Syntax*, v. 71, 2003. p. 75-102.

FALKUM, I.L. *The Semantics and Pragmatics of Polysemy: A Relevance-Theoretic Account*. PhD. London: University College, London, 2011.

FARIA, Ingrid de Castro. O item *coisa* na rotulação do discurso. In: AMARAL, Eduardo Tadeu Roque (org.) *Estudos de semântica*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. pp. 41-48. (Viva Voz)

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio*. Versão 6.0. 4. ed. Curitiba: Positivo Informática, 2009. 1 CD-ROM.

FIAMENGUI, Ana Helena Rufo. *A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes de São José do Rio Preto*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2011. 142f.

FIUZA, César. *Direito Civil*: curso completo. 15 ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2011.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B. CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. pp. 191-228.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. *Advances in written analysis*. London and New York: Ed. Routledge, 1994. pp. 83-101.

FRANCIS, G. *Anaphoric Nouns*. Discourse Analysis Monographs 11. Birmingham: English Language Research. University of Birmingham. 1986.

FRONEK, Josef. *Thing* as a function word. *Linguistics*, v. 20, 1982. pp. 633-654.

FULGÊNCIO, Lúcia. *O problema da interpretação dos elementos anafóricos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1983. 130f.

GEERAERTS, Dirk. Lexical variation in space. AUER, Peter; Erich Schmidt, Jürgen (ed.). *Language in Space. An international handbook of Linguistic Variation. Volume 1: Theories and Methods*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. pp. 821-837.

GELDEREN, E. Economy, innovation, and prescriptivism: from Spec to head and head to head. *Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 7, 2004, pp. 59–98.

GIACALONE RAMAT, Anna; SANSÒ, Andrea. The spread and decline of indefinite *man*-constructions in European language: An areal perspective. In: RAMAT, Paolo; ROMA, Elisa (eds.). *Europe and the Mediterranean as linguistic areas*: convergencies from a historical and typological perspective. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007. pp. 95-131.

GONÇALVES, Carlos Roberto. *Direito civil brasileiro*: parte geral. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HALE, K.; KEYSER, J. *Prologomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. 14. ed. London / New York: Longman, 1995 [1976].

HARWEG, Roland. *Ein Mensch, eine Person und jemand*. *Zeitschrift für deutsche Sprache*, v. 27, 1971. pp. 101-112.

HASPELMATH, Martin. *Indefinite pronouns*. Oxford (Oxford studies in typology and linguistic theory): Clarendon, 1997.

HEINE, Bernd; Ulrike CLAUDI; Friederike HÜNNEMEYER. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd; SONG, Kyung-An. On the genesis of personal pronouns: some conceptual sources. *Language and cognition*, v. 2, n. 1, 2010. pp. 117-147.

HEINE, Bernd; SONG, Kyung-An. On the grammaticalization of personal pronouns. *Journal of Linguistics*, v. 47, 2011. pp. 587-630.

HERNÁNDEZ MUÑOZ, Natividad. Sobre la categorización del tiempo y el espacio en disponibilidad. In: HERNÁNDEZ SOCAS, Elia; SINNER, Carsten; WOTJAK, Gerd (eds.). *Estudios de tiempo y espacio en la gramática española*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2011. pp. 175-196.

HEUSING, Gerald. Die südlichen Iwoo-Sprachen: Beschreibung, Vergleich und Rekonstruktion (Nilo-Saharan 19). Cologne: Köppe, 2004.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization, Volume I*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 1991.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

HOZ HERNÁNDEZ, Concha de. Las palabras comodín: sobre *cosas*, *cacharros*, *chismes* y *cachivaches*. In: *Actas del XVI Congreso Internacional de ASELE*, 2005. pp. 396-401. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/16/16_0394.pdf. Acesso em: 30 out. 2012.

HSU, Yen-ching. General noun, dongxi, in spoken Mandarin. [s.d ; S/D]. Disponível em 2013. web.nhcue.edu.tw/ezcatfiles/2013/img/img/754/P209.pdf. Acesso em: maio de 2013.

JOBIM, Antonio Carlos; MORAES, Vinicius. Chega de saudade. Disponível em: <<http://www.jobim.org/jobim/handle/2010/11006>>. Acesso em: 30 maio 2014.

KLEIBER, G. *Rencontre(s) avec la généricité*. Metz: Université de Metz / Klincksieck, 1987a.

KLEIBER, Georges. L'hyponymie revisitée: inclusion et hiérarchie. *Langages*, v. 98, 1990. pp. 7-32.

KLEIBER, Georges. *Nominales*: essais de sémantique référentielle. Paris: Armand Colin, 1994.

KLEIBER, Georges. *La semántica de los prototipos*: categoría y sentido léxico. Trad. Antonio Rodríguez Rodríguez. Madrid: Visor Libros, 1995.

KLEIBER, Georges. Mais à quoi sert donc le mot chose? Une situation paradoxale. *Langue Française*, v. 73, pp.109-128, 1987. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1987b_num_73_1_6431>. Acesso em: 18 ago. 2012.

KOCH, I. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria J.; OLIVEIRA, R. P. (orgs.). *Sentido e significação*: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 244-262.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. *Lengua hablada en la Romania*: español, francés, italiano. Madrid: Gredos, 2007.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972a.

LABOV, W. *Language in the inner city*: Studies in the Black English vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972b.

LABOV, Willian. *Principles of Linguistic Change*: internal factors. Blackwell: Oxford e Cambridge USA (Internal Factors). 1994. 662 f., v. 1.

LABOV, W. *Principles of Linguistic change*. Volume III: Cognitive and Cultural Factors. Oxford: Wiley Blackwell, 2011.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, n 7, Cambridge, 1978. pp. 171-182.

LAVANDERA, B.R. *Variación y significado*. Buenos Aires, Hachette 1. Los limites de la variable sociolinguística, 1984. pp.37-46.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 2nd revised edition. Er Arbeit 1995 [1982]. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/24853253/Thoughts-ongrammaticalization-Christian-Lehmann>>. 2002. Acesso em: 11 nov. 2011.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACNAMARA, John. *Names for things: a study of human learning*. Cambridge: MIT Press, 1982.

MAHLBERG, Michaela. *English general nouns: a corpus theoretical approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

MARQUES, M. H. D. Léxico de alta frequência na língua portuguesa. In: HEYE, J. (org). Flores verbais, uma homenagem linguística e literária para Eneida do Rego Monteiro Bomfim no seu 70º aniversário. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. pp. 247-282.

MELO, Ana Deusa de Amorim Gonzaga. *O item lexical coisa em eventos de fala de informantes de Maceió*. Alagoas: 1999, apud SANTOS et al., 2006.

MENUZZI, S. *Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese*. Dissertação de Doutorado, Leiden University, 1999.

MIHATSCH, Wiltrud. De plantas, animales y (otros) objetos: lexemas cultos genéricos entre léxico y gramática. In: ALEXANDRE VEIGA; GONZÁLEZ PEREIRA, M; SOUTO GÓMEZ, Montserrat (eds.): *Léxico y gramática*. Lugo: Tris Tram (Linguas e lingüística; 3), 2002. pp. 237-248.

MIHATSCH, Wiltrud. *Machin, truc, chose: la naissance de marqueurs pragmatiques*. Drescher, Martina; Job, Barbara (Hrsg.): *Les marqueurs discursifs dans les langues romanes: Approches théoriques et méthodologiques*. Frankfurt am Main: Lang, 2006a. pp. 153-172.

MIHATSCH, Wiltrud. *Kognitive Grundlagen lexikalischer Hierarchien: untersucht am Beispiel des Französischen und Spanischen*. Tübingen: Max Niemeyer, 2006b.

MILROY, Lesley; GORDON, Mathew. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.

MIOTO, C. *et al. Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2000.

NETTELBLADT, Daniel. *Systema elementare universae jurisprudentiae naturalis*. Halle: Renger, 1749, apud AMARAL F., 2008. p. 388.

NUNES, J. Inherent Case as a Licensing Condition for A-movement: The Case of Hyper-raising Constructions in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, V. 7, 2008. pp. 83-108.

OLIVEIRA, A.J. *Comendo o final das palavras*: análise variacionista da haplogogia, elisão e apócope em Itaúna (MG). Tese de Doutorado - Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

OLIVEIRA, Candido de. *Dicionário mor da língua portuguesa ilustrado*. São Paulo: Livro'Mor para Pedagógica Brasileira, [1976].

OLIVEIRA, Cândido. *Dicionário-mor da Língua Português*. São Paulo: Livro-Mor Editora Ltda/Editora Pedagógica Brasileira, 1967.

OLIVEIRA, Claudia M. Garcia Medeiros de. *O substantivo-suporte: critérios operacionais de caracterização*. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Pedro Luís Teixeira. No braseiro. [S/l], [s/d]. Disponível em: < <http://www.plap.com.br/plap/letras.asp?id=227>>. Acesso em: 30 mai. 2014.

PELO, Adriana. I “nomi generali” nella lingua dei giornali italiani. In: Lichem, K.; Mara, E.; Knaller, S. (ed.). *Parallela 2: aspetti della sintassi dell'italiano contemporaneo*, Atti del 3° incontro italo-austriaco di linguisti a Graz (28-31 maggio 1984), Gunter Narr, Tübingen, 1986. pp. 205-214.

PEREIRA, Caio Mário da Silva. *Instituições de direito civil*. vol. 1: introdução ao direito civil – teoria geral de direito civil. 25. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

PINTO, Luiz Maria da Silva. Dicionário da língua brasileira. 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

POSTAL, P. On So-called “Pronouns” in English. In: REIBEL, D. A.; SCHANE, S. A. (Ed.). *Modern Studies in English: Readings in Transformational Grammar*. Englewood Cliffs/New Jersey: Prentice Hall, 1969.

RAMOS, Jânia. O uso da forma você, ocê e cê no dialeto mineiro. In DA HORA (org.) *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa. Idéia, 1997. pp. 43-60.

RAMOS, J. M. A palavra trem. Quem Sabe: Catálogo de Especialistas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. Texto reproduzido na Revista da Minas Faz Ciência, 28, p.49, 2007.

RAMOS, J. M. (org.) *Corpus do Projeto Mineirês*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. Disponível em: www.letas.ufmg.br/mineires. Acesso em 22 nov. 2011.

RAMOS, Jânia; FREITAS, T.; ROMERO, S.; SANTOS Jr., C. O surgimento de um nome geral: hipóteses e evidências. Belo Horizonte, 2011b. Comunicação apresentada na Semana de Eventos da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, outubro de 2011. pp. 17-21.

RAMOS, Jânia. (org.) *Corpus Mineirês*. 2012. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Disponível em: <www.fale.ufmg.br/mineires>. Acesso em: 15 jun. 2012.

RAMOS, Jânia M. O surgimento de um nome geral: a lexia *trem* no dialeto mineiro. In: RAMOS, Jânia M.; COELHO, Sueli M.. *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. pp. 137-147.

RAMOS, J. A lexia 'trem' no dialeto mineiro. Salvador, 2011a. Comunicação apresentada no I Encontro Internacional do Léxico. Universidade Federal da Bahia. Salvador, abril de 2011a. Resumo disponível em: <http://www.iciel.ufba.br/modulos/programacao/pro_visualiza_atividade.asp?ati_codigo=26950>. Acesso em: 3 dez. 2013.

RAMOS, J. Um caso de mudança semântica: o item 'trem'. 2014 (Inédito).

RIBEIRO, Márcia Moisés. Projeto de digitalização do Dicionário português e latino de Raphael Bluteau (coord.). Biblioteca José é Guita Mindlin. Disponível em : <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/008349.shtml>>. Acesso em: maio de 2007.

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. *Syntactic Change* : a minimalist approach to grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ROBINSON, J.S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S.A. *Goldvarb 2001* : a multivariate analysis application for Windows, 2001.

ROCHA, Sonia. Predicador em sentenças com “coisar”: estruturas temáticas. In: *Anais do CELSUL*, 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/te4wJV>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

ROQUETTE, José Ignacio. *Diccionario dos synonymos, poético e de epithethos da língua portugueza*. Paris: Moulon e C., 1861.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão*: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, D. et al. Resumo da actividade da Linguateca de 15 de Maio de 2003 a 15 de Dezembro de 2006. *Linguateca*, 2006. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/documentos/index.html#1162390000>. Acesso em: 2 dez. 2014.

SANTOS, Renata L. de A; SALGADO, Soyany S.; ALBUQUERQUE, Emanuelle C. M. M.; MOURA, Maria Denilda. Uma investigação do vocábulo “coisa”: múltiplas funções sintáticas e semânticas, numa perspectiva variacionista. *Anais do XI ENAPET*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em <<http://goo.gl/FSudwi>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

SAVIGNY, Friedrich Karl von. *Sistema del Derecho Romano Actual*. Tomo II. Madrid: F. Góngora Editores, 1879, apud AMARAL F., 2008. p. 388.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese (Doutorado em Linguística) - Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)* - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, v.12, dez. de 1994. pp. 37-49.

SCHMID, Hans-Jörg. *English abstract nouns as conceptual shells*. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2000.

SCHMID, Hans-Jörg. 'Presupposition can be a bluff': how abstract nouns can be used as presupposition triggers. *Journal of Pragmatics*, v. 33, 2001. pp. 1529-1552.

SIEWIERSKA, Anna. *Person*. Cambridge - New York: Cambridge University Press, 2004.

SILVA, Antonio de Moraes. Dicionário da língua portuguesa. 1789. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

SINCLAIR, J. *Collins COBUILD English grammar*. London & Glasgow: Collins, 1990.

SINCLAIR, J. "Planes of di'The twofold voice. Essays in Honour of K.Mohán, 1981.

SOUZA, E. M. *O uso do pronome 'eles' como recurso de indeterminação do sujeito*. Dissertação de mestrado - Faculdade de Letras, UFMG, 2007.

SOUZA, A.F. *A modalização enunciativa no discurso do professor em sala de aula: uma análise dessa prática nas 8^{as} séries do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. 135f.

SOUZA, Josimeire Lourdes de. O uso de nomes genéricos em contextos fóricos na oralidade. In: AMARAL, Eduardo Tadeu Roque (org.) *Estudos de semântica*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. pp. 49-61. (Viva Voz)

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge University Press, Cambridge, 2006.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. On the rise of epistemic meanings in English: An example of subjectification in semantic change. *Language*, v. 65, 1989. pp. 31-55.

TRAUGOTT, E. C.; R. B. DASHER. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. Lexicalization and grammaticalization. In: A. Cruse, F. Hundsnurscher, M. Job, P. R. Lutzeier, eds., *Lexikologie/-Lexicology*. Berlin: Walter de Gruyter, Vol. 2, 2005. pp. 1702-1712.

VELOSO, Caetano. Qualquer coisa. Disponível em: < http://www.caetanoveloso.com.br/decadade70/musica.php?id_disco=80>. Acesso em: 28 jul. 2014.

VITRAL, Lorenzo. O que faz um dialeto ser “errado”? In: RAMOS, Jânia M.; COELHO, Sueli M.. (orgs.) *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. pp. 121-136.

OS AUTORES

Eduardo Tadeu Roque Amaral

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto III de Linguística da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. É autor de capítulos de livros e artigos publicados em periódicos nas áreas de sociolinguística, semântica e estudos do léxico.

Jânia Martins Ramos

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) desde 1998. É Professora Associada IV da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. É autora de livros, capítulos de livros e artigos nas áreas de sociolinguística, história da língua e sintaxe.

Este livro apresenta os resultados de uma pesquisa sobre os *nomes gerais*, uma subclasse de nomes que não tem sido objeto de estudos sistemáticos no Brasil.

Um nome geral prototípico é um item que, entre outras propriedades, possui conteúdo semântico mínimo, alta frequência na língua e é usado pelo falante para a referência a entidades cujo nome ele não sabe, não quer ou não pode mencionar. Além disso, em muitas línguas, os nomes gerais constituem a base da formação de pronomes.

Nesta obra, descrevemos o comportamento morfosintático, semântico e discursivo de quatro nomes gerais do português brasileiro: “coisa”, “negócio”, “trem” e “pessoa”. Observamos ainda aspectos sociolinguísticos no emprego desses nomes.

Ao longo da obra, procuramos discutir questões como: Se nomes gerais dão origem a pronomes, que processos ou operações se realizam? Do ponto de vista diacrônico, o que é possível afirmar sobre a trajetória *nome > nome geral > pronome*?